

IVIA ALVES

(ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO)



Amélia Rodrigues
ITINERÁRIOS PERCORRIDOS

IVIA ALVES

Amélia Rodrigues ITINERÁRIOS PERCORRIDOS

QUARTETO
EDITORA

IVIA ALVES
(Organização e apresentação)

AMÉLIA RODRIGUES:
Itinerários percorridos

NÚCLEO DE INCENTIVO CULTURAL DE
SANTO AMARO
1998

Pesquisa realizada sob a responsabilidade de
Ivia Alves
Responsáveis pela coleta do material
Alessandra Leila Gomes
Milena Britto
Digitação e revisão
Milena Britto

Ficha catalográfica:

Amélia Rodrigues : itinerários percorridos/ Organização e apresentação
de Ivia Alves. – Salvador : NICSA/Bureau, 1998.
A 498 125 p.

Inclui Bibliografia

1. Rodrigues, Amelia – Crítica e interpretação
2. Rodrigues, Amelia – Biografia

CDU Rodrigues, A. 06
CDU 869.9309

1. Rodrigues, Amelia – Biografia
2. Rodrigues, Amelia – Crítica e interpretação
3. Rodrigues, Amelia – Fausta (teatro)

IVIA ALVES
(Organização e apresentação)

AMÉLIA RODRIGUES:
Itinerários percorridos

incluindo
FAUSTA
(peça dramática em 4 atos)
1ª impressão

NÚCLEO DE INCENTIVO CULTURAL DE
SANTO AMARO
1998

Patrocínio
Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia
Fundação Cultural do Estado da Bahia
NICSA
NÚCLEO DE INCENTIVO CULTURAL DE SANTO AMARO
Rua José Silveira, 1 – Santo Amaro – Bahia – CEP 44200-000
Telefax: 075-241-1450
ANO: 1998

APRESENTAÇÃO

Há escritores que conseguem, em vida, sua glória. Outros a conseguem após a morte. Mas há muitos, centenas de escritores e escritoras, que, pelas contingências do seu tempo e das posteriores, jamais conseguem um momento em que se ilumine sua obra.

Para que isso não venha a acontecer com Amélia Rodrigues, o NICSA tomou a iniciativa de, colocar em circulação um estudo sobre o seu itinerário intelectual, além de publicar, pela primeira vez, a primeira peça dramática da autora, *Fausta*, escrita em 1886, quando ela atingia os vinte anos e que chegou até os nossos dias através de manuscrito, encontrado no seu acervo.

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa de quatro anos, apoiada pelo Instituto de Letras e NEIM (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher) da Universidade Federal da Bahia e pelo CNPq, proporcionando a formação de bolsistas, através do programa PIBIC. Durante esses anos foram bolsistas dedicadas: Alessandra Leila Gomes e Milena Britto, tendo esta última a responsabilidade da digitação e revisão do texto *Fausta*.

A produção literária de Amélia Rodrigues encontra-se dispersa. O seu acervo, que foi transferido e encontra-se sob a guarda do Instituto Feminino da Bahia, contém parte do material. Outra parte, a produção escrita entre 1893 e 1925, pode ser consultada na Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro). Temos, ainda, conhecimento de que as publicações *Leituras religiosas*, semanário editado pela Congregação Salesiana, podem ser consultadas na sede daquela ordem, em Barbacena, Minas Gerais. Outras obras isoladas da autora habitam diversas bibliotecas particulares.

No nosso caso, utilizamos o acervo da autora e o material encontrado na Biblioteca Nacional, além de algumas incursões em bibliotecas públicas e particulares de Salvador.

Interessadas que estávamos em resgatar, principalmente, a sua produção editada em livro, não nos ativemos a pesquisar os periódicos da época, nos quais ela escreveu sob diversos pseudônimos, sendo alguns identificados como Zé d' Aleluia, Marfisa, Juca Fidélis.

Embora seja de grande valor a coleta e a inclusão desse material jornalístico, algumas dificuldades nos mostraram que esse caminho seria por demais tortuoso, no momento.

Ao cabo de três anos, resgatamos grande parte da produção editada, além dos volumes da primeira revista escrita essencialmente por mulheres na Bahia e que tomou o título de *A paladina*.¹

A primeira parte deste livro é um documento vivo das possibilidades da escritora. Guardado entre os seus cadernos, encontramos o manuscrito de sua primeira peça, encenada, com sucesso, em Santo Amaro, em 1886, que, nunca veio a ser publicada até então.

A segunda parte dessa publicação corresponde a uma leitura do itinerário intelectual de Amélia Rodrigues, bem como do seu posicionamento com relação à literatura e às primeiras idéias feministas que estavam tendo ressonância no país e na Bahia durante o tempo de sua atuação.

A escritora passou a produzir com mais intensidade quando da primeira onda feminista (fim do século XIX e início do XX) e muito dessa produção refletiu seu posicionamento diante do papel das mulheres brasileiras. A autora lutou a favor de uma melhor educação para as moças e propugnou pela igualdade de oportunidades e pelo voto feminino na sociedade.

Mas não devemos apenas escrever sobre Amélia, o mais importante é deixá-la falar por sua própria voz. Além da peça teatral, que vai editada pela primeira vez, incluímos alguns de seus poemas a fim de que o leitor perceba os vários caminhos e sendas trilhados por uma mulher escritora no fim do século XIX.

Esperamos que esse trabalho alcance seu objetivo – dar voz a escritora Amélia Rodrigues.

Salvador, março de 1998
Ivia Alves

¹ *A paladina* será objeto da dissertação de Mestrado de Aline Paim.

Amélia Augusta Rodrigues

FAUSTA

DRAMA EM 4 ATOS

1ª impressão

Transcrição e edição do texto por
Ivia Iracema Duarte Alves

Critérios adotados

O caderno onde Amélia Rodrigues escreveu a peça tem as dimensões de 21,5 x 16cm. A escrita ocupa todo o espaço do suporte sem margens. O manuscrito autógrafo apresenta uma letra cursiva tirada para direita, enquanto as marcações de cenário e postura de personagens estão em letra arredondada de traço vertical.

A preocupação ao publicar um texto manuscrito é dirimir todas as dificuldades para que o leitor possa ler sem dificuldades e com prazer o texto impresso, mas sem deixar de assinalar as importantes revisões realizadas pela autora imediata ou em leitura posterior.

Assim, preferimos quase não interferir no texto, apenas atualizando a ortografia mas conservando as construções características da época da autora, como a vírgula antes da conjunção coordenativa aditiva.

Procuramos, também, preservar a pontuação (que provavelmente indica as marcas das falas para os atores).

Não tivemos a pretensão de realizar uma edição filológica, embora assinalemos determinadas características do manuscrito, inclusive para mostrar a riqueza e convidar especialistas em edições críticas e de crítica genética a se deter sobre o material. Para isso empregamos alguns critérios:

Os acréscimos ao texto são indicados com o auxílio de [].

Algumas vezes sinalizamos em nota de pé de página a sua emenda, interlinhas sobrescrito ou à margem (à direita ou à esquerda).

As rasuras são do mesmo modo apontadas em nota de pé de página e quando possível são explicadas.

Usamos para indicar a nossa intervenção no texto com relação a desdobramentos de possessivos, pronomes de tratamento e abreviaturas o *itálico negrito*. Empregam-se os () quando há intervenção nas palavras.

Para marcação de cena ou o comportamento dos personagens empregamos o parênteses e fonte Arial narrow para diferenciar das falas dos personagens transcritas em Times New Roman, fonte 11.

ATO I

Sala bem mobiliada com janela e porta à esquerda para um jardim.

É noite.²

Cena 1^a

Fausta, ao pé de uma banca no centro da sala, prepara dois buquês.

Fausta: Estão lindos, lindíssimos, dignos de figurarem num baile. Cravos brancos, sempre vivas, botões de rosa e margaridas. Brilhou hoje o jardim!... Faltam às fitas para os laços. (Bate num tímpano) Oh Lúcio!

Cena 2^a

Fausta e Lúcio.

Lúcio: Minha senhora...

Fausta: Vai dizer a Joana que me mande umas fitas azuis.

Lúcio: Sim, senhora. (Sai)

Cena 3^a

Fausta só, rindo.

Fausta: Ou o Amâncio dá hoje alguma coisa de si, em paga deste buquê, ou eu perco-me no meu próprio conceito. Quero ir ao baile da formatura do Menezes e faltam-me uns brincos de diamantes. Os meus já estão fora da moda. Se não tiver novos, lá não vou. Tinha que ver. [Pequena pausa] O Amâncio há de cair com os cobres; se há de!... (ri-se) O bobo!... O pior será se se encontram ambos, ele e o Luigi. (Tira um relóginho) Sete horas em ponto, Luigi vem sempre às 8 e 1/2, e ele às 8 já está pregado à mesa do tapete verde.

² O primeiro ato aparece com o título: Primeiro Ato:

“A corda do abismo”. Como os atos seguintes não obedeceram a mesma regra, preferimos omiti-lo.

Cena 4^a
Fausta e Lúcio.

Lúcio : Aqui estão as fitas, iaiá!

Fausta: Sim, deita aí. (Olha-o) Mas com que cara estás tu, Lúcio! Aposto que acabaste de ler agora um 5º ato de tragédia ou de fazer exame de consciência.

Lúcio: Acabei de pensar em si, minha senhora.

Fausta: Em mim? E por isso ficaste com essa cara de *de profundis*?

Lúcio (meio triste): Outrora acontecia o contrário: quando pensava em si ficava alegre, ria com os lábios e com o coração.

Fausta (risonha): E hoje?

Lúcio: Hoje... rio com os lábios somente, quando rio.

Fausta: E por que?

Lúcio: Porque... porque... *minha* senhora sabe porque; já lho tenho dito.³

Fausta: Tu és um visionário. Papai⁴ devia ter-te mandado estudar para padre, havias de dar um ótimo pregador de moral, um excelente confessor.

Lúcio (com animação e tristeza): Antes não me tivesse ele metido um livro na mão, antes me tivesse *mandado* para o engenho, para a senzala, *para* o canavial, e não me chamasse para o seio de sua família e não me tivesse entregado o seu futuro na hora da morte, minha senhora!

Fausta (rindo): Jesus! Estás realmente lúgubre, assustador! Com ares de Jeremias chorando sobre as ruínas de Jerusalém.

Lúcio: Pode gracejar quando quiser, iaiá Fausta, mas tenha a certeza de que nada neste mundo me fará abandonar o encargo de velar por si! Nada me poderá fazer indiferente ao seu procedimento nem calar os conselhos que devo à sua ... à sua ...

Fausta: À minha... o quê?

Lúcio (hesitando): Leviandade!

Fausta (batendo o pé): Lúcio!!...

³ Minha por M^a - desdobramento das abreviaturas

⁴ No manuscrito- acréscimo de palavra sobrescrita e interrogação: Papai/ ou Avô?

Lúcio: Perdoe, minha senhora, e reconheça que eu não tenho intenção de ofendê-la quando lhe falo com [essa] franqueza. Minha senhora é criança, não tem pai e não tem experiência. O mundo é um abismo, coberto de flores, [ainda] mais belas do que essas que tem aí na mão. Se não houver um amigo sincero, desinteressado, que a conduza, que lhe mostre o caminho da virtude ... quem sabe o que acontecerá?... Eu, apesar de seu escravo, sou esse amigo... atenda, minha senhora, aos meus conselhos *que* não há de se arrepender.

Fausta (virando as costas e dirigindo-se *para* a mesa): Está bom, basta de sermão por hoje.

Lúcio: Enquanto *minha* senhora não se corrigir eu falarei.

Fausta (voltando-se *para* Lúcio): Mas eu é que não estou [disposta] para ouvir. Sou senhora de minha vontade, hei de fazer o que quiser. Papai já morreu, não tenho quem me dê ordens!

Lúcio: Seu pai deixou-me em lugar dele. Tinha confiança em mim, sabia quanto eu estimava [minha senhora].⁵

Fausta: E tu tomaste logo o pedido ao pé da letra e queres exercer sobre mim uma autoridade sem limites! Não estou em casa para isto, [e uma vez *por* todas te declaro], que não posso contrafazer-me nem afetar uma seriedade que não está no meu caráter. [Tenho, talvez, muitos]⁶ defeitos, porém não sou hipócrita. Rio, brinco, danço, canto e não sei onde está o mal disso. Todas as moças gostam de fazer a mesma coisa, a diferença é que umas abaixam os olhos, ficam mudas, dengosas, fingindo uma frieza que não sentem, outras levantam a fronte radiante de sorrisos e encaram de frente a sociedade.

Lúcio: Mas, minha senhora ...

Fausta (impaciente): Tá, tá, tá...

Lúcio: É pena que tenha tão má cabeça possuindo tão bom coração.

Fausta: Pois já está liquidada a questão, e seja esta a última vez que venhas para cá me apoquentar. Hei de me divertir, hei de passear, hei de me vestir bem... à última moda...

Lúcio: E onde está a verba para tanta despesa?...

Fausta: Temos outra!... E as minhas apólices?...

Lúcio: Não chegam para a metade de seus gastos.

⁵ "Minha senhora por sua família toda", rasurada.

⁶ Sobrescrito sobre rasura

Fausta (zombeteiramente): Já fizeste a conta?

Lúcio: Já!

Fausta: Pois eu ainda não me dei a esse trabalho.

Lúcio: Tem feito mal.

Fausta: Além disso, estou prestes a ter um dote de duzentos contos, uma soma bem bonita.

Lúcio: Se ganhar a demanda.

Fausta: Ganha está ela. O advogado ainda hoje me afiançou.

Lúcio: Deus o permita.

Fausta: Mas essa conversa já esta me aborrecendo; tratemos de outra coisa. Deixe-me dar os laços.

Lúcio: Pra que são esses buquês?

Fausta (com enfado): Ora esta! Para mim, para enfeitar os consolos.

Lúcio: Mas as jarras (têm) flores.

Fausta: Estão murchas, e eu embirro tanto com as flores murchas como com as moças feias. (Batem) Estão batendo, vai ver quem é?

Lúcio: Se for o Sr. Amâncio digo que iaiá não está em casa?

Fausta: Não, manda entrar. (Lúcio sai)

Cena 5^a

Fausta (só).

Fausta: Arre!... Este Lúcio não deixa passar camarão pela malha! É um Argos terrível! Antes não o tivessem feito tão letrado.⁷ [Um belo dia], mando-o plantar batatas. (Ouvem-se passos) É o Amâncio, pelo andar pesado. Se vier cheirando a vinho não o aturo muito tempo, apesar do interesse dos brincos de diamantes.

Cena 6^a

Amâncio Rosas e Fausta.

Amâncio (entrando): Excelentíssima minha senhora! Anjo deste paraíso, flor deste Éden!

Fausta (dirigindo-se a ele): Olá, Sr. Amâncio! Bem vindo seja! Estava ansiosa por vê-lo! Que feliz estrela o trouxe?...

⁷ Escrito sobre rasura.

Amâncio (colocando o chapéu): V.*Excelência*!... é a única estrela que me guia.

Fausta: Pois eu julgava que já se tinha esquecido de mim. Há um século, isto é, três dias, que não aparece. (Apertam as mãos)

Amâncio (dramaticamente): Eu? Esquecer-me de V.*Excelência*? Seria mais fácil o faminto esquecer-se do pão, o exilado esquecer-se da pátria, o enfermo da saúde e o desgraçado da ventura!

Fausta (rindo): Que entusiasmo!... Um rapaz de vinte anos não diria melhor.

Amâncio: E só os rapazes de 20 anos é que têm coração?

Fausta (sorrindo): Não, não, a anatomia prova o contrário. Mas faça o favor de sentar-se. (Sentam-se) Então, como tem passado?

Amâncio: Como podia passar longe de V.*Excelência*: morto de saudade, pensando sempre em si.

Fausta: O sr. está exagerando, sr. Amâncio.

Amâncio: Não exagero, creia. Desde que a vi pela primeira vez jurei amá-la, adorá-la sempre ...

Fausta (rindo): Isto de amar sempre - é engodo. A paixão dos homens é como as rosas de Malherbe: só vive durante uma manhã.

Amâncio: Injustiça! pura injustiça! Não digo que esses bonifrates de hoje, que ainda na casca do ovo já querem amar, [não] sejam volúveis; podem ser; mas um homem, na flor dos 40 anos como eu...

Fausta (rindo): Quarenta anos? Pois eu lhe dava 60 bem puxados.

Amâncio: Qual!... Mas como ia dizendo... um homem que não é criança, quando diz que ama, ama seriamente, até a dedicação, até [a]o sacrifício!...

Fausta (rindo): Pois desejava ver isso.

Amâncio (erguendo-se): Experimente: corresponda-me com a mesma paixão e verá até que ponto é idolatrada. Olhe, eu nunca me quis casar: tinha medo do matrimônio como o diabo na cruz, porém, queira a *senhora* ser minha mulher que eu lhe farei jubiloso o holocausto de minha opinião.

Fausta (levantando-se): Nós somos de idade muito desigual, e a sociedade...

Amâncio: Qual sociedade!... É uma palavra oca, inútil!⁸ O verdadeiro árbitro do amor deve ser a razão, o bom senso, e não essa coletividade incoerente, composta de mil vontades, de mil caprichos diversos, que faz tanto medo a espíritos mesquinhos.

⁸ "uma palavra oca, inútil!"

A sociedade só deve ser encarada sob o ponto de vista político, humanitário e civilizador. Faça bons códigos e cumpra bem as leis. Pegue no malho, na pena, no pincel, na espada, e eleve o país à altura do século. É só isso o que deve fazer.

Querer penetrar dentro do lar e dentro dos corações, dizer à moça: “não podes amar senão a este indivíduo que eu te designo, porque tem estes e aqueles predicados que julgo bons”, é absurdo, é ridículo, é até cruel. O que a religião não condena, a sociedade não pode condenar, minha senhora!... Se ela quer viver, gozando de suas regalias, o indivíduo também o quer! E logo que a vida por excelência é a vida moral do coração, que toda se resume em puros afetos, que se alimenta deles, não se postergue o amor! Se o amesquinhamos, se o matarmos, com ele morrerá o coração, com o coração o indivíduo, e com o indivíduo a mesma sociedade!...

Fausta (rindo): Tome fôlego, sr. Amâncio, pode engasgar!... Ah! ah! ah! Que tirada comprida!

Amâncio: Portanto, D. Fausta quem toma a sociedade por árbitro nessa questão não ama verdadeiramente. O amor é um senhor tão absoluto que não suporta a divisão de poder: reina [só], absolutamente só. Calca aos pés preconceitos, orgulhos, até deveres! No seu egoísmo, nada vê, nada ouve, nada recebe, e eleva-se acima de tudo.

Fausta: Correndo o risco de cair nas profundezas da realidade, quando se lhe derretem as asas.

Amâncio: Embora! Mas que importa isso se na plenitude do entusiasmo ele não sente a queda e julga-se feliz?... O amor tudo nivela: idade, posição, fortuna, barreiras que só ele pode transpor! Não há grandeza que não desça, não há humildade que não suba ao toque de sua varinha mágica. No mesmo coração alquebrado pelos anos ele se levanta florescente⁹ e o rejuvenesce; infunde-lhe novas esperanças, desenha-lhe novo futuro. Oh, o amor!... o amor!... Um poema de uma palavra, um universo de dois corações!...

Fausta (rindo): Está realmente esplêndido, sr. Amâncio!... Nunca o vi tão inspirado!... Sim **senhor!**... Estou admirada!... Ah! Ah! Ah!... Que ênfase! Que calor!... Parece um deputado discutindo um projeto de lei ...

⁹ flore[s]cente

Amâncio: Amemos, Fausta, amemos!... (Quer tomar-lhe as mãos, Fausta esquiva-se e vai à mesa).

Fausta: Espere aí, vou pagar-lhe o discurso em moeda de flores. (Dá-lhe um buquê) Aqui está, e diga que não foi bem pago.

Amâncio (tomando): Generosa, imensamente pago!... (Beija o buquê) Estas flores são o penhor da minha felicidade?

Fausta (rindo): Talvez.

Cena 7^a Os mesmos e Lúcio.

Lúcio: Minha senhora...

Fausta: Heim? (À parte) Chegou muito a propósito.

Lúcio: Aqui está um cartão que trouxeram.

Fausta: De quem? (Toma o cartão).¹⁰

Lúcio: Não [sei não], senhora.

Fausta: Está bom. (Vai à mesa e rasga o envelope) Ah! É do Osmundo. (Gesto de enfado) O que quer ele ainda? Já está maçante!...

(Durante este diálogo Amâncio tem estado diante do espelho a requebrar-se e a alisar a cabeleira)

Fausta (com mal modo): O portador?

Lúcio: Está aí, esperando a resposta.

Fausta: Diga ao sr. Osmundo que pode vir.¹¹

Lúcio: Sim senhora. (Sai)

Cena 8^a Os mesmos, menos Lúcio.

Amâncio: Quem é este sr. Osmundo?

Fausta: Um importuno.

Amâncio: Os importunos são a pior praga que existe.

Fausta (sentando-se): [É verdade]. Vai ao baile do Dr. Menezes?

Amâncio: Se *V. Excelência* for. Eu sou a sua sombra.

Fausta: Estou convidada, mas...

¹⁰ “De quem? (Toma o cartão) Sabes de quem é? “ Sobre rasura; última frase cortada.

¹¹ Inicia com a rasura da palavra “Que”

Amâncio: Mas... o que?

Fausta: É que ... eu...

Amâncio: Fale, parece que está acanhada...

Fausta: O sr. É um bom amigo, posso [exprimir-me]¹² com franqueza. Como sabe, minha mãe anda em apuros com a tal demanda sobre os bens de meu avô.

Amâncio: Sei, sei.

Fausta: Esta questão tem-nos consumido muito dinheiro, *muito mesmo*.¹³ Demais, ela enferma, obrigada a entregar os negócios a estranhos que nos exploram, não pode ter mão em despesas muitas vezes inúteis; de modo que...

Amâncio: Conclua...

Fausta: Fui obrigada a vender as minhas jóias para pagar um dia destes a conta do procurador.¹⁴

Amâncio: Vender as suas jóias!...

Fausta: Sim: Preferi vendê-las a contrair uma dívida. Os meus diamantes tão bonitos!

Amâncio: E é por falta deles que não vai?

Fausta: É!

Amâncio (rindo): Ora essa! A sra. tem dois diamantes no rosto, que são dois sóis, e brilham mais do que todos os diamantes do mundo.¹⁵

Fausta: Já começa com as lisonjas! Falemos seriamente.

Amâncio: Sem uma jóia; vale por todas as jóias! Tem o merecimento da beleza, da simpatia, das prendas...

Fausta: Engano! Quem nada tem nada vale, ainda que valha tudo o que não tem. O brilho da festa é o brilho do luxo. A moça que para lá vai simples e pobre, só com o merecimento de sua pessoa, é atirada ao canto, fica despercebida como uma bonina apertada num ramo de camélias. Eu sei, porque tenho visto. O lampejo de um brilhante vê-se de longe, e o lampejo de um belo sentimento nem mesmo de perto se vê!

¹² Acréscimo sobrescrita substituindo palavra rasurada.

¹³ No manuscrito: "Essa questão tem-nos consumido muito dinheiro, mesmo muito"

¹⁴ No manuscrito: "Que fui.." Que, rasurado

¹⁵ A sra. tem dois diamantes no rosto, que são dois sóis e brilham mais do que todos os diamantes do mundo. Escrito sobre rasura.

Amâncio: Então...

Fausta: Então prefiro ficar enterrada em casa, como a concha na areia, enquanto não puder flutuar à tona d'água como a espuma. Convenha que tenho razão.

Amâncio: D. Fausta, eu, graças a Deus, ainda possuo uns quatro vinténs. Por causa de umas jóias não há de deixar de dançar comigo no baile do Dr. Menezes.

Fausta: Não, sr. Amâncio; não consinto. Já me arrependi de ter falado. Não posso permitir tantos sacrifícios.

Amâncio: E por que?

Fausta: Já basta o que lhe devemos... as grandes quantias que nos tem emprestado para essa maldita demanda; os presentes que me tem feito...

Amâncio: Ora não fale nisso. Riquezas desejava eu ter para depor a seus pés. Meu coração é seu: logo o que possuo também lhe pertence!

Fausta: Que bondade a sua!

Amâncio: Não é bondade, é amor. Agora há de consentir que eu me retire. Deixo-a com saudade.

Fausta: Já?

Amâncio: Tenho um negócio a concluir. (Toma o chapéu) Adeus. Olhe lá, a primeira quadrilha é minha.

Fausta (rindo): Estou ciente.

Amâncio: Até amanhã, minha flor. (Apertam as mãos).

Fausta: Até amanhã. (Amâncio sai)

Cena 9^a

Fausta dando uma gargalhada.

Fausta: Que velho idiota!... Pois não pensa que eu gosto dele deveras? Realmente ninguém se conhece!... Que casquilho!... Ah! ah! ah!... Estes velhos namorados são os tolos mais tolos que pode haver. Eu amar o Amâncio!... tinha graça!... E como fica ele entusiasmado quando fala do amor!... É imenso!... E vou eu ter novos diamantes! [Sou feliz até o inverossímil!] E ele engoliu a pílula da venda dos meus! Que palerma!... (Vai à janela) Ai! Aí entra o Dr. Luigi... o meu jasmim de Itália. Como vem chique!... Um verdadeiro *dandy*! (Vai sentar-se com garridice a espera)

Cena 10^a
Fausta e Luigi.

Luigi: Eis-me enfim (Coloca o chapéu) Fausta...

Fausta: Sr. Doutor... (Apertam as mãos)

Luigi: Que é lá isso de *senhor* doutor? Heim, minha feiticeira? O que foi que tratamos?

Fausta: Ah! tinha me esquecido! Perdão!

Luigi: Pois de outra vez exijo mais fidelidade de memória. *senhor* Doutor é tratamento de gala, para dia de cerimônia.

Fausta (rindo): Está bom, está bom... não me esqueço mais.

Luigi: Então, o que tens feito?

Fausta: Esperar por ti. Há dois dias que não vens.

Luigi: Ocupações, filha. Aumenta-se-me a clínica, chamados para aqui, consultas para acolá... Tenho sido ultimamente um *motu* contínuo de trabalho.

Fausta: Olha, Luigi, para que trabalhas tanto assim? Tu já és rico...

Luigi: Per Bacco! A riqueza nunca é, demais, filha. Sem ela eu não compreendo a existência. É um passaporte que ninguém registra e que faz a volta do globo pelos melhores salões, sem que lhe seja exigida a autenticidade.

Fausta: A riqueza é um meio, convenho, porém não deve ser um fim. Uma riqueza estúpida, egoísta ou mal empregada não faz bem nem ao dono que a possui.

Luigi: Bravo! A Fausta moralizando! Pela Madona que uma sentençazinha filosófica, vazada nuns lábios cor de rosa, não enfastia não!

Fausta: Glória, glória sim, antes da fortuna Luigi. É tão bonito ter um nome “famoso”; heim? Não é? O indivíduo obscuro, desconhecido, não vive, vegeta; passa despercebido, quase desprezado. Mas aquele que se notabilizou, que adquiriu celebridade, atravessa como um astro pelo meio das multidões, olhando de revés as vulgaridades, cercados de admiradores e lisonjeiros. Trabalha, Luigi, trabalha! Eu quero um dia apresentar-me com orgulho ao teu lado e dizer ao mundo inteiro: “hei-lo aqui, é meu esposo, fui eu a escolhida para partilhar a sua glória!...”

Luigi: Sim, eu hei subir às cumeadas do poder... (à parte) Se antes não subir à força.

Fausta: De ti depende chegar ao último degrau dessa escada brilhante, em cujo topo está o anjo da felicidade a sorrir e a chamar-te com uma coroa de louros na mão.

Luigi: Esse anjo és tu...

Fausta: Esse anjo é a glória!

Luigi: Como estás linda, Fausta!

Fausta: É a animação do sentimento, o entusiasmo do coração.

Luigi: Se tua alma se reflete em teu rosto, é muito bela a tua alma!

Fausta: É porque te ama, Luigi. Tu és o sol, ela é a nuvem: quando sorris ela irradia, quando te ocultas, ela empalidece.

Luigi: Como havemos de ser felizes!...

Fausta: Muito. Aqui está um buquê que te guardei. Tinha-te feito também um outro ontem, e como não vieste, murchou, de pena talvez.

Luigi: Feiticeira.

Fausta: Dizem que o orvalho viceja as flores, pois eu chorei sobre elas e não vicejaram.

Luigi: Choraste!... Tu choraste por mim, criança!?!...

Fausta: Então! Quando se tem saudade!...

Cena 11^a
Os mesmos e Lúcio.

Lúcio: Iaiá Fausta, minha senhora D. Maria manda dizer ao sr. *Doutor* que faça o obséquio de entrar para vê-la.

Luigi: Está incomodada agora?

Lúcio: Creio que sim.

Fausta: Vamos, Luigi?

Luigi: Pois não! Vamos. (Dá-lhe o braço e saem)

Cena 12^a

Lúcio (apontando a porta): Novo perigo, e perigo maior do que todos os outros. Este homem é charlatão por força. Tem cara de galé! Desconfio dele. Vai matar minha senhora velha com esses remédios estúpidos que lhe receita. Pobre Fausta!...

Cena 13^a
Lúcio e Osmundo.

Osmundo (entrando): Ninguém! (Olhando) Não, cá está o Lúcio.
Lúcio: meu senhor...
Osmundo: Como vais de saúde?
Lúcio: Bem, pra servi-lo ...
Osmundo: E de ciência?
Lúcio (sorrindo): Mal... como sempre...
Osmundo: Então tens deixado esses dias as bibliotecas em paz?
Lúcio: Tenho estudado nos livros humanos.
Osmundo: São os mais mentirosos. Mas como vão todos por aqui?
Lúcio: Da forma do costume.
Osmundo: D. Maria?
Lúcio: Sempre doente...
Osmundo: Pois já devia estar curada. Tem um bom médico à cabeceira.
Lúcio: Que médico?
Osmundo: Ora que médico! Faze-te de tolo!
Lúcio: Realmente... não sei...
Osmundo: O tal *doutor* Luigi Spinelli.
Lúcio: Ah! sim, o italiano.
Osmundo: Ouvi dizer que Fausta vai casar com ele?
Lúcio: Ignoro, meu senhor.
Osmundo: Estás hoje de uma ignorância notável.
Lúcio: Como sempre.
Osmundo: Pois eu vim hoje aqui disposto a saber a verdade. Quero falar a Fausta, e ouvir de seus lábios o *consummatum est* do meu sacrifício.
Lúcio: Sofre, meu senhor?
Osmundo: Tenho dois infernos no coração: a dúvida e o ciúme. Oh! Mas hei de vingar-me!
Lúcio: Vingar-se!...
Osmundo: Não me vás tomar agora por um desses tipos de novela antiga, com esgares de tragédia, a declamar ameaças, não; a minha vingança não quer saciar-se de sangue, quer saciar-se de lágrimas e só de lágrimas!

Lúcio: As grandes almas perdoam.
Osmundo: Palavrões! Teorias bonitas! Mais nada.
Lúcio: O verdadeiro amor é cheio de abnegação...
Osmundo: O verdadeiro amor é intransigente como tudo o que é justo.
Lúcio: Neste mundo cada um tem o seu quinhão de amarguras. O que se deixa vencer, vai à loucura, ou à morte; o que reage, o que afronta a desgraça, muitas vezes chega à consolação.
Osmundo: Eu serei dos primeiros: ficarei vencido. (Pausa) Minha vida, Lúcio, de 2 anos para cá tem sido uma série contínua de contrariedades: Fatal dia aquele em que começou esse romance de amor. Lembras-te?
Lúcio: Perfeitamente.
Osmundo: Eu era pobre, mas vivia feliz em casa de minha mãe, triste viúva que não tinha ninguém por si senão o louco do filho. Vi Fausta no teatro, bonita, resplandecente ... depois, num baile. Falei-lhe, achei-a mil vezes mais bela, insinuante, inteligente, terrível de sedução... Amei-a, mas amei-a loucamente, freneticamente, fiz-lhe oblação de meus sentimentos, de minha vida, até... até... tu me perdoas um crime?.. Até de amor de minha mãe!... Ela alimentou-me a esperança, sorrindo, brincando, como quem alimenta por capricho uma planta que tem de arrancar mais tarde...
Lúcio: E depois?...
Osmundo: Depois... e foi ultimamente - ... alguém tirou-me a venda dos olhos, porque eu estava cego, inteiramente cego, não via nada se não ela, como uma fada divina no meio de uma auréola de [luz]¹⁶ o resto do mundo para mim estava mergulhado em trevas. Disseram-me que ela vai casar, com esse italiano, que ninguém sabe quem é, um grandessíssimo pedante que tem sabido conquistá-la. Era muito natural. Eu não mereço nem limpar-lhe a sola dos sapatos.
Lúcio: É injusto consigo, meu senhor.
Osmundo: Não o dirá ela assim. Mas abreviemos, Lúcio; fala-me com sinceridade; eu duvido ainda, quero agarra-me a um ramo de esperança qualquer. O que há de real em tudo isso?
Lúcio: Meu senhor, não sei.

¹⁶ Palavra sobrescrita acima de rasura.

Osmundo : Tu queres exasperar-me! (mais brando) Olha: eu não quero fazer-te trair segredos dela, nem tentar tua fidelidade, mas dize-me uma palavra, uma palavra só e acabou-se: não lhe falarei mais, poupar-me-ei um dissabor e uma humilhação. Tu sabes, Lúcio, o que é amar-se uma mulher a ponto de esquecer¹⁷ por ela todas as afeições e todos os deveres? A ponto de fazer da existência um holocausto perene, de não ter [no cérebro] um pensamento que lhe não pertença, no coração uma fibra que não pulse por ela? Não, tu nunca amaste assim! Amor insensato, que pode ter conseqüências funestas! (Pausa) Olha, se for falsa a notícia que corre, se eu puder esperar ser feliz, talvez haja ainda salvação para mim: do contrário... o meu futuro será o abismo!

Lúcio : O *senhor* é uma criança, sr. Osmundo, não sabe o valor das palavras que está dizendo....

Osmundo : Sei tanto, que resumo nelas a minha vingança. O remorso é o castigo que lhe guardo.

Lúcio : Deixe de loucuras,¹⁸ reflita melhor; a paixão é má conselheira. Seja senhor de si. ([exaltado]) Deste modo não poderá falar como convém a minha senhora.

Osmundo: Não importa: exaltado pela paixão ou frio pelo fingimento sou sempre o mesmo homem. Porém sabes o que está me exasperando mais? É o teu silêncio, o teu retraimento quase criminoso. Tinha-te por meu amigo; enganei-me: é mais uma desilusão.

Lúcio : Mas, pelo amor de Deus, meu senhor...

Osmundo : Há pessoas que se comprazem com a dor dos outros, acabo de acreditá-lo: coração de tigres que gostam de ver sangrar outros corações.

Lúcio : Ah!... Eu não queria magoá-lo mais; queria poupar-lhe mais alguns momentos de sofrimento, por isso calava-me. Exige-me porém que lhe arranque a última esperança? Arrancarei.

Osmundo : É verdade então o que dizem?

Lúcio : É!

Osmundo : Fausta vai casar?

Lúcio : Vai.

Osmundo : Quando? Quando?...

¹⁷ No manuscrito: "esquecermos" rasurado o final da palavra.

¹⁸ Segue rasura de 3 palavras.

Lúcio: De hoje a um mês.

Osmundo (pondo a mão no coração): Oh! meu Deus, meu Deus!... (Leva aos olhos as costas da mão, recosta-se a um móvel como aniquilado) De hoje a um mês!... Tão depressa!... Mas isso é impossível... Ela não será tão... (Sufoca um soluço)

Lúcio: Seja homem, sr. Osmundo! Seja forte, deixe as lágrimas para as mulheres e as crianças.

Osmundo (aprumando-se): Lágrimas? Eu não estou chorando, estou rindo... (Dá uma gargalhada forçada) Olha, estou rindo... Sou o palhaço desse espetáculo de feira em que ela é a primeira dama... As lágrimas são homenagens sublimes que não se devem dedicar a causas infames. A gargalhada, sim, a gargalhada é que é um tributo digno [de situações] tais. (Ri-se nervosamente)

Lúcio: Enlouqueceria o pobre moço, meu Deus?

Osmundo: Não, recobrei a razão. Louco estava eu quando amei a loucura dela!...

Lúcio: Pois falemos como homens sensatos, raciocinemos. Não nos deixemos abater pelo primeiro golpe. O senhor não sente mais do que eu esse casamento, embora seja diverso o nosso modo de sentir. Eu amo minha senhora Fausta como amava minha mãe; defendo-a como defenderia a minha irmã. O [avô] dela criou-me como um filho, [teve o capricho de] mandar-me educar, instruir até; nunca senti em sua casa os rigores do cativo, nunca experimentei o peso dessa palavra: escravo. Já vê que, a não ser eu um ente abjeto, infame, devo ser grato, fazer por [ela] tudo o que [me] for possível, dar até a última gota de sangue, se necessário for, para comprar-lhe a felicidade.¹⁹

Osmundo: Então... tu não aprovas esse casamento?

Lúcio: Não, senhor.

Osmundo: Por que?

Lúcio: Porque o italiano não me inspira confiança; tenho-lhe um ódio instintivo, que não posso justificar; sinto receios, pressentimentos; revolto-me todo à idéia de vê-lo ligado à pessoa que mais amo no mundo. Uma desgraça acarreta outras: da ambição e do orgulho de minha senhora pode nascer...

¹⁹ A última frase contém rasuras

Osmundo: O que?

Lúcio: A sua desonra!

Osmundo: O que estás dizendo, Lúcio! Explica-te!

Lúcio: Eu sei lá quem é este homem? Sei lá que intenções tem? Há tanto canalha de casaca e luvas de pelica!

Osmundo (refletindo): É verdade. Agora encaro a situação por outro prisma. Se nesse *casamento* houvesse somente a minha infelicidade eu sofreria calado e deixá-la-ia gozar tranqüila a sua ventura; porém desde *que* a ameaça um perigo eu não posso nem devo ficar indiferente; devo protestar com todas *minhas* forças, embora depois ela me odeie ainda mais. A sua felicidade antes de tudo, antes da *minha* própria felicidade !...

Lúcio: Isso sim, que é digno de si. Sentimentos tais são os mais belos títulos da nobreza de uma alma. Daria tudo o que tenho para vê-la esposa²⁰ de meu senhor... são duas pérolas que se deviam cravar na mesma jóia de amor... Sabe? Prometeram-me a carta de liberdade no dia em que ela contraísse um casamento rico, mas eu prefiro ser sempre escravo a vê-la rica e infeliz.

Osmundo (comovido): Muito bem, Lúcio! Muito bem!... Dá-me um abraço... (Lúcio curva-se para abraçá-lo nos joelhos) Não; aperta-me contra o coração... Desejara ser um rei para nobilitar-me agora com este abraço... (Abraçam-se muito comovidos) São duas abnegações que se entrelaçam...

Lúcio : Fale a minha senhora; veja se a comove... Unamos os nossos esforços para arrancá-la do perigo...

Osmundo: Não, não lhe falarei mais. Que posso eu dizer a Fausta que já não lho tenha dito? Voltarei para minha casa, a pensar no que hei de fazer, e se Luigi Spinelli é um tratante eu hei de desmascará-lo. (Vai tomar o chapéu. Ouvem-se passos.)

Lúcio: Meu senhor...

Osmundo: Heim?... (Prestando atenção) Ouço passos... quem vem ali no corredor?

Lúcio: O Dr. Luigi. Creio que vai sair.

Osmundo: Ah! ele estava aí? Não quero encontrá-lo. Vou esperar no jardim que se afaste. (Sai *para* o jardim. Lúcio sai)

²⁰ Rasurada

Cena 13^a ²¹
Luigi entrando. (Vê o relógio)

Luigi: Nove horas menos 10 minutos: voltarei daqui a pouco. Vou preparar uma tisana para dar à velha... com os ingredientes de que me lembrar. Se ela morrer é o diabo. Mas per Bacco! Quem não se arrisca não perde nem ganha. Graças ao meu pergaminho – arranjado – vou fazendo fortuna. (Ri) E o melhor é que os prejudicados não se queixam! Vão direitinho para as caldeiras de Pedro Botelho sem dizer uma palavra que me comprometa. (Bate na testa.) *Diávolo!*... Que esquecimento!... hoje temos reunião às 11 e 1/2 para exame das novas chapas que chegaram de Nápoles... e eu não posso deixar de comparecer. De mais a mais o diabo da polícia nos fareja a oficina, e é preciso tomar medidas sérias para não sermos filados. Por esses dias não há remédio senão deixar de trabalhar. Isso me vai desarranjar, que estou sem dinheiro... ([Tira a carteira e examina])²² *Diávolo!* Custa caro fazer figura! (Ouve-se rumor no jardim) Mal! Caluda seu falador indiscreto... (olha em torno e guarda a carteira) Foi o vento no jardim. Ando assustado sem motivos... a cada canto me parece ver surgir o fantasma da guilhotina... (Toma o chapéu e vai-se)

Cena 14^a
Osmundo entrando furioso.

Osmundo: Miserável!... Não sei como pude deter-me e não o estrangulei. E Fausta ama este homem. Deus do Céu!... Um moedeiro falso!... Um charlatão!... Um criminoso!... É incrível!... Eu estou sonhando!... (Passeia *muito* agitado) O que hei de fazer, o que hei de fazer!...

²¹ Por confusão, a cena que deveria ser a 14^a é grafada como a 13^a. Conservamos a falha.

²² Frase sobrescrita.

Cena 15^a
Osmundo e Lúcio.

Lúcio: O que é isso, senhor Osmundo? O que tens?

Osmundo: Lúcio, Lúcio, vem cá. (Agarra-lhe as mãos) Tu sabes que homem é esse que acaba de sair, heim? Tu sabes quem é?...

Lúcio: Não é o italiano, o doutor Luigi? Que quer dizer, meu senhor?...

Osmundo: Bem o previste!... É... é um infame!

Lúcio (recuando): Como!... O que estás dizendo!?

Osmundo: Um moedeiro falso!... Um monstro!...

Lúcio: Moedeiro falso!...

Osmundo: Escondi-me ali no jardim, debaixo do caramanchão da janela, olhando e escutando²³ para dentro. Ele, supondo estar só, disse... coisas horríveis!... Tive vontade de saltar e agarrá-lo pela gola do fraque, mas refleti... era um escândalo sem proveito. Ele desmentia-me e eu não podia provar!

Lúcio: Fez bem... mas diga a minha senhora.... diga-lhe tudo... Oh!... Estou tremendo de horror!....

Osmundo: Vou dizer, embora não tenha provas materiais, embora ela não me acredite... (Pausa) Lúcio, eu ia retirar-me, quando aquele desgraçado, apareceu aqui e descobriu-me quem era. Agora resolvi ficar. Não quero que por falta de uma palavra minha se faça uma desgraça. Falarei ainda uma vez àquela ingrata, dir-lhe-ei de novo o que sinto. Se ela me repelir, se não me acreditar... irei pelo mundo afora morrer onde a sorte quiser. Tu, porém, ficas; vela por ela, Lúcio! Vela por tua senhora! Ela tem um pé no abismo, não a deixeis cair!... Denuncia o infame à justiça, denuncia-o! Não durmas, não sossegue, enquanto ele andar de cabeça levantada entre os homens honrados.

Lúcio: Mas eu sou um escravo... meu senhor... e ele está colocado muito longe de mim... que posso eu fazer, que posso eu tentar? Nem recursos tenho...

Osmundo (tirando a carteira): Com dinheiro se alcança tudo. Aqui tens tudo quanto possuo. Paga a espões que o vigiem de dia e de noite... que

²³ Segue-se palavra rasurada.

te arranjam as provas necessárias para condená-lo. Livra a sociedade desse monstro. Não consintas que tal casamento se efetue: isso pesaria como um crime sobre tua consciência. Prometes, Lúcio, velar por Fausta? Heim, prometes?...

Lúcio (pondo o joelho em terra, com a carteira na mão): Prometo, juro-o meu senhor! Alma generosa, coração sublime! Juro-o, e praza aos céus que o possa conseguir!... (Levanta-se e sai)

Cena 16^a
Osmundo e Fausta.

Fausta entra cantarolando. Osmundo encaminha-se para ela.

Fausta (fingindo surpresa): Ah!... é o senhor Osmundo?

Osmundo (cumprimenta com o gesto): Supus que me esperava. Mandei avisá-la.

Fausta: É verdade. Não me lembrava. Desculpe.

Osmundo: Venho importuná-la, sem dúvida...

Fausta (encolhendo os ombros): Não... agora não tenho o que fazer.

Osmundo: Tanto melhor, porque preciso conversar largamente com a senhora.

Fausta: Má notícia!... Modifique o seu programa porque eu não gosto de conversas compridas.

Osmundo: Deixo de parte a pouca amabilidade das respostas e vou direto ao meu fim.

Fausta: Como quiser.

Osmundo: *Dona* Fausta, não sabe quão difícil me tem sido a vida de uns dias para cá. Tenho sorvido as fezes de todas as amarguras.

Fausta (motejando): Coitado!...

Osmundo: Mas diga-me: é possível que zombe assim do amor ardente, imenso e santo que lhe consagrei? É possível que esmague, rindo, as minhas esperanças todas, com essa crueldade incrível?

Fausta: Ah! vem hoje com ares de Otelo? principia mal.

Osmundo: Se não me amava, por que me enganou tanto tempo?

Fausta: Eu, enganá-lo? O *senhor* está caçoando! Nunca lhe disse que o amava!...

Osmundo: Nunca? Nunca? E o que significavam então os seus olhares, os seus sorrisos, o abandono de suas mãos nas minhas? (Mete²⁴ a mão no bolso e tira um pequeno embrulho) O que significam estas flores que a senhora tirou dos cabelos e me deu?...

Fausta: Coisa nenhuma. Não tive a culpa de que o *senhor* lhes desse uma importância que não tinham.

Osmundo: Eu podia atirá-las ao chão, podia calcá-las aos pés, já que nada representam... mas, eu sei respeitar a santidade das recordações e não vim aqui insultá-la. Guardo-as de novo, como se guardasse o cadáver precioso das minhas eperanças que a senhora matou.

Fausta: E o *senhor* a dar-lhe com a mesma cantiga! Eu não matei suas esperanças, simplesmente porque a esperança é como a fênix... renasce das próprias cinzas.

Osmundo: Depois de tudo, o escárnio. Faz bem, Fausta. Eu é que fui o louco quando quis fitar as estrelas sem lembrar-me de que rojava no pó.

Fausta: Eu não escarneço... Digo a verdade.

Osmundo: E por que não disse há mais tempo essa desumana verdade?

Fausta: Porque o senhor há muito que não me fala a tal respeito. Eu julgava até que já havia banido do espírito essa idéia.

Osmundo: Essa idéia!... O meu amor é então somente uma idéia ?

Dona Fausta, a *senhora* pode desprezar-me, porque é livre em seus atos, mas não deve caluniar meus sentimentos nem atenuar sua culpa depreciando o mal que ela me faz. (Pausa).

Escuta, Fausta; (com voz terna) eu amei-te, amei-te e amo-te ainda como só se ama uma vez na vida! Há mais de dois anos que te sigo; adivinhando-te os pensamentos, como escravo de teus caprichos... Tu me dizias sempre: “é cedo, espera!” Eu esperava, e tu zombavas de mim. As minhas passageiras venturas eram substituídas por momentos terríveis, a teu bel-prazer. E eu fui sempre fraco, sempre insensato, beijando loucamente o pé que esmagava todos os meus sonhos de futuro²⁵, todas as minhas ilusões do presente. O teu nome que me parecia um bálsamo suave, não me é mais agora do que um veneno fatal!...

Fausta (meio enternecida): Basta, Osmundo, basta! (Faz um movimento de retirar-se)

²⁴ Palavra escrita sobre rasura.

²⁵ Escrita sobre rasura.

Osmundo (seguindo-a): Retira-se para não ouvir-me?

Fausta (à parte): Ora esta! E eu não ia me enternecendo? (Dá um muxoxo)

Osmundo: Escuta, Fausta! Sê boa ainda uma vez! Vem cá; dize-me o que é preciso fazer para merecer-te? Anima-me, e eu conseguirei tudo. Queres um nome grande para ilustrar o teu? Saberei criá-lo! Riquezas? Saberei adquiri-las! Sou moço, tenho um largo futuro diante de mim num quadro pendente de tuas mãos. (Animado) Tenho aqui (aponta a testa) uma fonte inesgotável de recursos, e aqui (o coração) outra fonte perene de ternura. Fala! E eu multiplicarei os meus esforços, e esse amor imenso, que me enche a alma toda, que se assenhoreou da minha vida, me dará forças para suportar tudo por ti! Aponta-me o caminho que te aprouver, e eu o trilharei, ainda que deixe nele vestígios de sangue do coração. Se me faltarem as forças, eu cairei no meio das aspirações e do trabalho, embora!... Mas morrerei abençoando-te! (Dobra um joelho)

Fausta (desabridamente): Levante-se, sr. Osmundo, e acabemos com isso. Esta situação já me está sendo muito desagradável.

Osmundo (erguendo-se como espantado): Delirei, meu Deus? O que foi isto?

Fausta (rindo): Creio que sim. O *senhor* sofre de febre intermitente, e quando está atacado dela tresvaria muito. É preciso mudar de ares para se curar.

Osmundo: Ridiculariza-me, Fausta? Oh! A *senhora* é muito cruel!

Fausta: Estou gracejando, mas sou obrigada a dizer-lhe seriamente que deixe-se dessas loucuras, desses devaneios de poeta, filhos puramente de sua imaginação. Esse amor de que fala breve desaparecerá, é questão de tempo.

Osmundo: Como [é] injusta!²⁶

Fausta: Os moços nunca se fartam de quimenas: eu que o diga. A paixão, apesar de parecer muito real, não é mais do que um fantasma ensopado de ilusões que se desfazem mais tarde ou mais cedo.

Osmundo: Não crê então na paixão. Então a *senhora* é de mármore!

Fausta: Está me dando hoje muitos qualificativos que não mereço. Porém basta de devaneios, acabemos logo com isso...

Osmundo: Sim... uma última palavra...

²⁶ ‘e ‘ sobre s’

Fausta: Esqueça-me: tudo está terminado entre nós.

Osmundo: É possível, Fausta? É possível?

Fausta: Estou para casar. (Pausa. Osmundo faz um gesto de dor, depois parece acalmar-se)

Osmundo (com amargura): E por ventura esse que vai possuí-la é digno de si? Naturalmente escolheu um noivo rico que lhe poderá dar luxo, grandezas, mas lhe dará felicidade?

Fausta: É o que não lhe compete discutir.

Osmundo: E por que não? Amei-a muito para que me seja indiferente a sua sorte. Apesar de desprezado, de ludibriado até, sinto no fundo d' alma piedade pela senhora, embora²⁷ desenganado da ventura não quisera morrer sem vê-la feliz. Seria a única consolação que me poderia restar.

Fausta: Obrigada.

Osmundo: Portanto, permita que eu esqueça por um momento a minha própria desgraça para lembrar-me da sua.

Fausta: Que presságios funestos são esses? É por ventura ave de mau agouro?

Osmundo: Talvez! porque sou um desgraçado que saindo daqui vai morrer.

Fausta (rindo): Que! vai suicidar-se? Não faça tal!

Osmundo: Fá-lo-ia se soubesse que por isso lhe mereceria uma lágrima em vez de um sorriso. A morte de que eu falo é mil vezes pior e a *senhora* não a compreende. Mas que lhe importa o meu destino? Falemos do seu.

Fausta: É excusado. Seja qual for a minha sorte, estou ligada a ela pela palavra que já dei. Tenho suportado demasiadamente os seus queixumes, acabou-se-me a paciência. Portanto, exijo o silêncio mais absoluto a esse respeito; aliás será meu inimigo: prefere-o?

Osmundo: Já não lhe falo em mim, D. Fausta; bastam-me as humilhações recebidas. Quando aqui cheguei, há pouco, tinha a cabeça ardente, o coração em pulos, as mãos trêmulas; agora estou calmo, pelo menos aparentemente calmo, não vê? Pois bem: é que então eu tinha outro fito e outras idéias. Soube de seu casamento antes de falar-lhe, e podia ter-me poupado o dissabor de ouvir-lhe palavras tão duras. Mas fiquei! A despeito do meu amor próprio, deste resto de orgulho que ainda existe neste meu coração mutilado; fiquei para cumprir um dever de consciência e dizer-lhe:

²⁷ Sobre rasura da palavra "apesar"

Minha senhora, não é já o amor que lhe fala, é a compaixão: o homem a quem a *senhora* ama, a quem vai ligar sua sorte é... um falsário!

Fausta (recuando arrebatadamente): O que é que está dizendo, sr Osmundo? O que é que está dizendo? O *senhor* está doído ou está ébrio? Que calúnia odiosa é esta que preparou para fulminar-me?... Se²⁸ pretende com semelhante história jogar a sua última cartada e afastar-me daquele a quem amo, enganou-se, sr Osmundo! Enganou-se redondamente!

Osmundo: Eu não pretendo coisa alguma; D. Fausta! E²⁹ arrependo-me *profundamente* do tempo em que pretendi! Como homem de bem *que* sou, não devo deixá-la rolar *para* a desgraça sem procurar detê-la. Não tenho outra prova do que afirmo além do meu testemunho; se quiser acreditar, acredite; se não quiser, entregue-se à sorte. Eu cumpri o meu dever.

Cena 17^a
Os mesmos e Luigi.

Luigi entra trazendo uma garrafa lacrada

Luigi: Eis-me de novo trazendo os medicamentos.

Fausta (a Osmundo): Continue o que dizia, Sr. Osmundo, continue. Se não tem coragem saia, certo de que não basta o seu testemunho para manchar uma reputação ilibada, compreende? Apresento-lhe, portanto, o meu futuro marido, o Dr. Luigi Spinelli.

Osmundo (indignado e trêmulo): D. Fausta, não sou caluniador nem covarde, porém não continuo porque não quero desonrar-me trocando palavras com indivíduos tão miseráveis e tão cínicos. Entretanto (vai a Luigi estupefato e arranca-lhe das mãos a garrafa) sua mãe não há de beber este pretendido remédio; beberá outros, porque não tem quem a livre deles assim. (Atira ao chão a garrafa que se espedaça) Este (aponta Luigi) será o meu vingador! (Sai precipitadamente)

Luigi: O que quer dizer ele?

Fausta (com raiva e despeito): Que seria um infame, se não fosse um louco!...

Cai o pano

²⁸ Vem antes, rasurado, "Pois "

²⁹ A partir deste ponto até 'detê-la' a fala do personagem foi substituída. Os acréscimos (interlínhas) sobre rasura.

Ato 2º

A mesma decoração do primeiro ato.

Cena 1ª

Fausta (experimentando uma grinalda de flores de laranja): Muito boa; fica-me perfeitamente bem. Há que tempo suspirava eu por ela!... (Rindo) Quem vai ficar desapontado é o Amâncio, mas consola-se depressa, com o Champanhe e dama de ouros.

Cena 2ª

Fausta e Lúcio.

Lúcio: Minha senhora, aqui estão as jóias que mandou limpar. (Dá-lhe uma caixa)

Fausta: Sim. (Abre a caixa) Bem, estão muito chiques. E a minha grinalda, olha, Lúcio? não está bonita?

Lúcio: Está.

Fausta: Amanhã quero ver-te muito alegre, muito obsequioso, muito amável... Já mandaste todos os cartões de convite?

Lúcio: Já, sim senhora.

Fausta: Então está³⁰ tudo pronto, não falta mais nada.

Lúcio: Ainda falta muita coisa.

Fausta: O que é? Dize para mandar dar logo providências.

Lúcio: O que falta depende da providência de Deus.

Fausta: Que ares de mistério!... Não sei quando hás de deixar-te disso.

Lúcio: Está muito contente, minha senhora?

Fausta: Muito. E por que não havia de estar?

Lúcio: Pois prepare-se para ouvir uma notícia triste.

Fausta: Uma notícia triste?... Que notícia?

Lúcio: Perdemos³¹ a demanda.

Fausta: Perdemos, Lúcio? Com certeza?

³⁰ 'Então já está tudo pronto' rasurado o 'já'

³¹ "Perdeu" emendado para "Perdemos"

Lúcio: Com certeza. Encontrei neste momento o seu procurador, que foi quem me informou.

Fausta: Oh meu Deus! Mas o nosso advogado não tinha tantas esperanças?

Lúcio: Não as tinha; dava-as. É a única coisa que se pode dar sem ter... Convinha-lhe agradar e receber dinheiro.

Fausta: E havemos de pagar as custas?

Lúcio: Está claro!...

Fausta: Com que? Não me dirás?

Lúcio: Com o valor desta casa ou com o meu. São os únicos bens livres que lhes restam.

Fausta: Com o teu, não, absolutamente não. A tua carta de liberdade está aí. Não havemos de consentir que tu, o irmão colaço, o amigo de meu pai sejas escravo de alguém. Quando virão os tais credores?

Lúcio: Pode contar com eles amanhã.

Fausta: Tão depressa? (Serenando-se) Mas eu sou uma louquinha. Não vale a pena assustar-me nem afligir-me por isso. Luigi é rico, ele nos tirará desse embaraço.

Lúcio: Em todo o caso, minha senhora, já que falou em dar-me a minha carta... e não quer que seu escravo passe a outra pessoa...

Fausta: Tens muita pressa de deixar-me?

Lúcio: Eu, deixá-la? Nunca! Hei de acompanhá-la até morrer. Mas esses homens da justiça são uns sanguessugas. Podem agarrar-me na rua e sequestrar-me.

Fausta: Sim, tens razão. Homem prevenido vale por dois, diz o ditado. Vou falar a mamãe. (Entra)

Cena 3ª

Lúcio só.

Lúcio: Preciso, mais do que nunca, e agora mesmo de uma carta de liberdade. O momento do perigo aproxima-se e é necessário redobrar de atividade. As minhas suspeitas converteram-se [quase]³² em certeza. O italiano não me escapará desta vez. Ninguém me³³ tira da idéia que ele é o indivíduo, o tal Agostinho Carmelo que o cônsul italiano procura. Se for,

³² Acréscimo interlíneas.

³³ Escrito sobre rasura.

é um celerado terrível. Hei de sabê-lo. Vou inventar uma astúcia para descobri-lo. (Reflete) Não acho nada... o papel de traidor e dissimulado não me agrada. Enfim, veremos na ocasião. O fim justifica os meios, sobretudo se é um nobre fim como esse. Não recuarei diante de nenhum obstáculo. Recebendo a minha carta, obtendo as provas materiais, corro a denunciá-lo; quero eu mesmo ter esse prazer. Cumpri o juramento que fiz ao infeliz Osmundo e a mim mesmo; que Deus não me deixe sair mal!

Cena 4^a

Fausta – chegando – risonha.

Fausta: Mamãe disse que não precisa tanta pressa, Lúcio, que esse receio³⁴ dos credores é tolice tua.

Lúcio: Ah! Então não trouxeste a carta?

Fausta: Não.

Lúcio (com desgosto): Meu Deus!...

Fausta: Amanhã te daremos, depois do casamento, à vista dos convidados, com todas as solenidades do estilo; mamãe faz um discurso (comicamente) dizendo: meus senhores, este Lúcio, a quem neste momento faço um cidadão livre e independente, não era um escravo, era um amigo, um irmão prestimoso, dedicado até o sacrifício, fiel até o heroísmo... etc e tal. Oh! Fica bonito, e no outro dia sai nas gazetas assim: “A Exa. Sra. D. Maria Ribeiro, em regozijo pelo casamento de sua filha Fausta Ribeiro com o Dr. Luigi Spinelli, concedeu carta de liberdade ao seu escravo Lúcio...” Essas histórias que eles sabem lá arranjar. (Bate palmas) Ih! Coisa bonita!... Não é, Lúcio? Não é melhor assim?

Lúcio: Querem então dar em espetáculo a minha alforria³⁵ e representar comigo uma comédia de vaidade, não? Pois eu julgava, minha senhora, que tinha direito a mais generosidade.

Fausta (rindo): Jesus! Já estás zangado! Queremos fazer propaganda, e dar-te um público testemunho de gratidão.

Lúcio: Está bom, façam o que quiserem. Paciência!... Isto não é contrariedade que me desanime... É apenas um prazer de menos.

³⁴ Rasura: “esses receios”.

³⁵ No manuscrito “aforria”

Fausta (tirando um papel do bolso): Estava gracejando contigo, Lúcio. A gratidão *que* te devemos é tão santa e tão grande que não carece de manifestações ruidosas nem de testemunho da publicidade. Toma a tua carta já que é necessário um papel assinado para provares que és livre. Está feita há *muitos* anos, e se ainda estava em nossa mão é *porque* sempre a tens recusado.

Lúcio: E ainda a recusaria hoje, *minha senhora*, se uma circunstância do maior alcance não me obrigasse a aceitá-la. Creia, não é a importância material dessa liberdade *que* eu desejo, nem que agradeço, e sinto um júbilo imenso *por* ver *que minha senhora* o compreendeu. (curva um joelho) Eu era um escravo livre... agora sou um liberto escravo. Deixe-me beijar-lhe a mão, *minha senhora*, por esse novo cativo que me dá! (Beija-lhe a mão)

Fausta (rindo): Está bom, está bom. Basta de agradecimentos. ([Vai à] janela)³⁶ Luigi está tardando muito!...

Lúcio (com tristeza): Está tão alegre e tão feliz, e eu vou fazê-la chorar. Mas é forçoso é inevitável!...

Fausta: O *que* estás resmungando aí, Lúcio? Vai ver se sabes a razão porque Luigi se demora. Isso não me parece natural. (Lúcio não se move) Anda, está pregado no chão? Mas... estás zangado ainda, contrariado... [pois devia] estar contente. Não te perdôo essa tristeza inoportuna. É *por* causa

Lúcio: Sinto profundamente... mas não há remédio.

Fausta: Estas exitações complicam a coisa. Fala depressa.

Lúcio: Minha senhora promete ³⁷ ouvir-me com calma e prudência? Promete atender-me e não se enfadar nem aflingir-se muito?

Fausta: Estás me assustando, Lúcio!... O que é que vai dizer-me?

Lúcio: Uma coisa *muito* séria e da *qual* depende seu futuro. O doutor. Luigi, o seu noivo...

Fausta: Sim... que tem?

Lúcio: Não pode ser seu marido.

Fausta (surpreendida): Por que?!... Por que³⁸ não pode?!

³⁶ “Vai à” sobrescrito à rasura.

³⁷ “Minha senhora me promete” rasurado o “me”.

³⁸ Sobre rasura.

Lúcio: Porque pesam sobre ele as mais odiosas suspeitas.

Fausta: Suspeitas! Como!³⁹ Tu estás doido, Lúcio?

Lúcio: Não digo bem suspeitas; a mais horrorosa certeza.⁴⁰

Fausta: Acaba, Lúcio, pelo amor de Deus!

Lúcio: É acusado de... de...

Fausta: Acusado? Tu disseste acusado? De que?

Lúcio: De fazer moeda falsa.

(Fausta recua com um gesto de espanto)

Fausta: Ah!... Impossível!...

Lúcio: Alem disso...

Fausta: Então!... Há mais ainda?

Lúcio: O chefe de polícia procura um indivíduo que cometeu em Nápoles um grande crime, matou um moço médico, roubou-lhe o diploma e veio para o Brasil. O nome desse indivíduo é Agostinho Carmello, mas usa aqui de outro, sem dúvida⁴¹ o nome da vítima.

Fausta: E que tem essa história com Luigi?

Lúcio: Tem que eu suponho ser ele o criminoso.

Fausta: Ele!?!... Ele!?!... Um assassino e um ladrão!?!...

Lúcio: Já é moedeiro falso.

Fausta: Mas isso é impossível, Lúcio! Absolutamente impossível! É uma calúnia! Uma mentira odiosa! Luigi um infame? Não creio! Não creio!...

Lúcio: A polícia o persegue.

Fausta: E a polícia tem provas?

Lúcio: Tem informações muito positivas.

Fausta: Informações não bastam! São necessárias provas, provas convincentes, reais, palpáveis!... Como se [acusa de semelhantes crimes] um homem que frequenta a melhor sociedade? Um homem que não receia levantar a frente, um homem que vai ligar-se a uma mulher cujo nome não tem mácula?!... Ah! É infame, é horrível! É uma coisa absurda!

Lúcio: Nem sempre a malvadez anda coberta de andrajos, minha senhora. Muitas vezes um traje de ouro oculta uma alma de lodo.

³⁹:" Suspeitas! Suspeitas! Como! " rasurado.

⁴⁰No manuscrito "as mais horrorosas certeza" corrigido para "a mais horrorosa certeza.

⁴¹ "Sem dúvida" sobre rasura

Fausta: Ah! Então tu o acusas também? Acreditas nessa fábula insensata?

Lúcio: Acredito; não me⁴² ofuscaram a mim as lantejoulas [dele].⁴³ Não se deixe abater⁴⁴ pela dor, reflita antes de protestar. Tenha a energia, a firmeza bastante para conjurar o perigo e chame em seu auxílio todo o horror que lhe pode inspirar o crime para fugir daquele... miserável!

Fausta: Lúcio, tu não sabes que estás me despedaçando o coração?

Lúcio: Sei, mas não há outro remédio. A notícia afinal lhe devia chegar aos ouvidos, e eu preferi que fosse dada por mim, e quanto mais cedo melhor.

Fausta: Isto me parece um gracejo atroz...

Lúcio: Pois é o que há de mais real. [Causa-lhe] um grande dissabor...

Fausta: [É a minha] infelicidade!...

Lúcio: Não é; infelicidade seria se ele a arrastasse consigo para a infâmia. Minha senhora é moça, é formosa, ainda pode esperar muito, e ser muito feliz.

Fausta: Mas Lúcio, eu não creio! Não o acreditarei nunca!...

Lúcio: Há de acreditar muito breve, minha senhora, e permita⁴⁵ dizer-lhe que em vez de duvidar procure certificar-se. Há muito tempo que eu tenho suspeitas desse homem, há um mês que o Sr. Osmundo ouviu do próprios lábios dele palavras que não deixavam dúvida sobre o seu crime. O Sr. Osmundo lho disse; minha *senhora* ofendeu-o e apontou-lhe a porta. Eu, para livrá-la de uma desgraça, constitui-me espião e obtive muitas informações. Ele é o chefe de uma quadrilha de cavalheiros de indústria, e tem oficina de moeda falsa, que a polícia já descobriu.⁴⁶ Minha senhora é uma das muitas vítimas daquele falsário. Expulse-o de si como se fosse um réptil venenoso e nojento; conserve-se na altura de sua dignidade, feche os olhos ao homem que tão indignadamente a enganou e abandone-o à justiça.

Fausta: Provas, Lúcio! Quero provas!...

Lúcio: Tê-las-a, minha *senhora*! Empenharei para isso o meu sangue!... (Sai)

⁴² Sobre rasura

⁴³ Inicialmente, "as suas lantejoulas" emendado para "as lantejoulas dele".

⁴⁴ Rasurado "minha senhora". Segue-se à esta frase, rasura de uma frase inteira

⁴⁵ Segue-se uma palavra rasurada

⁴⁶ Segue-se uma frase inteira rasurada.

Cena 5^a

Fausta só – como aturdida

Fausta: É possível, meu Deus! É possível o que acabo de ouvi? Luigi, o meu noivo, o meu escolhido, será um malvado... um criminoso... não... é mentira! É falso!... Podia ele ser tão hábil que enganasse assim miseravelmente os seus amigos, as pessoas que o rodeiam? Não, não, mil vezes não!

O seu olhar desassombrado e firme, o seu sorriso tranquilo, o seu gesto elegante e grave, a sua palavra melodiosa e terna... tudo isso será... teria sido uma vergonhosa mentira, uma hipocrisia execrável?!... Mas Lúcio é incapaz de enganar-me... não veio contar-me uma fábula... Eu enlouqueço: meu Deus!... (Pausa) É impossível... laboram num erro... Não é ele o indivíduo que procuram. É outro... um outro qualquer por aí. Mas se for, se desgraçadamente for... eu estou perdida, ridicularizada! Que vergonha, meu Deus! Que vergonha!... (Chora) Meu Deus! Que de lá de cima vêdes a inocência e a culpa... inspirai-me! Fazei a luz nesse caos!... Protegei-me, Senhor! (Sai)

Cena 6^a

Luigi entra – olhando em torno de si

Luigi: Como que ouvi soluços... pareceu-me que alguém chorava aqui... seria Fausta? Sinto o perfume que ela exala... essência de jasmims... Que teria ela? Naturalmente um faniquito. Essas moças de agora são muito nervosas, muito zangadinhas... qualquer coisa as faz chorar. (Senta-se e abana-se com um leque) Pobre Fausta! Tão leviana, tão boa, tão linda! Realmente, às vezes tenho pena dela e sinto remorsos em sacrificá-la. (Ri-se) Remorsos! Disse mal; há muitos anos que não sei o que [são eles]; devia ter dito – simplesmente... piedade... Porém também piedade não; eu nunca tive piedade de ninguém. [Ora!] Que descubra lá o diabo o termo próprio. Se ela soubesse que eu sou... casado!... (Levanta-se) Casado!... apesar de tudo semelhante palavra me pesa como um fardo de cem arrobas. (Riso forçado) Há indivíduos marcados desde o berço pelo ferrete da desgraça, eu sou um deles. As consciências honestas me

chamarão um monstro, um infame... eu me chamarei o fruto podre de uma árvore carcomida, produto infame de uma sociedade corrupta e gasta. Órfão desde a infância, criado na lama das ruas, faminto, nu, desprezado, ignorante, que podia ter eu feito em meu favor? Nada!... Inexperiente da vida, inconsciente do bem e do mal, eu vagava, vagava, pelas estradas, pelas praças, pelas vielas, esmolando um pão... que muitas vezes me era negado. Ninguém me viu, ninguém me chamou, ninguém me acolheu. Passavam por mim faminto, enregelado de frio, como se passa por um cão leproso, atirando-lhe um pontapé! Quando vi que ninguém se compadecia de mim, não me compadeci de ninguém; em vez de pedir, furtei, em vez de trabalhar, dediquei-me a indústrias proibidas. Ainda assim, não achei nunca *uma* mão que me detivesse no declínio da desonra e me apontasse o caminho do dever. [Nunca achei uma voz que me dissesse: “Homem criança, vais errado; teu caminho é aquele, teu destino é outro. Estais à borda de um abismo, foge dele!” Estas palavras seriam talvez a *minha* salvação.] Quando se me desenvolveu a inteligência, o que vi eu ao redor de mim? O trabalho mal recompensado, o mérito cedendo o passo à vaidade, a pobreza ludibriada, o dinheiro endeusado, o vício orgulhoso, a virtude infeliz! Então tomei o meu partido; quebrei os jugos do escrúpulo e ri-me da humanidade. Se é assim, que viva o mais esperto, o que mais souber enganar! Estou completamente mudado agora: no físico, fui como a lagarta metamorfoseada em linda borboleta; no moral, como o lago azul que se entulha de podridão. Tenho talento para fingir, é quanto basta. À luz do dia sou um cavalheiro; nas trevas sou um salteador. Não importa. Quem vai levantar a ponta de meu manto dourado para descobrir-me a lepra hedionda? Ninguém. Quem [não] deixará de preferir o meu dinheiro à honra de qualquer operário [maltrapilho?] Algum imbecil. Portanto, nada de retrogradar! Representa o teu papel no mundo, estroína! Deita a máscara e precipita-te no turbilhão desse eterno e imenso carnaval. Que te importam as lágrimas alheias se ninguém enxugou as tuas! (Pausa)

(Tira uma charuteira deixando cair despercebidamente um papel, acende o charuto e passeia) Fausta demora-se... Não aparece ninguém, nem o Lúcio. (olhando) Está tudo deserto, silencioso, com mais ares de funeral de que de noivado. Estou doido para saber o resultado da demanda. Hoje deveria dar-se a última sentença.

Se não for favorável, amanhã mesmo embarco num vapor do norte e safo-me; se for, efetuo o casamento e só me demoro o tempo bastante para liquidar os duzentos contos e acomodá-los na carteira. Nada, não posso andar assustado. Mais dia menos dia a polícia me descobre a oficina e mete-me na enxóvia; e per Bacco! A enxóvia cheira horrivelmente a mofo. Vou dar uma volta no jardim e colher um ramo. Pode ser que Fausta lá esteja. (Sai pelo jardim)

Cena 7^a

Lúcio entrando

Lúcio: O birbante foi apanhar flores; tem razão; deve enfeitar bem a sua miséria para que ninguém a perceba. Vou armar-lhe um laço de mestre para ver se arranjo alguma coisa (olha em torno e vê o papel no chão) Um papel... será dele? (Curva-se e apanha) Uma carta. (Lê o sobrescrito) Dr. Luigi Spinelli. Marca do correio de Nápoles. É dele. Vamos a ver o que contém. Não é crime violar os segredos dos infames. (Abre a carta) Que diabo! Está escrito em italiano. Mas não pescarei nenhuma palavra? (Lê) "*Mio caro sposo Agostino Carmello*" isto quer dizer meu caro esposo. Assinado Maria Carmello. Ui!... É ele! É o homem!... Eureka!... E o desgraçado é casado!... Casado!... Não sabia mais dessa. Que monstro meu Deus!... Está fora de dúvida: é ele o criminoso que a justiça procura. Esta carta é um precioso documento. Corro a mandar traduzi-la e a entregá-la à polícia. (Ouvindo) Mas ele volta. Ah! celerado! Chegou o momento da [tua] punição!... ⁴⁷ (Muda de aspecto)

Cena 8^a Luigi e Lúcio

Luigi (*que* volta do jardim trazendo rosas na mão): Olá, Lúcio! Estive aí esperando mais de um século e ninguém me apareceu. Onde anda tua senhora?

⁴⁷ Sobre rasura.

Lúcio: Ocupada; uma véspera de noivado traz sempre o que fazer.

Luigi: É exato. (Senta-se, brincando com um ramo de rosas)

Lúcio (À parte): Não sei por onde começar.

Luigi: Anda, Lúcio, vai dizer a Fausta que eu aqui estou. (Lúcio não se move) Então, não ouviste?

Lúcio: Meu senhor...

Luigi: O que queres?... Não te moves? Tens a dizer *alguma* coisa?

Lúcio: Eu... eu... queria fazer-lhe uma confidência...

Luigi: Per Bacco! Uma confidência é coisa muito familiar, mas não importa; desembucha-(a).⁴⁸ Estamos⁴⁹ no século da democracia.

Lúcio: Queria revelar-lhe um grande segredo, no qual sua pessoa tem parte muito importante...

Luigi (estremecendo): Eu?...

Lúcio: ... contar-lhe a história de minha vida, a minha história de dores e tribulações.

Luigi (rindo): Temos romance! Nunca vi mulato pedante como tu. A coisa vai me despertando a curiosidade: vamos ao 1º capítulo. Mas que seja breve; não gosto de narrações maçantes.

Lúcio: Ah, meu Sr. *Doutor!* Não sabe, não pode avaliar *quanto* lhe agradeço a sua benevolência. Meu coração estava cheio a transbordar: era-lhe preciso um seio amigo onde deixasse cair, numa torrente de queixas os seus dissabores, e agradeço à *minha* boa estrela...

Luigi: Basta de prefácio.

Lúcio: Meu senhor, quem vive na opulência, no prazer, na liberdade enfim, não avalia o que é, o que pode ser a vida de um escravo. O escravo é um desgraçado que nasceu num país e não tem pátria, numa casa e não tem morada, num lar e não tem família! Possui coração e cabeça, corpo e alma, razão e sentimento, mas não tem direito de pensar nem de amar, não tem direito de ser um homem. Menos que um animal, é uma coisa; menos que uma coisa é uma nulidade. Vítima que não pode queixar-se nem quebrar os grilhões, porque, embora os quebre, fica-lhe na frente o rastro fatal de sua ignomínia maldita! Ah, meu senhor. É o despeito concentrado por muitos anos que se fundiu nessas palavras

⁴⁸ No texto: desembucha-la.

⁴⁹ Grafado por lapso "istamos"

aflitas; é a amargura destilada de minh'alma que se extravasa de meus lábios em gotas de fel. A algema do cativo não é mais pesada para a unidade da nação do que para cada parte dela! A liberdade de um povo protesta contra a escravidão de um indivíduo [e entretanto], o meu país libertou-se, [deixando-nos] escravos. Oh! Foi uma ironia cruel, um sofisma pungente que atirou à face do mundo civilizado.

Luigi (rindo): Onde foi que leste todo esse arranzel?!

Lúcio: No livro de minha desgraça e de meus irmãos.

Luigi: És muito injusto para com teus senhores, não tens direito de queixar-te deles.

Lúcio: Nem me queixo; eles não tem a culpa do que os outros fizeram. Sou-lhes muito grato até, porém não posso renunciar ao meu direito natural de aspirar a felicidade. Nasci nesta casa, quase ao mesmo tempo em que nasceu o finado meu *senhor*. pai de D. Fausta. Minha mãe amamentou-o nos seios, repartiu com ele o leite que me devia caber. Crescemos juntos, brincamos como irmãos; o mestre que o ensinou a ele ensinou-me a mim, porque meu *senhor*, vendo que eu tinha algum talento, quis ter a fantasia de aproveitá-lo. Já vê que não quero enganá-lo, meu *senhor*, nem disfarçar a verdade.

Luigi: Foi um pateta, o teu *senhor* velho; deitou-te a perder com a tal educação.

Lúcio: Diz bem, deitou-me a perder, dando-me a luz que me rasgou as trevas da inteligência e me fez conhecer todo o horror de minha situação moral, os meus companheiros de grilheta só têm um bem, um bem único no meio de sua desdita: é a ignorância do que são e do que valem; e veja até que ponto são desgraçados, até que ponto são miseráveis! O que para outros é ⁵⁰ o pior dos males constitui a sua única felicidade! Deus negou a razão aos animais, talvez para não supliciá-los com a vergonha de sua conformação inferior e humilde. Pois os senhores deviam fazer como Deus! Não educar os escravos para diminuir-lhes a intensidade do martírio.

Luigi: Nunca te ouvi falar assim de tua condição; parecias-me contente, feliz...

Lúcio: Parecia resignado, mas parecia-o somente. Não o estava. Também o barranco profundo e negro, o precipício escalavrado e medonho se

⁵⁰ Segue-se uma palavra rasurada.

enfeitada por fora de lianas e flores, de borboletas e musgo, mas lá no fundo ruge e palpita o redemoinho convulso do abismo... Também o vulcão se cobre de um manto branco de gelo, escondendo as crateras fechadas; mas lá vem um dia em que a lava rebenta e sai indômita, terrível, derretendo a crosta gelada e atestando com a sua língua de chamas, com as suas letras de fogo, que muitas vezes a superfície das coisas é uma mentira brilhante!...

Luigi: É uma verdade incontestável. Mas vamos ao que importa: tenho-te ouvido com uma paciência de santo, e não compreendo onde queres chegar.

Lúcio: Escute-me ainda, e há de compreender. Já lhe revelei o âmago de minh'alma, os meus pensamentos⁵¹ secretos. O que vai, porém, de dores surdas, de ódios terríveis, de maldições amargas nesses 45 anos de vida não há frase que os traduza. Tenho procurado por mil modos escapar do cárcere e ainda não achei uma brecha única. A fuga não me convém; tem conseqüências muito humilhantes e cruéis, e o escravo não tem para quem apelar. Todas as portas [lhe] estão fechadas, à exceção da porta do inferno. Creia-me. Largas noites de insônia passei a cogitar todos os meios possíveis para a realização da minha idéia; astúcias, até crimes maquinava! Mas faltava-me o principal, a mola do mundo: o dinheiro. Como achá-lo?! No trabalho? Impossível! Não tenho um minuto de meu. No roubo comum e vil de alguma carteira? Não era o meio seguro. Finalmente tive uma lembrança feliz: a moeda falsa.⁵²

Luigi (estremecendo e recuando): A moeda falsa!...

Lúcio: [É um modo fácil de ser rico.]⁵³

Luigi (recobrando a serenidade): Vejo que és um idiota e não sei que relação tem comigo toda essa tua história enfadonha. Ouvi dizer a Fausta e a D. Maria que tu és livre, que já tem a tua carta pronta.

Lúcio: E de que me serve uma miserável liberdade maculada com o labéu do cativo? Nada, eu quero a verdadeira liberdade em toda a sua pureza, em todo o seu esplendor!...

Luigi: Ora, Per Bacco! Que diacho queres tu que eu faça? Já és livre, ou quase livre, e estás-me a quebrar os ouvidos com palavrórios que eu

⁵¹ Segue-se rasura de duas linhas.

⁵² Segue-se frase rasurada.

⁵³ Sobre frase rasurada.

não entendo. De mais a mais, vou ser teu senhor amanhã, e espanta-me a audácia da tal confiança.

Lúcio: Eu explico. Como ia dizendo, tencionei entrar numa dessas sociedades ocultas, donde a gente sai com a carteira recheada de notas – e depois largar-me pelo mundo afora com um nome novo, e uma existência nova...

Luigi: És de um desfarçamento raro!

Lúcio: Desde que surgiu-me essa idéia, não me abandonou mais, e eis a razão porque eu venho pedir-lhe que me proteja, que me apresente... que me faça um de seus sócios...

Luigi (recuando): Um de meus sócios!... Que queres tu dizer com isso, [tratante?]

Lúcio: Não se assuste: sou seu amigo e não desejo perdê-lo. Era-me realmente necessário ter muita audácia para fazer-lhe semelhante revelação, mas eu tive-a. Quero ser rico, meu *senhor*, e hei de sê-lo!... Sei que é o chefe de uma dessas associações; há mais de um mês que o sei.

Luigi: Desgraçado!... É falso!...

Lúcio: Não é! Mas já lhe disse, tranquilize-se; se eu quisesse fazer-lhe mal tinha-o denunciado, tinha dito a minha senhora, mas não disse, nem denunciei. Por aí já vê que sou sincero.

Luigi (passeia refletindo)

Luigi: (À parte) Isto será um laço? Estou descoberto!

Lúcio: Então, que responde?

Luigi: Respondo que tu és um velhaco muito atrevido, e que tens de pagar-me o insulto que me fazes.

Lúcio (dando uma gargalhada): Insulto!... Meu senhor está enganado. Eu disse-lhe a pura verdade.⁵⁴ É inútil negar um fato que eu conheço como o conheço a si. Duvida de mim porque sou escravo daqui? Já lhe patenteei o que sinto e o que penso. Duvida porque me julga um homem honrado? Para conseguir os meus fins eu não hesito em ser um falsário. Se não o denunciei até agora, posso denunciá-lo amanhã, despeitado com a sua recusa.

Luigi: Ninguém denuncia sem provas, e onde as tem?

Lúcio: Não seria essa a dificuldade. O Sr. Agostinho Carmello é meu conhecido velho!

⁵⁴ Segue-se palavra rasurada.

Luigi (estupefato): Que!... Tu sabes tudo! Estou perdido!

Lúcio: Sei tudo, sei. Sei que é casado, e muitas coisas mais, que direi à justiça se não chegarmos a um acordo.

Luigi: Ah!... Devo partir imediatamente!... (Gesto de sair)

Lúcio (detendo-o): Ainda não; espere aí e vamos concluir o negócio. Ninguém se não eu sabe o que há; tenho confiança em mim e tudo se arranjará em paz. A nossa demanda está ganha; case-se, e parta então logo, deixando-me em seu lugar na sociedade. Convém-lhe assim?

Luigi: Convém. Não tenho onde escolher.

Lúcio: Então aperte a mão. Dois criminosos não tem diferença de classe. (Apertam as mãos)

Luigi: Se tu me traíste, olha, tenho aqui na cinta o punhal que matou Luigi Spinelli para to enterrar no coração.

Lúcio: Pois bem, aceito.

Luigi: Podemos separar-nos: vai chamar Fausta.

Lúcio: Ainda falta uma coisa. Eu não me quero comprometer de modo algum. Não conheço ainda o trabalho, nem sei se é bom. Mostre-me aí uma nota, para ver se é coisa limpa!

Luigi (tirando a carteira): És muito exigente, mas podes ver. (Aproximam-se da luz)

Lúcio: Muito boa. E as outras?

Luigi: A mesma coisa.

Lúcio: Espera aí. (Quer tomar a carteira) Deixe examinar isso melhor. (Luigi afasta a mão) Que! Está com receio, já tão cedo?

Luigi: Não, agora [arrisco] tudo por tudo. (Ouvem-se passos) É Fausta!

Lúcio: É ela, sim, afastemo-nos! (Sai correndo na ponta dos pés)

Luigi: Lá se foi o diabo do negro com a carteira e os meus papéis. *Diávolo! Diávolo!* Irá trair-me? Estou metido em boa!... Agora, nem mais um dia nesta terra! Mas ainda alguns minutos de disfarce.

Cena 9^a

Luigi e Fausta

Luigi: Minha amada noiva! Como passaste?

Fausta: Um pouco incomodada.

Luigi (sorrindo): Questões de nervos, não?

Fausta: Talvez. Há uma hora que sofro horrivelmente.

Luigi: Realmente estás pálida e fria como uma estátua de mármore. Mas donde provém semelhante sofrimento?

Fausta: Tenho pensado e meditado [hoje] muito no futuro.

Luigi: No nosso futuro que vai abrir-se amanhã risonho, formoso, como uma alvorada de primavera?... Na nossa existência que há de passar-se feliz entre sorrisos de amor debaixo do céu esplêndido da Itália? Era isso o que pensavas?

Fausta: Não; era justamente o contrário. Uma idéia esquisita, talvez absurda (Olhando intencionalmente para Luigi) Eu pensava que podia ser muito infeliz.... que o dia de amanhã seria o meu abismo.

Luigi (muito calmo): Que louquinha. (rindo) Isso é uma doença que os ingleses chamam *spleen*. Produz pensamentos muito excêntricos, muito negros, mas que afinal de contas não passam de quimeras. Tens febre? Deixa ver (toma-lhe o pulso) Não, está muito regular.

Fausta: Tenho febre na cabeça e no coração.

Luigi: Criança! Levanta a cabeça e sorri. Vai cuidar dos teus arranjos, nos seus enfeites e na ventura de amanhã.

Fausta: É que eu já mudei de resolução.

Luigi: Como!...

Fausta: Resolvi adiar o casamento.

Luigi: Adiar! E por que?

Fausta: Porque a tal idéia pareceu ser um pressentimento.

Luigi: Ora esta! Quem acredita lá em pressentimento.

Fausta: Eu, por exemplo.

Luigi: Qual! Nada! Não pode deixar de ser amanhã o nosso casamento. Os convidados...

Fausta: Desavisam-se.

Luigi: A viagem depois de amanhã ...

Fausta: Iremos no outro vapor.

Luigi: A minha felicidade que eu julgava tão próxima.

Fausta: Isso é o menos.

Luigi: Fausta! Que tom e que maneiras são essas?... Já não és a mesma, minha querida?... (Toma-lhe as mãos e contempla-a)

Fausta (rebetando em choro): Luigi!...

Luigi: Dize-me o que tens, anda, e o que querem dizer estas lágrimas!

Serei porventura vítima de alguma intriga? Disseram-te alguma coisa de mim? Heim?... Fala. Já não me amas, Fausta? Já não te mereço a confiança de outrora?... Que transição terrível foi esta?... Vamos, conta-me tudo. Que veneno entornaram sobre o meu nome na tua alma? Que seta hervada de calúnia feriu-me no teu conceito? Dize; estou pronto para defender-me. Qualquer que seja o golpe saberei aparar-lo!...

Fausta: Luigi!... Sim, é calúnia, é mentira!... Eu não o acreditei. É impossível que fosses tão malvado para fingir assim. Em teus olhos e em tua fronte não descubro a menor sombra de culpa... Amo-te e creio que és tão honrado e digno quanto eu desejo que o sejas!...

Luigi: E o que foi que te disseram, filha?

Fausta: Nada, uma vil infâmia. Alguma inveja surda que procura separar-nos. Amanhã seremos felizes, e com a nossa união à face de Deus mostraremos que estamos acima dessa força indigna!...

Luigi: Finalmente vejo-te qual és! Franca, generosa, incapaz de trair! Mais divinamente bela do que nunca. Fausta! Já não preciso defender-me, leste em meu rosto a minha inocência e sabes que eu te amo. É o que me basta. Acuse-me o mundo inteiro e me estimes tu que eu serei feliz. Não sei o que te disseram nem quero sabê-lo. A repetição de tais vilezas mancha os lábios mais puros. Afasta de ti qualquer susto, qualquer suspeita... maldição sobre mim, se não sou digno de ti!...

Fausta: Luigi! Meu Luigi! Já nada temo! Já nada receio!... E hei de ser tua!... (Abraçam-se)

Cena 10^a
Os mesmos e Lúcio.

Lúcio (entrando): Ah!... (recua) Infame!... Solta esta pomba, abutre. Não hás de devorá-la! Assassino do jovem doutor Luigi Spinelli, ladrão de seu pergaminho, desmascerei-te enfim!

Luigi (furioso): Desgraçado! Traidor!... Miserável! (Atira-se a ele)

Lúcio: Senhor! Nem sempre a malvadez canta vitória! Há no céu um poder que vela pela virtude: é a Providência de Deus!...

Luigi: Teus lábios são muito imundos para manchar-me, infame!

Lúcio: Cale-se! A prova do que disse está nas mãos da justiça.

Luigi: Lembras-te do que te [prometi] há pouco? (Tira o punhal, Lúcio lho arranca das mãos)

Lúcio: A violência é inútil; seria mais um crime!

Fausta (interpondo-se, cheia de terror): Luigi, Lúcio! O que é isto! Pelo amor de Deus!

Luigi: Eu preciso da tua vida, insolente!

Lúcio: E a sociedade do teu castigo, monstro!...

Fausta (a Lúcio): Provas! Lúcio! Quero provas.

Lúcio (correndo à porta): Ei-las!...

Cena 11^a

Os mesmos. Um oficial e soldados.

Lúcio (apontando Luigi): É o sr. Agostinho Carmello, assassino, ladrão e falsário.

Luigi (cobrindo o rosto e tentando fugir): Ah!...

Lúcio (a Fausta): Vê, minha senhora? É até covarde!...

Oficial: Agarrem, camaradas! (Os soldados cercam Luigi) Minha *senhora*, (a Fausta) queira desculpar esse ingresso um pouco brusco. Aquele indivíduo é um criminoso digno da força. Abusou covardemente de sua boa fé e ia sacrificá-la.

Fausta: As provas, *senhor*?

Oficial: Aqui estão nesta carteira dele. Além de tudo, para rematar a infâmia, ia cometer amanhã [mais] um [delito] abominável, porque é... casado!...

Fausta: Casado! Meu Deus!...

Oficial: Aqui está uma carta de sua mulher que revela tudo. O seu nome mudado, e algumas circunstâncias do crime de homicídio.

Luigi: É falso! Eu sou inocente!

Oficial: Vá dizê-lo e prová-lo à autoridade superior, por agora clamores e resistência são inúteis... O seu processo está instaurado; só lhe cumpre⁵⁵ procurar um bom advogado que com as flores da retórica cubra a enormidade de seus crimes. Siga! (A Fausta) *Excelentíssima*, em nome da justiça e da lei imploro o meu perdão, peço licença para conduzir daqui este indivíduo. (Cumprimenta-a e saem levando Luigi).

⁵⁵ Segue uma palavra rasurada.

Fausta: (com desespero, caindo em uma cadeira): Miséria! Vergonha! Castigo de Deus!... (Cobre o rosto com as mãos, soluçando)

Lúcio: Ânimo, minha senhora! Coragem! Eleve-se acima da desgraça e que ela lhe seja profícua!

Ato 3º

Ao levantar o pano, Fausta está recostada em uma cadeira, com a cabeça entre as mãos, ao pé da mesa no centro da sala.

Cena 1^a

Lúcio e Fausta.

Lúcio: Minha senhora... minha senhora...

Fausta: Deixa-me, Lúcio, deixa-me!...

Lúcio: Assim, minha *senhora*, não vai bem. Desde ontem a chorar, sem comer, sem dormir...

Fausta: Ah! Querias então que... depois do que se tem passado de ontem para cá eu não estivesse aflita?...

Lúcio: Queria que desse lugar à reflexão, que pensas mais sobre a sua nova situação em vez de lamentá-la tanto.

Fausta: Bem se vê que não podes compreender os melindres de uma mulher, de uma moça como eu, ferida no orgulho, ferida por todos os modos.

Lúcio: Compreendo, minha *senhora*, apesar de homem, apesar de escravo. Compreendo, mas tenho a triste experiência da vida e sei que lágrimas não dão remédio.

Fausta: Vai-te embora, Lúcio, deixa-me só com a minha dor.

Lúcio: Não posso abandoná-la, minha *senhora*.

Fausta: Deixa-me tragar em silêncio todo o fel de meu cálice atroz! Deixa... (soluça)

Lúcio: Pobre criança!

Fausta: ...deixa que eu, à força de apertá-lo, consiga sufocar as palpitações dolorosas deste coração infeliz... deixa que à força de pensar na desgraça, a minha cabeça estale de dor.

Lúcio: Oh, minha *senhora*! Pelo amor de Deus, volte a si!... Afaste da imaginação aquele quadro lúgubre que presenciou... procure acalmar

essa excitação nervosa. Venha passear no jardim, venha; levante-se dessa cadeira; o ar fresco lhe fará bem.

Fausta: O meu frasquinho de éter...

Lúcio: Aqui está; respire e não chore mais.

Fausta: Como não chorar se sou tão desgraçada!...

Lúcio: Ninguém é desgraçado enquanto crê em Deus.

Fausta: Deus! Eu creio nele, e não obstante...

Lúcio: Crer em Deus, *minha* senhora, não é somente acreditar que ele existe; não! Crer em Deus é considerá-lo um pai onipotente e bom, que vela por nós, e não nos abandona nunca se temos confiança nele. Quem tem na alma essa convicção, sente, sofre, chora, mas não fecha o coração às consolações⁵⁶ da esperança!

Fausta: A esperança! morreu para mim!

Lúcio: Por que?

Fausta (levantando-se): Ontem, Lúcio, eu era a rainha dos salões, uma das estrelas mais brilhantes da sociedade, a primeira entre as primeiras, porque me julgavam rica e feliz, porque me julgavam noiva e muito breve esposa de um cavalheiro rico e distinto, porque me supunham enfim com o pé no primeiro degrau da escada do poder e da opulência. Oh! Mas hoje a face das coisas mudou! Hoje eu sou apenas... uma órfã sem parentes, pobre como a última das pobres, que irá esmolar talvez amanhã a caridade de alguém. Sou uma mulher ludibriada por um charlatão infame, uma mulher insensata que se deixou enganar! Sim! Não de censurar-me por isso os mesmos que com ele se enganaram também, as mesmas que suspiravam pelo seu amor. Quando eu aparecer na sociedade, apontar-me-ão com o dedo, e dirão: "Lá vai a tal Fausta", a que ia casar com um moedeiro falso. E acreditas, Lúcio, que quem caiu tão rudemente de um pedestal tão brilhante possa ter a esperança de surgir outra vez?

Lúcio: Poderia, minha senhora, se os alicerces desse pedestal não fossem a vaidade e o orgulho.

Fausta: Lúcio!...

Lúcio: Perdoe; esta linguagem é imprópria de um escravo, mas é a verdadeira linguagem de um pai; Iaiá Fausta perdeu o seu; sua mãe não pode aconselhá-la; não tem uma voz *mais* autorizada do que a minha

que lhe mostre a verdade... portanto, eu que a criei, eu que a estimo como se fosse minha filha, eu *que* daria tudo para vê-la feliz, não hesito em lhe falar com toda a franqueza. Os meus cabelos brancos e a minha lealdade há tantos anos provada dão-me direito a ser ouvido...

Fausta: Fala, Lúcio, tu tens mais de um título à minha atenção; não és meu escravo, és um único amigo que me resta. Dizias então que ...

Lúcio: Que a vaidade e o orgulho, minha *senhora*, são as causas principais de sua infelicidade.

Fausta: Pois tu queres que eu não tenha orgulho? Eu, que nasci na opulência e que vivo numa sociedade onde se despreza a humildade, onde se desdenha a pobreza?...

Lúcio: O orgulho mal entendido é o pior dos defeitos, minha senhora, é o defeito dos insensatos.

Fausta: Mas prova-me, se podes, a relação que existe entre isso e a minha infelicidade.

Lúcio: Muita, *minha senhora*. Foi a vaidade que a fez aparentar uma riqueza que não tinha para freqüentar as festas, chamar a atenção e achar um noivo de elevada posição; foi a vaidade que a fez tornar-se leviana e alimentar esperanças em indivíduos a quem não tencionava unir-se, e que a ajudavam a sustentar o seu luxo demasiado. Queria *minha senhora* por ventura ser esposa de Amâncio Rosas, um velho ridículo, libertino, jogador, que passa as noites na taberna gastando os últimos dias da vida que devia empregar melhor? Foi a vaidade ainda que a fez desprezar os afetos sinceros e desinteressados de um moço pobre mas honradíssimo que a amava até o delírio! É o orgulho que a faz encarar agora com desânimo, com desespero até, a nova fase de sua vida. Se minha senhora não o tivesse em tão alto grau a queda de que falou não a humilharia tanto; esqueceria facilmente o brilho fosfórico que a rodeava e não se deixaria aterrorizar pela idéia da pobreza.

Fausta: Oh, Lúcio!... Que palavras duras!...

Lúcio: São duras, mas são verdadeiras. Para os grandes males grandes remédios. Diante da necessidade de sua regeneração eu não hesito em empregá-las. Aconselhei-a muitas vezes; *minha* senhora nunca me quis ouvir...

Fausta: Eu era uma louca. De ontem para cá tenho vivido dez anos. O mundo para mim estava envolto num véu de ouro... esse véu rasgou-se e eu o vejo agora em toda a hediondez da realidade.

⁵⁶ Seguidas de duas palavras rasuradas

Lúcio: Não é necessário vê-lo somente; é preciso aceitá-lo tal como é.

Fausta: O que⁵⁷ queres que eu faça então?

Lúcio: Que abandone sem pesar o luxo e as comodidades...

Fausta: Ah! E como viverei de (ag)ora em diante?

Lúcio: Como vive a virtude: oculta e resignada.

Fausta: Na miséria!

Lúcio: Na miséria não! No trabalho!

Fausta: Eu, trabalhar? Oh! É doloroso, é horrível!

Lúcio: O trabalho é o mais nobre privilégio do homem, *minha senhora!*

O trabalho é que mantém a sociedade, é que sustenta a honra, é que dá tranqüilidade e verdadeiro prazer. O trabalho não humilha, exalta, porque aquele que não herdou e não tem quem lhe dê⁵⁸ [o pão cotidiano], se não trabalha, cai necessariamente no crime, porque não se há de deixar morrer à fome! Quando o homem perde a fortuna, se lhe ficam os braços e a cabeça fica-lhe tudo, porque lhe fica o trabalho!

Fausta: Mas eu não tenho forças...

Lúcio: Nem lhe será preciso empregá-las para prover a sua subsistência enquanto eu existir. Falei-lhe do trabalho porque vi a repugnância com que *minha senhora* o encarou, e, demais... ninguém pode contar com a vida. Se eu morrer, se nada lhe restar no mundo senão a misericórdia de Deus, trabalhe, *minha senhora*, trabalhe, que será mil vezes mais nobre do que o era quando enfeitada e vaidosa percorria os salões do baile!

Fausta: Sim, eu trabalharei! Eu quero regenerar-me!... A Fausta de ontem, a Fausta leviana e superficial, não será a mesma de amanhã. Tu me abriste os olhos, Lúcio, eu te agradeço. Sinto não ter uma recompensa digna de tua dedicação...

Lúcio: A recompensa que eu desejo, *minha senhora*, é vê-la afastar do espírito todas essas idéias falsas que lhe aumentam o sofrimento; é vê-la feliz na pobreza, satisfeita com a consciência de sua virtude e resignada no infortúnio. (Batem)

⁵⁷ Segue-se palavra rasurada.

⁵⁸ Segue-se palavra rasurada.

Cena 2^a
Os mesmos e D. Olímpia

D. Olímpia (vestida de preto, muito pálida): Dá licença?

Fausta (a Lúcio, à meia voz): Quem é esta senhora? Não conheço.

Lúcio (baixo): Nem eu. (A D. Olímpia) Pode entrar, *minha senhora*.

D. Olímpia: Muito boa tarde.

Fausta: Boa tarde. (Apertam as mãos. Pausa) Faça o favor de sentar-se.⁵⁹

D. Olímpia: Obrigada. Estou muito cansada. Andei tanto para chegar aqui!... (Dá um suspiro)

Fausta: Mora longe?

D. Olímpia: Fora da cidade.

Fausta: Deseja falar comigo?

D. Olímpia: Desejo. Há de admirar-se, porque não me conhece, nem nunca me viu. Mas eu conheço-a muito, e ainda mais sua mãe. Como está ela?

Fausta: Muito doente, mesmo muito mal.

Lúcio (a D. Olímpia): Minha *senhora*, V.*Excelência* não poderá voltar outro dia? Iaiá Fausta está muito incomodada... Sofreu um golpe⁶⁰ doloroso, e tem estado entregue a uma tal angústia... que lhe pode fazer mal qualquer abalo.

D. Olímpia (levantando-se): Angústia! Quem fala em angústia a mim, a mais angustiada das criaturas? Quem terá dores pungentes, lágrimas de sangue e gemido de amargura capazes de comparar aos meus?... Ninguém!... Adivinho, adivinho já o que é; não querem escutar-me, mandam-me embora... pois eu não transponho o limiar daquela porta ser ter vertido primeiro aos pés desta mulher tão cruel todo o fel que trago no coração.

Fausta: Engana-se, minha *senhora*, ninguém a está mandando embora. Acabou de dizer que eu não a conheço, e por consequência não posso saber a que a *senhora* vem para recusar ouvi-la.

D. Olímpia: Perdoe; a desgraça me tornou desconfiada e louca...

Fausta: Diga em que lhe posso ser útil, o que exige de mim.

⁵⁹ Seguem-se duas falas rasuradas.

⁶⁰ Muito – rasurado.

D. Olímpia: O que exijo de si? Exijo um minuto de prazer antes de morrer, eu que me sinto expirar a cada hora; peço-lhe meu filho, meu arrimo, meu amparo, minha consolação, meu tudo neste mundo! O raio de sol de minha velhice cansada, a luz de meus olhos cegos de chorar... peço-lhe meu filho que a *senhora* me roubou e perdeu!...

Fausta: Seu filho? Eu lhe roubei seu filho?

D. Olímpia: Sim, meu filho, o meu Osmundo!

Fausta: Ah!... Osmundo!... A *senhora* é Dona Olímpia?

D. Olímpia: Sou. Não digo bem: fui. Dois anos e meio de sofrimento e privações fizeram de mim um cadáver. Hoje não sou mais D. Olímpia, sou o seu espectro, e amanhã... serei a sua poeira!... A *senhora* sabe o meu nome, mas não sabe a *minha* história, é a única desculpa que tem.

Fausta: D. Olímpia, eu não a compreendo, explique-se!

D. Olímpia: Eu era robusta e sã; pobre mas feliz, viúva mas consolada e rejuvenescida em meu filho... Quando ele entrava em casa, cantando, saltando como um passarinho na rama, atirando-se em meus braços, beijando meus cabelos brancos, eu largava o trabalho, ria com ele, ouvia as suas cantigas, inebriava-me com as suas travessuras, e eu, uma velha sem ardores, tornava-me criança também!... Compreende a *senhora* que felicidade imensa havia nessa existência tranqüila que um rei podia invejar?... Pois bem! Essa felicidade já eu não a tenho!... Essa felicidade me foi roubada me foi roubada pela *senhora*!... E hoje, que já não a possuo, sou isto que a *senhora* vê: uma sombra de mulher, consumida pela hipertropia do coração, uma desgraçada que não encontra alegria em parte alguma e que pede a Deus que a leve para acabar de padecer!... (Chora)

Fausta: Meu Deus! Meu Deus! Não esperava eu essa nova dor!... D. Olímpia, não fale mais... Eu sou criminosa, sou, porém não tanto como me julga. O sofrimento a faz injusta... Conversaremos sobre isso noutra ocasião... hoje não posso mais... São muitos golpes vibrados de uma vez...

Lúcio: Ouça D. Olímpia, minha *senhora*. Diz-me um pressentimento que dessa troca de queixas, dessa comunhão de lágrimas há de resultar algum bem. Tenha coragem! Erga-se para o futuro sobre as ruínas do passado. Esqueça o seu sofrimento de um dia diante do martírio tão longo desta pobre mãe que lhe veio falar de seu filho. Oh! E praza ao céu que das desventuras de ambas se levante a aventura de nós todos!...

D. Olímpia: Quem é este?

Lúcio (a D. Olímpia): Um escravo, mas escravo que o sentimento eleva e a amizade inspira. Perdoe-me a ousadia de exprimir-me assim, minha *senhora*; eu sou amigo de seu filho, eu fui o único nesta casa que o soube apreciar.

Fausta (apontando Lúcio): Salvou-me ontem de uma irreparável desgraça...

Lúcio (a D. Olímpia): Cumpre-me terminar a minha obra. (Batem. Lúcio vai ver)

Fausta: Será mais outra provação?

Cena 3^a

Os mesmos e Amâncio Rosas, um pouco embriagado.

Fausta (com gesto de enfado) : Oh! Este homem!...

Amâncio: Este homem, sim, a quem a *senhora* desgraçou! Este velho estonteado que gastou seu dinheiro em mimoseiá-la, e a quem a *senhora* acaba de insultar mandando-lhe um cartão de convite para seu casamento hoje. Então!... É hora da cerimônia! Quero assistir lá isso, e quando acabar mostrar ao noivo e aos convidados uma certa lista que trago, (puxa um papel) um rolzinho muito curioso... Escute lá: "No dia 18 de novembro um vestido de seda azul; no dia 4 de janeiro um leque de madrepérola, no dia 20 de fevereiro uma pulseira de ouro..."

Fausta (com indignação): Basta, sr. Amâncio!... Basta!... Nunca o supus tão [infame]! ⁶¹ (Apontando a porta) Saia... não posso ouvi-lo mais...

Amâncio (guardando o papel): Sim, depois de tudo me enxote, faz bem!... Outrora, e há bem pouco tempo, não me enxotava; agora... está rica, vai casar, não precisa mais do velho... rua com ele!... Mas diga-me uma coisa (cruza os braços diante dela) que fim levou o amor que me tinha?

Fausta: Sr. Amâncio, não me obrigue a fazê-lo respeitar à força uma *senhora* indefesa. O *senhor* enganou-se porque quis. Ninguém tem a culpa de que seja um velho tolo. Se consultasse o seu espelho, ele lhe havia de dizer que o *senhor* não podia mais esperar amor. Vamos, retire-se, senão...

⁶¹ Sobre rasura.

Amâncio: Ameaça-me?... Faz bem, mas não é preciso me deitar para fora a pontapés. Eu saio. Ela mais você que fiquem com o meu dinheiro e com as minhas jóias. Não faço caso.

Fausta (vai à mesa e pega na caixa de jóias com gesto de altiva indignação): Miserável!... Aí tem o seu cabedal. Leve. Nesta caixa há outras jóias além das que recebi do *senhor*. Pague-se com elas tudo o que lhe devo. Deviam ser o meu último recurso⁶² na miséria... serão a *minha* primeira expiação! (Atira a caixa)

Amâncio (apanhando-a): Do perdido a metade. Até mais ver. (Sai)

Fausta: Meu Deus! Até que ponto serei castigada?...

Cena 4^a

Os mesmos menos Amâncio.

D. Olímpia: Que quer dizer isso?... O que é que se passa aqui?

Lúcio: Quer dizer, *minha senhora*, que este homem está embriagado, e portanto, incapaz de respeitar conveniências.

D. Olímpia: Ele veio pedir as jóias que lhe deu, eu venho pedir-lhe uma jóia mais preciosa que todas essas. O momento é talvez impróprio, mas eu não voltarei sem dizer a que vim. Sofro muito, para esperar ainda mais. Talvez seja temerária nessa resolução, porém não importa! O coração extremoso da mãe que adora o filho não receia nada: está pronto para receber quantas feridas lhe quiseram abrir! Sacrifica as fibras todas, uma por uma, para salvar aquele que alimentou com seu sangue e com seu amor.

Fausta: Conclua, D. Olímpia, conclua por piedade!...

D. Olímpia: Há dois anos e meio deixou Osmundo os meus braços, os únicos braços que o protegeram, deixou o meu coração, único [coração] que o amava, para rojar-se aos seus pés, *minha senhora*, como se a *senhora* fosse um Deus digno da adoração de sua alma entusiasta!... O que lhe deu a *senhora* em paga deste afeto tão puro, tão exclusivo, tão grande?... Deu-lhe o mais cruel dos desenganos... matou a sua esperança, aniquilou o seu futuro!... Ele chegou-me em casa, nessa noite fatal, às duas horas da manhã. Eu estava esperando por ele, aflita, chorosa. Corri a recebê-lo, cheia de alegria, mas... ai!... Meu filho, o meu Osmundo,⁶³

⁶² Sobre rasura

⁶³ Segue-se palavra rasurada.

o meu virtuoso Osmundo soltou uma gargalhada; e entrou cambaleando, hirtó, desgrenhado, febril... Estava ébrio, D. Fausta!... estava ébrio!... Mais ébrio do que aquele homem que a insultou [há pouco]...

Fausta: Ah!... Osmundo fez isso?...

D. Olímpia: Fez mais ainda. Abandonou o trabalho, abandonou a casa, abandonou-me a mim!... Passa os dias bebendo e as noites jogando. Não é mais aquele rosto formoso e alegre, respirando saúde e esperança... É um estróina que percorre as tavernas num verdadeiro delírio... tem os olhos injetados, as faces pálidas... Perdeu o sentimento da própria dignidade, o nobre orgulho que tinha antes de amá-la! O que lhe resta a ele agora? Nada, nada senão a ternura constante de sua mãe!...

Fausta (chorando): Perdoe-me... eu não sabia... eu não podia adivinhar.

D. Olímpia: Avalia agora quanto tenho sofrido? Ver meu filho assim, perdido, desgraçado... É para morrer de pesar! Dei-lhe conselhos enquanto o pude ver... roguei, supliquei-lhe que tivesse juízo; ele para não me ver chorar não foi mais em casa... Não podendo mais pedir a ele, pedi a Deus, orei a Maria Santíssima que me valesse, que me inspirasse um meio de trazê-lo de novo a meu seio, e ela, a mãe de Deus, me inspirou... Eu refleti comigo: "D. Fausta foi a causa da desgraça de meu filho; foi esse amor louco, insensato que o levou ao desespero... eu vou a D. Fausta... ajoelho-me a seus pés... peço-lhe por compaixão, por caridade, que me ajude a salvá-lo..." Portanto, *minha senhora*, aqui está o motivo que me trouxe aqui... se a *senhora* negar-me o que lhe peço, eu morro... e morro amaldiçoando-a!... (Batem palmas. Lúcio vai ver) Vamos, responda: o que é que a *senhora* me responde?...

Cena 5^a

Lúcio (com um papel na mão): Minha *senhora*...

Fausta: O que me querem?...

Lúcio: Um oficial de justiça com uma intimação...

Fausta: Ah!...

Lúcio: Para deixar esta casa dentro de 30 dias...

Fausta: Meu Deus!... Está vendo, D. Olímpia? Já deve estar vingada... se é que me odeia... pelos males que lhe causei sem saber e sem querer...

D. Olímpia: Odiá-la? Eu? Fausta, eu amo-a apesar de tudo, porque meu filho a amava...

Fausta (recebendo o papel): Vai dizer que está entregue. (Atira o papel sobre a mesa) Ah!... Não me dão tréguas ao coração!... Desde ontem que não repouso um instante!... Nem para estar ao pé de minha mãe!... Lúcio, vai ver se minha mãe está sossegada... se precisa de alguma coisa... Não dize nada a ela do que se está passando. (Lúcio sai)

Cena 6^a

D. Olímpia: Vim achá-la numa ocasião de aflições, D. Fausta, ignorava tudo... vivo muito afastada do mundo, não sei nada do que se passa. Estou vendo que lhe aconteceu uma desgraça... que tem chorado. Tenho sido egoísta até agora... perdoe-me... Vamos, fale, tenha confiança em mim... esqueça as *minhas* queixas amargas, e veja em mim uma amiga...

Fausta: Uma amiga?! Tenho eu amigas por ventura? Tive-as ontem, quando era rica e feliz... Hoje só tenho algozes!... (Desata a chorar)

D. Olímpia: Perdeu então a sua riqueza?

Fausta: Perdi tudo... bens, consideração, amor, amizades... Hoje só possuo os andrajos de ontem... Até esta casa, que eu herdei de meu pai, vai me ser extorquida...

D. Olímpia: Pois agora é que eu a quero, agora é que eu a reclamo. Supondo-a rica, vim afrontá-la com a minha dor; vendo-a pobre, ofereço-lhe o meu coração rico de ternuras!

Fausta: D. Olímpia!... A *senhora* é um anjo! (Abraça-a chorando)

D. Olímpia: Sou *uma* mãe que quer comprar, a todo preço, a felicidade de seu filho. Vamos, diga-me: ajuda-me a salvar meu filho? Ajuda-me a arrancá-lo daquele antro medonho, daquela⁶⁴ caverna de horrores?...

Fausta (com gesto solene): Juro, D. Olímpia! Em nome de Deus que nos ouve! O meu amor desviou Osmundo do caminho do dever: o meu amor o chamará à razão! Todo o afeto *que* já senti por ele, renasce agora mais forte do que nunca! Prometo reunir os meus esforços aos seus, a *minha* ternura à sua ternura... Se nada conseguirmos, morreremos ambas!... (Ouvem-se gritos lá de dentro, exclamações de dor) O que será, meu Deus, que será!... (Fausta e D. Olímpia assustam-se)

⁶⁴ Seguem-se duas palavras rasuradas.

Cena 7^a Os mesmos e Lúcio.

Lúcio (muito aflito): Venha cá, *minha senhora*, venha cá...

Fausta (com precipitação e susto): O que foi, Lúcio?! Que gritos são esses?...

Lúcio: Sua mãe ... minha senhora D. Maria...

Fausta: Teve outro ataque?... está mal?... Vou vê-la. (Quer entrar, Lúcio a detém)

Lúcio: Morreu.

Fausta (delirante): Morreu!... Mamãe morreu!... Ai!... Nada mais me resta no mundo!... nada!... Nem um teto onde abrigar a cabeça... Nem um coração que me ame... Morreu mamãe... vou ficar de todo... de todo desamparada! Meu Deus! O que será de mim?!... (Cai de joelhos desmaiada à boca da cena)

Lúcio (segurando-a, muito comovida): Não, *minha senhora*! Está pobre, está órfã, mas não está desamparada! Tem ainda a dedicação de um escravo fiel!

D. Olímpia (abraçando-a): E o meu amor de mãe ... será também minha filha!...

Ato 4^o

Sala de taberna. Porta de entrada ao fundo, compartimentos e portas à direita e à esquerda.

Cena 1^a

Romualdo (arrumando as garrafas, copos, etc. e limpando): Arre com a breca, isto é que gente levada dos diabos! Arrumo e torno a arrumar, limpo e torno a limpar mas os estróinas dos fregueses deitam-me tudo de pernas para o ar. Olhe... dois copos quebrados. Se eu [soubesse] quem foi atirava-lhe com os cacos ao nariz. Vou jurar que foi aquela canalhada de estudantes que esteve aqui (cheira o copo) não foi; está cheirando a conhaque e eles beberam cerveja... Fosse lá quem fosse hei de cobrar de todos esses prejuízos e outros.

Cena 2^a

Entram duas senhoras embuçadas de preto e Lúcio.

Lúcio: Dá licença, sr. Romualdo?...

Romualdo: Oh! Caro Lúcio!... Chega à frente!... Bons olhos te vejam! Que diabos anda fazendo que não apareces há [tanto tempo] para dar dois dedos de prosa aos amigos?...

Lúcio: Não tenho podido... [ocupações, incômodos de saúde...]

Romualdo: Perdeste tua *senhora* velha, já soube...

Lúcio: Infelizmente.

Romualdo (reparando nas duas *senhoras*): Olé, temos visita feminina ... Caramba! Quem são?... Parecem duas freiras fugidas do convento...

Lúcio (interrompendo): São duas *senhoras* muito respeitáveis que lhe oferecem isto (tira dinheiro) para que o *senhor* lhes guarde o segredo de sua vinda aqui.

Romualdo (guardando o *dinheiro*): Duas *senhoras* respeitáveis... está bom, está bom. Mas que diabo vêm fazer numa taberna duas senhoras respeitáveis?

Lúcio: Logo saberá! Porém antes de tudo quero *que* me prometa segredo. O *senhor* é um homem honrado e eu confio na sua palavra....

Romualdo: Quanto a isso pode confiar sem susto. Quando me convém sou mudo como um peixe; nem a Inquisição me faria soltar a metade de uma sílaba. Mas de que é que se trata? Alguma aventura amorosa?...

Lúcio: Não, não, é uma coisa muito séria... Vá ver se tem aí dentro um gabinete limpo onde elas esperem um bocado...

Romualdo: Ora, ora se tenho!... asseado como um salão do palácio do Imperador. Mas por causa das dúvidas vou examinar de novo. (sai)

Cena 3^a

Os mesmos, menos Romualdo.

D. Olímpia (levantando um pouco o véu): E é aqui que o Osmundo vem, Lúcio?

Lúcio: É, minha senhora.

D. Olímpia: Mas isso é uma taberna imunda!

Lúcio: E entretanto freqüentada por muita gente boa.

D. Olímpia: Coitado de meu filho!... (Dá um suspiro).

Lúcio: Tenha coragem, é a última prova!

Fausta: Ele tardará muito, Lúcio? Esta atmosfera me sufoca.

Lúcio: Não sei. (vê o relógio) São apenas 7 horas...

D. Olímpia: Esperemos.

Fausta: E se não vier?

D. Olímpia: Voltaremos outra vez. Não tem ânimo de voltar?

Fausta: Oh! Sem dúvida!... Aqui, ou em qualquer parte [em] que ele esteja eu irei procurá-lo. É uma dívida que procuro pagar-lhe.

Lúcio: Há de vir, *minhas senhoras*; não costuma faltar. Há de vir, e nós havemos de levá-lo.

D. Olímpia: Oh! Deus te ouça, Lúcio!... Eu já não posso mais viver sem ele!

Cena 4^a

Romualdo: Pronto!... Excelentíssimas, podem entrar quando quiserem. É aqui mesmo ao pé... se quiserem tomar alguma coisa...

D. Olímpia (com voz fraca): Obrigada,⁶⁵ não queremos nada. (Entram as duas)

Romualdo: Mas isso é uma de dar volta ao miolo, meu caro! Estou morto de curiosidade! Digas lá o que disseres a coisa cheira a namoro.

Lúcio: Já lhe disse que não.

Romualdo: Mas afinal de contas que tenho eu de fazer mais? Meti-as no gabinete, e lá estão elas sentadinhas esperando. Resta que eu saiba o que é que esperam.

Lúcio: Um moço que vem aqui, um de seus fregueses, filho de uma delas.

Romualdo: Que moço?... Como se chama?

Lúcio: O sr. Osmundo.

Romualdo: Ah!... Osmundo!... O maganão do Osmundo!... Eu soube de uma história...

Lúcio: Pois bem. Depois dessa história ele tornou-se um louco. Abandonou a casa, o emprego, os amigos, e deixa-se soltar no declive da libertinagem.

⁶⁵ Segue-se palavra rasurada.

Romualdo: É um estróina de mil pecados!

Lúcio: Espírito fraco, não pôde resistir à paixão. Debalde a mãe lhe escreve, debalde o chama, ele não a escuta nem lhe responde.

Romualdo: Faz pena vê-lo. E com a vida que leva (abana a cabeça) não dou muito por ele. Parece uma febre, um tresvario, aquela ânsia de beber! Está se vendo logo que aquilo não é uma inclinação nem um hábito.

Lúcio: Ia-se perdendo mais uma pérola no abismo da desgraça. Aí vê o *senhor* o que pode fazer a força da paixão numa cabeça sem juízo. Sentiu-se profundamente magoado, e em vez de afrontar o golpe deixou-se cair, embora arrastasse na queda o coração da mãe.

Romualdo: Pobre senhora!...

Lúcio: É uma mulher heróica como poucas tem sido. Está sofrendo de uma doença mortal, passa os dias de cama, as noites em claro, chorando e rezando por ele; mas apesar de enferma e sem forças, fez apelo a toda a sua coragem e veio até aqui, fazer uma derradeira tentativa. Compreende agora? Veio apresentar-se a ele, e ver se desperta naquele coração gelado ainda um sentimento de piedade... se não o conseguir ela morre, mas ele há de salvar-se, ao menos por amor ao seu cadáver!

Romualdo (limpando os olhos): Tem graça! Pois eu não estou [quase] chorando? Eu, mestre Romualdo, taberneiro! Hum!... Este Lúcio sempre tem histórias...

Lúcio: Por conseqüência, conto com seu auxílio para a realização do nosso plano. Eu me interesso muito por D. Olímpia e pelo Sr. Osmundo, e lhe ficarei obrigadíssimo...

Romualdo: Deixe estar, deixe estar... É só dizer o *que* tenho a fazer e mais nada.

Lúcio: Desviar os fregueses, para que ninguém presencie o que se vai passar.

Romualdo (coçando a cabeça): Sim, sim, mas... é desta sala só que precisam? Porque há uns freguesinhos da mesa verde, que já começaram a tarefa, e deitá-los assim pra fora, sem mais nem menos... não é deitar pra fora; é que eles não saem; quando agarram a orelha da sota⁶⁶ não largam com duas razões e meia... Você sabe.

⁶⁶ Cartas de baralho.

Lúcio: Esses não podem incomodar... estão entretidos. Fique de sentinela na porta que dá para aqui a fim de *que* nenhum entre cá. Tome mais para esse incomodozinho. (Dá *mais dinheiro*)

Romualdo (tomando): Ora! Ora! Pois então, negócio feito. (Ouve-se uma canção ditirâmbica)

Lúcio: Aí vem gente...

Romualdo (escutando): É o Osmundo. (Espia *para* fora) Vem só, felizmente!... Agora vou ver lá a outra sala. Volto já. (sai pela esquerda)

Cena 4^a

Osmundo (entrando): A Romualdo, rei dos taberneiros, saúde e dinheiro! Mas é o que eu não te trago, velhacão! Hoje me darás de beber grátis, ouves? (vendo Lúcio) Oh, Lúcio!... És tu?...

Lúcio (cumprimentando-o meio risonho): Meu senhor...

Osmundo: Não esperava encontrar-te aqui... Não costumava freqüentar esses bairros...

Lúcio (sorrindo): É verdade, mas a precisão...

Osmundo: É que faz o ladrão, de acordo. (Estende-lhe a mão) Toca lá...

Lúcio (recusando): Meu senhor...

Osmundo: Toca lá, já a apertaste uma vez, não te lembrás? Eu honro-me em apertar mãos como as tuas. Deixo a asneira desses orgulhos para os tolos que não sabem filosofia. Ou julgas que a *minha* mão está manchada? Não está, só se for de vinho.

Lúcio: Deus me livre de julgar isso, meu *senhor*. (Aperta a mão de Osmundo com humildade)

Osmundo: És ainda meu amigo?

Lúcio: Ainda. Nunca deixarei de sê-lo.

Osmundo: Obrigado. Mas eu não preciso da amizade de ninguém, à exceção dos taberneiros, bem entendido.

Lúcio: Pobre rapaz!

Osmundo: É verdade, Lúcio. Tu vêes que série de desgraças me acompanha?... Mas deixemos as tristezas para os felizes, que podem saboreá-las bem. Nós, os infelizes, devemos rir, para ver se ficamos um bocadinho consolados. Vamos beber. Olá, mestre Romualdo... venha nos dar alguma coisa (A Lúcio) O que é que preferes? Cerveja, conhaque...

Lúcio: Meu *senhor* sabe que eu não bebo.

Osmundo: Ora bolas! Os bons hábitos perdem-se. Eu perdi os meus [em pouco tempo], só conservei os ruins. Quem vai à Roma é romano... Mestre Romualdo, apareça!... Estou com a garganta seca... ainda hoje não a molhei senão com água... Não achei um diabo que me quisesse fiar um copo de zurrapa. A quebradeira está me fazendo perder o crédito... (Dá uma gargalhada)

Lúcio: Se eu lhe pudesse pedir um favor, meu *senhor*, suplicava-lhe que não bebesse mais.

Osmundo (rindo): Que eu não beba mais!... Caramba! Pedias-me um impossível, um absurdo. (Sério) Caro Lúcio, não posso deixar de beber! O vinho é o santo licor que me desentorpece os membros, dá-me calor e vida... restitui-me a alegria que perdi no mundo... é o haxixe oriental que ainda me dá largos sonhos de amor e de felicidade. Viva o vinho! (Bate na mesa)

Lúcio: Porém não sabe que assim vai minando sua saúde, porque o álcool é um veneno?

Osmundo: Ora esta! Por sabê-lo é que bebo. Para que quero mais viver? A vida é um fardo de chumbo quando a gente a toma a sério. O vinho é o seu oásis, o seu prazer! A sua ventura! (Recitando, com um copo vazio em punho)

“Quero beber! Os campos não vicejam
Sem chuva; sem orvalho murcha a palma;
É árida minha alma sem o vinho.”⁶⁷

É o vinho o orvalho da minha alma... como disse o poeta. Magnífica asserção, não achas? Este era de minha opinião. Heim, Lúcio?... Estás pensativo? Se não queres beber vamos jogar. (Tira do bolso um baralho de cartas) Aqui não é lugar de meditações; se queres meditar nos teus pecados vai para o convento... Ó *seu* Romualdo! O demônio deste homem está invisível hoje. Arreberto o pulmão de gritar e ele não quer ouvir. *Seu*⁶⁸ Romualdo... venha emprestar-me uns desgraçados cobres para a primeira parada.

Lúcio: Pobre moço! Então já descreu de tudo?

(Osmundo fita-o com amargura e atira as cartas sobre a mesa)

Osmundo: De tudo, exceto do legendário Bacco, destronizado em nome mas não em poder. (sarcasticamente) O mundo é para mim um caos, cujas trevas são aclaradas pela chama que o álcool comunica a meu

⁶⁷ Dr. Franklin Dórea

⁶⁸ Sublinhado pela autora.

cérebro. (Impaciente) Ardo, ardo, e não me disfaço em cinzas!... Martirizo-me e não morro!... (Passeia agitado e confuso).

Cena 5^a

Os mesmos e Amâncio Rosas, embriagado.

Amâncio (entra pela esquerda): Ou tomo hoje uma desforra tremenda, ou acabo o negócio a soco. Tratantes!... Velhacos!...

(Lúcio afasta-se para um canto)

Osmundo (assumindo o ar alegre): O que é isso lá, *seu* Rosas!

Amâncio: É que essa gente é uma canalha. Roubaram-me, roubaram-me! Empalmaram-me uma carta...la ... ladrões! Vou metê-los todos na... na cadeia!

Osmundo: Não faça caso. O dinheiro perde-se e torna-se a ganhar.

Amâncio (com raiva): É, torna-se a ganhar! Só se eu roubasse a eles também. Porém eu não... não roubo. Eu jogo, jogo franco... por isso perco tudo. La ... drões!...

Osmundo: Quanto parou?

Amâncio: Quinhentos mil réis... quinhentos mil réis não são Qui ... nhentos vinténs!... Mas aqueles diabos me... pagam. Amanhã trago a polícia aqui... trago... Quando prometo não falho... (cambaleia e senta-se) Dê-me aí o que beber... ande... Veja aí um conhaque...

Osmundo: Você já está que não se agüenta...

Amâncio: Quem lhe... perguntou como eu estou? Não é da sua conta, olhe para si. Vamos... lá, veja ali aquela ga... garrafa preta...

Osmundo: Ora vá para o diabo! Eu sou o caixeiro?...

Amâncio (forcejando para erguer-se): Ah, está com desaforo? Eu hoje estou nos meus azeites. Nin... guém brinca comigo. Vou lhe arrumar um... um soco inglês... (Torna a cair sentado)

Osmundo (dando uma gargalhada): Coitado!... É melhor que vá dormir.

Cena 6^a

Os mesmos e Romualdo.

Romualdo (a Amâncio): Ah, você escapuliu?(a Lúcio) Não foi *minha* culpa... Sr. Amâncio, faça favor... levante-se daí, venha cá.

Amâncio: Seu Ro... Romualdo, arrume aí um godeme⁶⁹ naquele freguês... pago-lhe dez mil reis... Ainda tenho dez mil réis [na carteira]: fez-me um des... saforo...

Romualdo: Antes tivesse você juízo e respeitasse esses cabelos brancos. Levante daí, venha curtir a bebedeira... (Puxa-o por um braço)

Amâncio: Alto lá, isso é uma arbi... arbitrariedade. Eu sou um cidadão bra... sileiro... estou na minha casa.

Romualdo: Está enganado, [esta casa é] minha. Vamos. (Levanta-o)

Amâncio: Vou me queixar à polícia... Amanhã meto toda esta cambada na enxovia...

Romualdo (levando-o): Pois bem, vingue-se amanhã. Mas comece a vingança por si, que é *quem* mais culpa tem. (A Lúcio) Vou trancar as portas - Ninguém escape mais. (Saem. Romualdo fecha as portas da esquerda e ao fundo)

Cena 7^a

Os mesmos menos Amâncio e Romualdo.

Osmundo: O Romualdo fechou a porta da rua. Hom'essa!... Encarcerou-nos sem mais nem menos.

Lúcio: Fechou a pedido meu, para nos deixar conversar sem testemunhas.

Osmundo (rindo): Estou vendo que vieste para cá com intenções de converter-me; pois, meu Lúcio, volta em paz se não queres passar pelo dissabor de uma derrota.

Lúcio: Então está decidido a permanecer nessa loucura?

Osmundo: Decididíssimo!... Outros o fazem com menos razão de que eu. Aí está o exemplo do Amâncio: é um velho que podia ser respeitável; é rico, inteligente, freqüenta a boa sociedade; nunca teve desgostos, nunca sofreu privações, e entretanto... Quando os vapores da embriaguez se dissipam, sinto-me um velho, alquebrado pela fadiga. Sou como um homem que atirou-se ao mar para morrer, e que, vendo de perto a morte, arrepende-se, quer alcançar a praia, vai nadar, mas sente que lhe faltam as forças e deixa-se levar pelas ondas. Creio até que houve um grave desarranjo em minhas funções mentais... a inteligência naufragou-me com a razão num

⁶⁹ Murro ou soco aplicado na cara (do inglês God damn)

horroroso escolho... Não sei o que faça, nem sei o que pense... Busco fugir desse estado doloroso, desse marasmo cruel e volto à taberna... (Encosta a frente no braço)

Lúcio: Essa fraqueza que sente o seu espírito resulta da fadiga que sente pelos excessos a que se entrega. Faça um esforço, deixe o vinho, e verá como vai renascendo para a vida.

Osmundo (levantando a cabeça): Não posso, Lúcio, porque me é também impossível sufocar de todo a lembrança do passado; e cada vez que me lembro daquela noite fatal, daquela cena humilhante, sinto o coração crescer-me no peito, como se quisesse transbordar de raiva, e nos lábios o gosto de sangue. Então pego no fatal copo... para resistir ao desejo de vingança que me ruge n'alma. E sou o que vês ... um ébrio, um estróina, um farropilha, um jogador, mas não um bandido! Mas não um falsário!... Ainda tenho a alma grande, os sentimentos nobres!...

Lúcio: Pode então regenerar-se.

Osmundo: Já é muito tarde.

Lúcio: Nunca é tarde para a regeneração. [Além disso], dois ou três meses de loucura não devem determinar desgraça de uma existência inteira.

Osmundo: Eu já não tenho ambições... nada me prende ao mundo...

Lúcio: Nada? Nada? Nem sua mãe, nem sua pobre mãe que vive agonizando depois que o *senhor* abandonou-a?...

Osmundo: Minha mãe... *Minha* mãe... Ah!... Decerto me odeia, decerto já me amaldiçoou...

Lúcio: Sua mãe é uma santa! É uma mártir sublime que fez do seu amor uma religião. Ah, meu *senhor* e *vosmicê* tem ânimo de sacrificá-la?

Osmundo: Vibraste-me, a nota mais triste do coração... Ah, *minha* mãe!... (Dá alguns passos muito comovido, levando a mão aos olhos)

Cena 8^a

Os mesmos e Romualdo que chega de manso

Romualdo (a Lúcio - a meia voz): Então?...

Lúcio (idem): Creio que vou conseguindo alguma coisa.

Romualdo: Bem, bem. Estimo muito. Aqui onde me vê sou um taberneiro honrado. Também tenho um filho assim da idade dele e se o visse assim... Deus me defenda... (Faz um gesto de desgosto) De muito boa vontade, perco o freguês, se a pobre mãe recuperar o filho...

Lúcio: O *senhor* tem um belo coração... Conte com o meu agradecimento...

Romualdo: Vou para o meu posto outra vez.

Lúcio: Olhe, escute aqui...

Romualdo: O que é?

Lúcio (em voz baixa): Vá dizer à *minha senhora* D. Fausta que... (Fala-lhe ao ouvido)

Romualdo (afirmando com a cabeça): Sim, sim, e tu achas que...

Lúcio: Acho. Vá.

Romualdo: Está bom. (Sai pela direita. Tudo isto rápido)

Cena 9^a

Os mesmos menos o Romualdo.

Durante o diálogo acima, Osmundo tem estado pensativo, com a cabeça entre as mãos.

Lúcio: Está pensando em sua mãe, meu *senhor*?

Osmundo: Quantas vítimas fez aquela mulher!... Ah! Fausta! Eu te perdoo o meu sacrifício, porém não o sacrifício de minha mãe!... Se tu ainda não és ainda verdadeiramente desgraçada, eu hei de fazer-te ainda mais!...

Lúcio: Meu *senhor*, não deve ser intolerante com os outros quem não é intolerante consigo! Não é D. Fausta a culpada da fraqueza de seu juízo. Ela fez mal em desprezar o seu afeto, porém não é responsável pelo modo porque *vosmecê* interpretou a sua infelicidade! Ela fez o que fazem muitas e muitos: cometeu uma leviandade, um crime nunca!... Demais, o arrependimento lava todos os erros. Sabe *vosmecê* se ela não tem chorado lágrimas amargas por ter sido a causa de tudo isso?... Sabe se não o ama hoje, se não reconhece agora que deve à sua intervenção a felicidade de não ser hoje a esposa de um miserável condenado à galés?

Osmundo: Ela, Fausta?... Se me visse tremeria de horror ou recuaria de nojo. Ela, no pedestal de todo o seu orgulho de toda a sua vaidade?... Não!... Eu sou um pobre diabo que não tenho honras para lhe oferecer!... Ela prefere um falsário de casaca a um homem honrado de jaqueta.

Lúcio: [Não seja] injusto, sr. Osmundo! Nada pode justificar a injustiça, nem mesmo a dor mais profunda!...

Osmundo: Deixemos Fausta... eu quando falo nela sinto um abalo em todo o sistema nervoso...

Lúcio: Então a ama ainda?

Osmundo: Infelizmente ainda!... O dia em que eu deixar de amá-la... [há de ser] o mais feliz da minha vida... porque será o [dia] da minha morte!...

Lúcio: Continuemos a falar de sua mãe...

Osmundo: Tu juraste matar-me de remorsos hoje, Lúcio?... Não me fales mais em coisa alguma ...

Lúcio: Nunca o supus um filho desnaturado, Sr. Osmundo!... Perdô-lhe que seja um apaixonado louco, insensato, um homem que não sabe prezar-se, perdô-lhe tudo o que quiser, mas que mate sua mãe, que a assassine assim, friamente, refletidamente, isso é que nem eu, nem a sociedade, nem Deus lhe podemos perdoar!...

Osmundo: Lúcio!...

Lúcio: Então julga que assassino é somente aquele que pega numa faca ou num revólver e traspassa o coração da vítima? Esse é menos cruel... enquanto a vítima não expira, vingá-se em odiá-lo... mas a mãe que morre às mãos do seu filho, e mãe como a sua, sr. Osmundo, expira abençoando o seu algoz!...

Osmundo: Cala-te, Lúcio!...

Lúcio: Só lhe é preciso uma vida para saciar-se de vingança, sr. Osmundo, tome um punhal, vá procurar minha *senhora* Fausta, pobre infeliz que se redime com as lágrimas do arrependimento, e enterre-lho no peito sem piedade... foi ela que fez a sua desgraça, é ela a culpada, no seu dizer de tudo o que o *senhor* faz... mas sua mãe que só tem vivido para amá-lo, não merece semelhante sorte... não merece esse prêmio pela ternura que lhe consagra. Se o *senhor* não se emenda, se não foge desta casa, ela morre, Sr. Osmundo, e quando⁷⁰ o cadáver dela passar para o cemitério, não o acompanhe [não], porque o povo apontará para si e dirá: Matricida!...⁷¹ E Deus, que mais do que todos saberá do seu crime, lhe fará cair sobre a cabeça o peso da mais horrível das maldições. Em vez de ser um desgraçado somente, sr. Osmundo, ficará sendo um réprobo!...

Osmundo (soluçando): Minha mãe!... Minha mãe!... Mal haja o dia em que a abandonei ... Mal haja o dia em me esqueci dos meus deveres!... Eu, matar minha mãe!... Não, não!...

⁷⁰ Segue-se palavra rasurada.

⁷¹ Segue-se uma linha rasurada.

Lúcio: Pois então volte para a sua casa... viva para a felicidade...

Fausta (canta dentro):

Volta, volta, filho pródigo,
Volta, volta aos lares teus
O meu coração te chama
Te esperam os braços meus.

Que importa a nódoa do vício
Que a tua fronte enegrece?
Lava a nódoa com teu pranto
O amor de mãe tudo esquece...

Volta, volta, filho pródigo
Volta, volta aos lares teus,
O meu coração te chama
Te esperam os braços meus.

(Durante o canto, Osmundo tem escutado febril, querendo entrar. Lúcio coloca-se à porta do gabinete) (Na última estrofe)

Osmundo (surpreso, meio delirante): Que voz é esta, quem canta aqui?!... Eu conheço esta voz, conheço-a... ouvi-a muitas vezes nos salões...⁷² É a voz de Fausta... (escutando) a sua voz melodiosa... impregnada de amor... é ela que me chama para minha mãe... Meu Deus!... Será possível?... (cessa o canto) Serei vítima de um sonho?... de uma alucinação... Fausta não pode estar aqui... não pode... (caminha agitado) Estarei já ébrio, meu Deus? Porém ainda não bebi... (com desespero) Lúcio, Lúcio... explica-me... pelo amor de Deus... Fausta! *Minha* mãe! As duas estrelas de minha vida ... (com delírio) Oh, é mais uma zombaria da sorte... Oh! estou louco... Estou efetivamente louco!... Deixem-me sair... quero o ar livre... a cabeça me anda à roda... sou um desgraçado!... (vai a sair)

Lúcio (indo após ele e trazendo-o à boca da cena): Meu *senhor*, meu *senhor*... venha cá, escute... é verdade o que ouve, é verdade...

Osmundo: Ah! Tu queres enganar-me, imbecil!... Depois de me retalhares o coração com o punhal de tuas acusações medonhas, queres acabar de

⁷² Segue-se frase rasurada.

enlouquecer-me com essa mentira grosseira! Isto é sonho, sabes? (agarra as mãos de Lúcio) Um sonho que me persegue! Esta voz... eu sempre a ouço e ainda não a quis escutar... é a voz da consciência, a voz do remorso... que me chama para minha mãe... e que eu afogo em vinho, porque me queima... porque me tortura como ferro em brasa... Agora que falávamos em Fausta... nessa mulher ingrata... esse grito pungente tomou as inflexões da voz dela... porém não foi, não podia ser... A minha imaginação doentia me faz ver realidades em todas as quimeras... Lúcio!... Lúcio!... Vamos!... Vamos!... Saiamos daqui... eu sufoco... eu morro!... Depois de um delírio desses... a felicidade ou a morte!...

Cena 10^a

Lúcio te(ndo)⁷³ ido até a porta do gabinete e abre-a.

D. Fausta e D. Olímpia (entrando): A felicidade, Osmundo! A felicidade!...

Osmundo (recuando): Ah!... Fausta!... *Minha* mãe!... Aqui!... Meu Deus!... É impossível!... Os olhos enganam-me... é um sonho!...

Lúcio (pegando-lhe na mão e puxando-o): Não é sonho, *meu* senhor... é realidade!...

D. Olímpia (correndo para ele com os braços abertos): Meu filho!... Volta aos braços de tua mãe!...

Osmundo (caindo de joelhos, soluçando): Minha mãe!... Perdão!... (D. Olímpia levanta-o e abraça-o soluçando)

Lúcio: ⁷⁴ Até que enfim!...

D. Olímpia: Então, [meu amor]!... Vim buscar-te... vamos?

Osmundo: Vamos, minha mãe... fuja-mos daqui... nós dois...

Fausta (aproximando-se): Nós três!... Então, Osmundo, eu não tenho uma palavra também?...

Osmundo (entre admiração e despeito): Fausta!...

Fausta: Sim, Fausta... aquela Fausta que tanto mal te fez... arrependida... humilhada... pedindo-te perdão... oferecendo-te de joelhos a sua alma inteira... (curva o joelho)

Osmundo (impedindo-a friamente): De joelhos não ... minha senhora...

Fausta (notando a frieza): Ah! Despreza-me!... Faltava-me esta última desgraça!... (cobre o rosto com as mãos)

⁷³ Grafado: tem ido à porta...

⁷⁴ Há uma frase anterior que está rasurada.

D. Olímpia ([passando um braço na cintura] de Fausta): Meu filho!... Em nome de tantas amarguras passadas... Eu te peço que esqueças as faltas dela, como ela se esquecerá das tuas... Fausta é minha filha... é a filha do meu coração... a sua única protetora sou eu... não tem mãe, não tem família, não tem cabedal... se tu a desprezares, meu filho, para onde irá ela?...

Fausta: Irei morrer desgraçada num desterro qualquer!...

D. Olímpia: Que respondes, Osmundo? Negas-te a protegê-la também, meu filho?

Osmundo: Não, minha mãe!... Mil vezes não!...

Fausta: (radiante): Ah!... Eu o esperava, Osmundo!... Eu esperava a nova aurora de meu futuro raiando de teu coração... Eu já não sou a Fausta de outrora... tu deves saber a minha dolorosa história... Estou pobre, órfã... desamparada...

Osmundo: E por isso me procura, não?... Se fosse ainda rica e feliz...

Fausta (com nobreza): Engana-se!... Engana-se e me ofende! Apesar de tudo, Osmundo, eu conservo intacta a minha dignidade! Não venho rojá-la a seus pés por falta de outros onde a roje, não!... Se o *senhor* em vez de estar numa taberna estivesse num palácio, eu juro por alma de *minha* mãe que não o iria procurar!... Mas eu o fiz infeliz, e fui infeliz também...

Lúcio: E entretanto profana as suas cãs nessa miséria!... Acha meu *senhor* muito digno de imitação, não é assim? Como ele profana a sua velhice, pode *vosmecê* profanar a sua mocidade; como ele aniquila o passado pode *vosmecê* aniquilar o futuro; como ele destrói a riqueza, pode *vosmecê* destruir a vida!

Osmundo: Mudemos de conversa, Lúcio...

Lúcio: Perdoe, não mudo. É necessário que discutamos esse assunto. O Amâncio apareceu aqui muito a propósito: foi um espelho que Deus mandou-me para lhe apresentar. Mire-se nele.

Osmundo: O Amâncio não tem desculpa; bebe por prazer, enquanto que eu... bebo para esquecer... bebo para consolar-me!...

Lúcio: Considera uma consolação esse desprezo de sua dignidade, esse espetáculo pungente em que se expõe ao escárnio do mundo?... Para esquecer uma afronta não se lhe dá de sofrer outras mil. E que afronta foi essa?! Um desengano, uma esperança que lhe falhou. Se todos os desenganos da terra adotassem semelhantes consolações, o mundo se tornaria um hospital de loucos, um circo de histriões ou uma jaula de

animais!... Em que consiste a verdadeira grandeza do homem? Na força de vencer as contrariedades. O homem que se degrada por que é infeliz é como a criança mal educada que se morde porque não satisfaz um capricho.

Osmundo: Lúcio, tudo isso é questão de temperamento...

Lúcio: Engano! Sofisma dos fracos que não sabem dominar-se. É questão de raciocínio.

Osmundo: Eu tenho pensado já [nessas coisas todas]; tenho querido volver à vida de outrora, mas quando procuro levantar a cabeça, [parece que] um peso inexplicável abate-me para o chão. É-me impossível retomar ou readquirir aquele vigor, aquela força de mocidade que deixei no passado.

(**Fausta**): Julguei redimir a minha falta oferecendo-lhe o pouco que me resta... que é muito ainda, que é tudo o que eu podia dar: o meu coração, a minha vida, a minha dedicação eterna!... Porém o *senhor* não me compreendeu e tomou por um interesse grosseiro a mais santa das intenções...

Osmundo (pegando-lhe na mão): Então... ama-me sinceramente, agora?... Vai pagar-me em ternuras imensas o fel que me fez beber?

Fausta: A minha ambição, a minha vida, resumem-se em ti, Osmundo! Os desenganos ensinaram-me o que é o mundo, o que são as grandezas efêmeras que um sopro rola por terra... Se o amor que me tinhas não existe mais... se não se pode realizar a minha última esperança, dize logo e eu sairei daqui... irei chorar longe as minhas desditas. Não me tortures mais, Osmundo! Responde!... Que me darás tu, amor ou vingança?...

Osmundo (inebriado, caindo-lhe nos braços): Amor, Fausta! Amor como sempre! Amor como nunca!

Cena 11^a

Os mesmos e Romualdo

Romualdo (batendo palmas): Bravo!... Bravíssimo!... Então, seu Lúcio? Eu não dizia que a coisa cheirava a namoro?

Lúcio (erguendo as mãos): Venci, afinal, venci!... Graças, meu Deus!

D. Olímpia (apontando o grupo a Lúcio): A nossa missão está terminada... tu, és livre, eu... já posso morrer!

Lúcio (tirando um papel): Livre? Não!... Eu pedi esta carta por um momento apenas... Consegui o que desejava... agora é-me de todo ponto inútil... (rasga a carta)

Fausta: Lúcio, o que fizeste?

Lúcio: Procurei mostrar que os meus senhores iluminando-me a inteligência ajardinaram-me o coração... e o meu coração não foi terreno duro... brotou flores de afeto que eu lhes deponho aos pés... (curva o joelho) Oh, deixe-me sempre ser seu escravo!...

Fausta (tomando as mãos de Lúcio): Serás nosso amigo... nosso amigo sempre, na dor ou na alegria, como o tens sido até aqui, mas sê-lo-ás livre, livre como nós, porque a tua carta de liberdade, Lúcio, não estava escrita neste papel que rasgaste; está gravada em caracteres indelévels, imorredouros, no fundo de nossos corações.

Osmundo: Fausta... minha mãe... graças a vós que me arrancastes do abismo, eu ressurjo para o céu... Perdoem-me... e sejamos felizes!... (Abraçam-se os três)

Lúcio (rindo à Romualdo): E nós, mestre Romualdo?

Romualdo (comovido): Nós? Vamos dar um viva a essa felicidade que tantas lágrimas custou!...

Cai o pano

FIM do drama

(Sujeito à correção dos mestres da arte)

Itinerário Intelectual

de

Amélia Rodrigues

I Dados biográficos

Dentro de cem anos (...) as mulheres terão deixado de ser o sexo protegido. Logicamente, participarão de todas as atividades e esforços que, no passado, lhes foram negados.

Virginia Woolf (1929)

Pouco se sabe da vida de Amélia Rodrigues. Os dicionários e histórias literárias que registram sua atuação, indicam poucos elementos.

Nascida em 26 de maio de 1861, em Oliveiros de Campinhos, subdistrito da principal região produtora de cana-de-açúcar - Santo Amaro, na Bahia - Amélia Rodrigues⁷⁵ era de uma família sem fortuna nem terras, fato que pode ter dificultado sua atuação no âmbito público, seja como escritora ou jornalista. De seus pais pouco se sabe, além dos nomes Félix Rodrigues e Maria Roquelina Rodrigues.

Desde muito cedo, foi encaminhada para o estudo. Provavelmente, sua família tinha os pés no chão e sabia que, nesta sociedade, histórias maravilhosas não acontecem e, portanto, não haveria nenhuma história de *Cinderela* para sua filha. Assim, dado o desnível social da jovem Amélia, preferem investir em sua profissionalização.

Educada, inicialmente, por um padre, primo distante da família, pôde continuar seus estudos sempre sob a orientação de representantes da Igreja, embora a ensinassem, na formação mais adiantada, os professores Antônio de Araújo Gomes de Sá e Manuel Rodrigues Martins de Almeida.

Sua formação, portanto, foi acima da média das moças do lugar, inclusive das filhas dos senhores de engenho. Aprendeu latim, francês e alemão, leu os clássicos e teve iniciação às ciências e à matemática. Portanto, uma formação eclética, mas que lhe dava certa erudição. Aos 17 anos, ingressou em uma escola formal, particular, dirigida pela professora D. Cândida Álvares dos Santos, localizada em Santo Amaro, para a preparação ao magistério.

Em 1880, com 19 anos, Amélia concorre a uma vaga de professor primário no Concurso Público realizado em Santo Amaro, obtendo o primeiro lugar. As respostas à arguição foram tão brilhantes que os jornais

⁷⁵ Amélia Augusta Rodrigues do Sacramento. N. 26.5.1861 M. 22.8.26.

da capital deram notícias. Em decorrência do concurso, foi nomeada para ensinar a crianças em um povoado perto de Santo Amaro.

Embora Amélia escrevesse versos desde os doze anos, só resolve aparecer na cena pública a partir de 1879, publicando poemas em periódicos locais e da capital. Em 1883, aos 22 anos, publica seu primeiro livro *Filenila* – um longo poema⁷⁶.

Três anos depois, estréia no teatro encenando, *Fausta*, peça que nunca foi publicada até agora⁷⁷. O drama, em 4 atos, teve grande repercussão, sendo a autora ovacionada pelo público e levada à casa por um grande número de espectadores acompanhados da Banda Municipal. Chegava Amélia, aos 25 anos, a ser reconhecida pela comunidade local como escritora, fato único tanto por ela viver em uma sociedade bastante conservadora, de senhores rurais, quanto pela sua audácia ao se lançar, publicamente, em um espaço dominado predominantemente por homens como era o espaço literário daquela época.

Tanto poemas como a peça *Fausta* indiciam um engajamento na causa abolicionista. A dramaturga coloca em primeiro plano tanto uma jovem da aristocracia açucareira, quanto o seu escravo Lúcio, indivíduo que fora educado junto com seu pai e que, com a morte deste, passou a orientá-la. Era um passo muito grande para aquela sociedade que tinha como ideologia a crença de que o negro era um bárbaro e, portanto, impossível de raciocinar.

Amélia, daí em diante, intensificou sua colaboração no jornal da terra, *Eco Santamarense*⁷⁸, inclusive escrevendo dois folhetins. Um deles tinha o título de *O mameluco*⁷⁹. Por essa época, estendeu sua atividade aos periódicos da capital, onde escrevia sob os pseudônimos de Borboleta (*Revista Cidade do Salvador*, com a seção: “Entre rosas”), Zé d’Aleluia (*Revista Cidade do Salvador*, com a seção “Musa Alegre”), Marfisa e Dinorah.

Porém, com a morte do pai, Amélia transferiu-se para a capital. A mudança obrigou-a a concorrer a novo concurso público, sendo nomeada

⁷⁶ Apesar de todas as buscas, foi impossível encontrar um exemplar do livro. Portanto, não se sabe qual os temas e assuntos trabalhados pela jovem escritora.

⁷⁷ Porém, ela guardou o original no qual fez muitas revisões, como se pode constatar no manuscrito que se encontra em seu acervo, sob a guarda do Instituto Feminino da Bahia.

⁷⁸ *Echo Santamarense*.

⁷⁹ Não foi possível consultar o jornal.

para uma escola no bairro de Santo Antônio, além do Carmo, onde trabalhou até 1902, quando se aposentou por estafa. Tendo que se manter e auxiliar na manutenção da família do irmão, Amélia passou a exercer outras atividades. Por este período, lutou para que os Salesianos se instalassem em Salvador e para isso trabalhou muito, pronunciando vários discursos em favor da religião católica, da preparação do jovem sacerdote, conclamando as senhoras para uma atuação mais profícua junto aos velhos e às crianças abandonadas, além de se envolver na construção da Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, no bairro de Nazaré, solicitando donativos, publicando seus poemas dispersos, no livro *Bem-me-queres*, como meio de angariar recursos para a edificação da referida igreja.

Mulher ativa, Amélia funda o Instituto Maternal, no bairro de Nazaré, escola particular para o ensino das primeiras letras às crianças. A novidade era ser um colégio misto. No entanto, em 1905, os moradores de Itapagipe, por não existir semelhante ensino no bairro, solicitam à pedagoga que transfira sua escola. Atendido o pedido, Amélia funda novo educandário com o nome de Instituto Maria Auxiliadora, no palacete Cotegipe, na Baixa do Bonfim.

Envolvida com as obras da Igreja, a escritora fundou em 1909 a Liga das Senhoras Católicas, combatendo a rápida irradiação das idéias laicas pela sociedade, enquanto o catolicismo perdia terreno para as ciências e para as seitas evangélicas.

Percebendo as mudanças que se operavam, na sociedade brasileira, com a República, a escritora assume a tarefa de congregar as senhoras da sociedade para uma atuação efetiva dentro e fora do lar – sendo esposa e mãe, o que significava ensinar e formar os filhos na doutrina católica – e na sociedade – ajudando nas campanhas para os asilos, confeccionando roupas, proporcionando uma profissionalização, como costureira, chapeleira, bordadeira, às moças das camadas pobres,

Em 1910, o grupo mais atuante da Liga funda, sob a responsabilidade de Amélia Rodrigues, a revista totalmente escrita por mulheres, *A Paladina*. O noticiário nacional e internacional (opinião predominantemente masculina) já vinha deturpando as idéias feministas, principalmente recriminando as atitudes das mulheres no tocante às passeatas e boicotes dos grupos militantes ingleses e norte-americanos. Com isso, a posição dos jornais e revistas que divulgavam os fatos era contra o feminismo, impossibilitando a mulher de fazer qualquer

reivindicação, pois poderia ser chamada de “feminista”. Criava-se em torno do feminismo uma desqualificação de suas adeptas, considerando-as mulheres masculinizadas ou então contrárias à família e ao papel de mãe. Construía-se, portanto, um preconceito a qualquer manifestação ou questionamento sobre igualdades. Amélia, apesar de introjetar no seu discurso o preconceito da sociedade, luta para a mulher alcançar um lugar no ambiente público, seja pela profissão, seja pela sua atuação fora do ambiente doméstico. Como conseqüência e orientando-se pelo projeto da Igreja, Amélia parte para uma atuação mais direta junto ao público feminino escrevendo e proferindo conferências como *A verdadeira missão social da mulher* (1907).

Mas há uma mudança sensível nos seus proferimentos quando se transfere para o Rio de Janeiro. Indo para a capital do País a fim de editar as revistas e almanaques dos Salesianos, Amélia entra em contato com um meio mais cosmopolita e modifica seu discurso com relação às reivindicações das mulheres que lutavam por uma igualdade de condições, inclusive o direito ao voto. Se a peça *Progresso feminino* reitera uma posição ambígua, muito próxima à ideologia dominante na sociedade, sua posição é totalmente diversa quando escreve, em 1921, o discurso *O feminismo e o lar*. A atitude de Amélia Rodrigues, nos últimos anos de vida, torna-se ambígua, seja porque ela não pode declaradamente defender uma situação melhor para a mulher, seja porque seu público ou a Igreja prendem as rédeas de seu posicionamento.

Em 1912, ainda em Salvador, a escritora funda nova revista, esta diretamente ligada à Liga, com o título de *A Voz da Liga das Senhoras Católicas Baianas*⁸⁰. Esta revista circulou em quase todo o Brasil, embora os estudiosos da época considerem *A Paladina* superior, em qualidade, à *Voz*, provavelmente por esta ser muito voltada à doutrina cristã.

Em outubro de 1918, viaja para o Rio de Janeiro, de onde retorna em dezembro, com o convite de dirigir a Aliança Feminina. Retorna, no ano seguinte, e passa a exercer várias funções nas Tipografias Salesianas, embora alimente o desejo de transferir-se para a Editora Vozes de Petrópolis, a fim de trabalhar mais próximo do seu parceiro, Padre Sinzing, fato que nunca aconteceu. Com ele, escreveu vários hinos religiosos e

⁸⁰ A *Voz* foi publicada até 1920.

colaborou inclusive escrevendo artigos por ele assinados.⁸¹ O resgate da obra de Sinzing deu margem a se conhecer uma intensa correspondência entre a escritora e o frade sobre sintonias e parceria a favor da imprensa e da igreja católicas.

Entrando em contato com as senhoras católicas do Rio de Janeiro, além de Amélia exercer funções de editora de revistas e anuários, funda a revista religiosa *Luz de Maria*. Intensifica-se sua atividade como articulista, publicando nos mais diversos periódicos do país, dividindo seu tempo ainda como tradutora de textos estrangeiros. Observa-se em sua correspondência, parcialmente transcrita por Aparecida Paiva, que a escritora queixava-se de não ter tempo para a sua criação. É verdade, pois ao lado de textos curtos, ela vinha escrevendo as principais partes da Bíblia em versos, destinando este livro para as crianças. *Flores da Bíblia*, texto em dois volumes, teve uma vida acidentada. O primeiro volume veio à luz enquanto Amélia ainda vivia, mas a segunda parte só foi publicada vários anos após sua morte, por interesse e empenho do padre Sinzing.

Amélia Rodrigues passou o último lustro de sua vida no Rio de Janeiro, precisamente em Niterói, e foi reconhecida. Também sua vivência com um meio maior e mais cosmopolita conseguiu tirar certas amarras que a divulgação da doutrina católica a fez adotar e que a prendeu a determinada conduta, mas não será por isso que não se deva dar a sua devida dimensão e atuação na vida literária e cultural do País.

A escritora voltou para Salvador, meses antes de começar a sofrer de uma inflamação que a levou à morte. Morreu, como sempre viveu, pobremente, em sua casa no Futuro do Tororó, em agosto de 1926. Foi reverenciada pela sociedade, pelas congregações religiosas e pelos acadêmicos.

Talvez o esquecimento do seu nome também se deva a ter ficado suas publicações impressas em revistas católicas, em um século onde os princípios republicanos e positivistas avançavam rapidamente e se incorporavam à sociedade.

⁸¹ Padre Pedro Sinzing ficou conhecido com a publicação *Através dos romances: Guia para as consciências*. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1923. “Trata-se de um livro de censura católica aos romances onde o autor comenta, em pequenos verbetes, 21.553 de 6.657 escritores. O critério moral é utilizado para condená-los ou recomendá-los aos leitores católicos”. in PAIVA, Aparecida. *A voz do veto: a censura católica à leitura de romances*. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

II A sociedade e a cultura

Amélia Rodrigues viveu em um período de grandes transformações acontecidas no Brasil: nasceu e tornou-se adulta durante o Segundo Reinado, vivendo e se engajando no abolicionismo, nos ideais republicanos que, de alguma maneira, deram um papel de destaque à mulher. Viveu a ruptura do governo com a Igreja Católica, presenciou a invasão das idéias laicas e o peso da responsabilidade da mulher de exercer vigilância sobre a educação de sua prole. Angustiou-se com a passividade da mulher da província, que ainda vivia enclausurada, sobrevivendo em um regime colonial e patriarcal, mas cuidou de não deixar sobreviver as idéias mais radicais do movimento sufragista de influência inglesa e norte-americanas, estigmatizados como movimentos protestantes e, portanto, inadequados para um país católico.

Sofreu, enfim, como mulher a impossibilidade de ter o direito de ser livre, de ser igual e teve que lutar por um lugar no espaço público, que até então era um reduto masculino. Teve que buscar espaço para poder fazer valer sua voz – de mulher.

As restrições para a mulher eram imensas, principalmente para exercer uma profissão ou na área intelectual. Entre outras coisas, pouca importância se dava à educação da mulher e raras, raríssimas mulheres no fim do século chegaram ao ensino superior, inclusive porque era vetado na maioria dos países ocidentais. No Brasil, somente nas primeiras décadas do século XX as primeiras mulheres ingressaram no curso superior. Não havia intenção de promover ou investir em uma melhor formação porque, para a ideologia da época e mesmo nos princípios burgueses, a tarefa da mulher estava restrita ao lar e às primeiras orientações dos filhos. Para isso, bastava que a moça fosse preparada, de preferência em casa ou por professores particulares, durante dois ou três anos, para aprender um verniz de cultura - português, uma língua estrangeira, de preferência o francês, e dados elementares de desenho, pintura, música e canto. Quanto às habilidades domésticas, estas eram aprendidas através da mãe ou de parentas e escravas. Assim, a moça tocava piano, mas era-lhe vetada a participação em uma orquestra,

esboçaria em desenho ou pintura cenas domésticas ou da natureza, mas era proibida de fazer uma exposição pública. Poderia escrever, mas não poderia publicar, nem viver de seu próprio trabalho. A rua era-lhe vetada. E nem mesmo em casa, tinha muita liberdade. Enquanto moça, era vigiada, proibida mesmo de ter amigas; já casada, tinha a obrigação de criar a atmosfera de tranquilidade e harmonia, proporcionando o clima de um “lar” para o marido e os filhos.

Até a segunda década do século XX, o Estado da Bahia diferia muito do Rio de Janeiro, em hábitos e costumes. Enquanto no Rio, as mulheres se reuniam e começavam a publicar revistas dirigidas a suas semelhantes, na Bahia, a força da estrutura colonial, que mantinha a mulher sem estudos e dentro de casa ou nos conventos, ainda se fazia sentir muito forte, interferindo em qualquer mudança de comportamento.

As poucas escritoras que apareciam no cenário jornalístico ou literário vinham legitimadas e protegidas pelos nobres sobrenomes de família ou do marido, e as mais radicais resolveram transferir-se para locais mais arejados, como o Rio de Janeiro.

A sociedade colonial ou mesmo a que começava a emergir, na década de 60/70, com os ideais republicanos, delimitava o espaço onde a mulher podia atuar – no lar, isto é, na esfera doméstica.

Os ideais republicanos que fundaram a república brasileira não conseguiam afastar do Nordeste a estrutura de três séculos de colonização agrária. Assim, a mulher estava confinada a uma educação informal, descuidada, e bastam três exemplos para se ter a idéia de sua limitação. Não era dado à mulher o direito de trabalhar, e a sociedade industrial e burguesa exigia-lhe um papel – ser mãe e cuidar dos filhos, mão-de-obra futura para a indústria e cidadãos pacatos para a República. Trabalhavam as mulheres das camadas pobres, enquanto jovens, porém se casadas tinham que deixar os empregos. Fundamentando esses princípios, a ciência desenvolveu um papel subserviente, deformando várias conclusões, como a incapacidade da mulher para o trabalho físico, posto que era biologicamente frágil. Incapaz também de raciocinar, posto que sua natureza era mais instintiva, mais próxima de uma mente infantil. Sua inferioridade provinha, portanto, da sua natureza.

Se, no Rio de Janeiro, a relação com o trabalho se fazia de uma maneira, inclusive pelos ventos cosmopolitas que a cidade assumia, no Nordeste, a idéia de trabalho para a mulher era desqualificadora. Isto devia-

se também aos preconceitos relacionados ao escravismo e ao trabalho manual. Estava o cadinho pronto para se renegar o trabalho fora do lar, e as escritoras, mesmo aquelas engajadas aos ideais republicanos, que lutavam por uma educação igualitária para homens e mulheres, ficavam perdidas, sem conseguir desvencilhar-se dos preconceitos das comunidades agrárias.

Assim, o posicionamento dessas escritoras vai ser diversificado, dependendo de seu lugar de 'origem' na sociedade, da sua formação intelectual e do lugar de onde, como escritoras, falam.

O trabalho remunerado e fora do lar, durante o fim do século e início do XX, era um espaço de impasses e de indecisões. De certa forma, a república brasileira desencadeava a demanda de mão-de-obra para a sociedade urbana e industrial, mas as restrições reiteradas pela Igreja Católica sobre o comportamento da mulher religiosa impediam qualquer avanço que fomentasse salário ou remuneração de trabalho fora do âmbito do lar. Com isso, começava a se delinear um descompasso entre a vida urbana e cosmopolita do Rio de Janeiro, agora capital da República, e as zonas rurais do Norte e Nordeste e do Centro e Sul do País.

E a situação não se modificará muito até a década de 20 deste século, quando já é visível o crescente debate sobre a profissionalização da mulher, seja em favor de profissões de "colarinho branco" (professoras, enfermeiras, datilógrafas, telefonistas, tarefas de escritório), como os denomina Joan Scott⁸², trabalhos destinados a mulheres de classes emergentes (pequena-burguesia), seja como um ofício (costureiras, chapeleiras, a indústria do vestuário), para mulheres pobres⁸³.

⁸² Joan W. Scott. A mulher trabalhadora. In George Duby e Michelle Perrot (Orgs.) *História das Mulheres no Ocidente*. Trad. Maria Helena da Cruz Coelho et alii. Porto/São Paulo: Afrontamento/Ebradil, 1991. v.4.

⁸³ Observe-se que, no fim do século, já havia fábricas de tecelagem na Bahia, mas não há referências a operárias na produção literária, nem na produção jornalística. Desconfio que, por ser tal trabalho exercido por negras e mestiças, portanto provenientes dos estratos mais pobres da população, pela visão de casta ou por elas não deterem legitimidade na sociedade não poderiam ser tomadas como exemplo na luta pela instrução e liberação da mulher. As castas nessa sociedade fraturam e diversificam as lutas das mulheres. (Vide estudos sociais e antropológicos sobre as fábricas suburbanas de Salvador, escritos por Cecília Sardenberg).

Mas, desde o seu desenvolvimento, a própria sociedade industrial questionava o trabalho remunerado para a mulher, considerando-o possível em certas fase do ciclo etário (como a jovem solteira), porém completamente contrário enquanto casada. O positivismo de Comte veio reforçar tal atitude, por hipervalorizar seu papel como esposa e educadora dos futuros cidadãos do mundo. Todo esse constructo ancorava-se na exclusão da mulher do espaço público e do trabalho remunerado, principalmente as da classe burguesa. No entanto, as de classes pobres ascendentes não poderiam dar-se ao luxo de não trabalhar e os empregadores (europeus), apoiados nas construções do feminino e masculino, passaram a descrever os empregos como tendo características inerentes a um dos sexos.

Tarefas que requeriam dedos delicados e ágeis, paciência e perseverança eram consideradas femininas, enquanto força muscular, velocidade e habilidade significavam masculinidade⁸⁴.

Embora com vozes discordantes, esta descrição construiu a categoria do trabalho feminino, pois se ajustava, *supostamente*, à sua natureza submissa, à sua capacidade para tolerar tarefas repetitivas e ao seu gosto pelo pormenor. Esses traços eram julgados "naturais", assim como era 'fato' o custo da mão-de-obra feminina ser necessariamente mais baixo do que o masculino, pois partia de pressupostos de que as mulheres eram menos produtivas e que só eram aptas para o trabalho em certos períodos da vida, e para tipos de trabalhos pouco qualificados, eventuais, principalmente destinados à área de serviços. Assim, seus salários mais baixos eram explicados pelos 'guetos ocupacionais' e pela 'natureza' diversa do homem, eleito como o provedor material da família.

Acrescente-se, ainda, principalmente no Nordeste, a relação do brasileiro com o trabalho. Esta categoria fundante da sociedade moderna era vista de maneira desqualificada na região açucareira, pois todo o trabalho, exceto o intelectual, era realizado pelo escravo ou, mais tarde, pelas camadas pobres e mestiças. A observação de Ina von Binzer sobre

⁸⁴ Joan W. Scott. Op. Cit.

os costumes brasileiros de uma fazenda de café pode ser aplicada à sociedade agrária nordestina, sem precisar de adaptações.

Ina von Binzer, jovem alemã que vem ser preceptora no Rio e nas fazendas de café em S. Paulo, documenta sua admiração sobre a relação do brasileiro com o trabalho. Criada dentro dos parâmetros da modernidade e apesar de, no momento desta observação, ter ainda a autora a arrogância de indivíduo do centro descrevendo a periferia, ela é muito clara quando sinaliza, em pleno ano de 1881:

Neste país, os pretos representam o papel principal; acho que no fundo são mais senhores do que escravos dos brasileiros. Todo trabalho é realizado pelos pretos, toda a riqueza é adquirida por mãos negras, porque o brasileiro não trabalha, e quando é pobre prefere viver como parasita em casa dos parentes e de amigos ricos, em vez de procurar ocupação honesta.⁸⁵

Em geral, as escritoras baianas pouco falam, em sua produção literária, sobre a mulher e o trabalho, embora se refiram ao trabalho da mulher negra. Em seu livro de memórias⁸⁶, Anna Ribeiro, resgatando o labor da costura, ilumina, *en passant* a cena familiar do engenho de seus pais, onde se nota a hierarquização da branca sobre a negra, da atividade intelectual sobre o trabalho manual:

A sala de jantar era a mesma da costura. Havia ali o estrado, indispensável em todas as casas, no qual, logo pela manhã, se achavam sentadas as costureiras e rendeiras com as almofadas e os competentes balaios contendo os utensílios de costura e as peças do vestuário em confecção. (...) As escravas, que nas outras vivendas não ousavam erguer os olhos para a senhora, falavam desassombadamente à minha mãe, pedindo-lhe explicações sobre qualquer coisa, e ela dava-lhas benevolamente, expressando-se de modo a fazer-se compreender. Se alguma se mostrava indolente ou descuidada, advertia-a sem aspereza dizendo:

-Olha que dessa maneira não acabas a costura; é preciso mais diligência!

⁸⁵ Binzer, Ina Von. *Meus queridos romanos*, p. 40.

⁸⁶ Anna Ribeiro de Góes Bittencourt. *Longos serões do campo*: infância e juventude. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. V 2

E a rapariga a quem era feita a advertência abaixava a cabeça sem se mostrar ofendida porque reconhecia ter merecido a reprimenda. Isto observei eu, quando tive mais idade, na repetição de tais cenas.

Às vezes diziam as raparigas:

-Iaiá, conte uma história; a gente muito tempo cosendo tem sono.

E ela contava-lhes histórias quase sempre tiradas da Bíblia, próprias a incutir-lhes idéias de moral e de religião. Eu, que também já as apreciava, não me afastava, prestando-lhes toda a atenção.⁸⁷

De certa maneira, a produção dessas escritoras, publicada entre 1880 e 1920, não está isenta da chamada *antropofagia*, termo iluminador de Constância Duarte, para referir-se as acomodações realizadas por Nísia Floresta. As autoras também tentam articular, sem perder de vista os seus contextos, as idéias da sociedade industrial e da sociedade agrária. Percebe-se a dificuldade que elas têm em avançar na reflexão sobre a situação da mulher na família e no trabalho, porque elas mesmas têm introjetados os mecaniscos e o discurso do poder que as afetam, mas de que elas não conseguem se desvencilhar sem ser consideradas feministas radicais, estigma que corriam a léguas de ser alcunhadas. Assim, em seus textos elas obscurecem a própria liberação da mulher, como bem constatou Sylvania Paixão em seu estudo sobre os periódicos de autoria feminina:

Quando se trata da mulher sair do seu ambiente doméstico e ingressar no espaço público, seja como escritora seja como jornalista os preconceitos e limitações não serão menores⁸⁸.

Porém, mesmo a sobrevivência através do trabalho intelectual para a mulher era-lhe vedado. Em 1850, começam a aparecer, com frequência, versos de mulheres, que publicavam com a ressalva de não auferir nenhuma remuneração por seu trabalho. Essa situação era explicitada na capa ou no prefácio do livro. *Echos da minh'alma*, de Adélia Fonseca, editado em 1866, traz na capa:

⁸⁷ Idem, *ibidem*. v 2, p.65-66

⁸⁸ Sylvania Paixão. Mulheres em revista: a participação feminina no projeto modernista do Rio de Janeiro dos anos 20. In: Susana Bornéo Funck. (Org.) *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: UFSC, 1994. p. 421.

ECHOS DA MINH' ALMA

POESIAS

de Adelia Josephina de Castro Fonsêca
natural da Bahia,

DEDICADAS A S. M. A IMPERATRIZ,

e publicadas com o fim de ser o seu produto liquido
applicado a bem das familias pobres dos bravos da
nossa armada, fallecidos na guerra do Sul.

Portanto, o momento em que viveu Amélia Rodrigues não era propício para uma mulher sobreviver sozinha, nem querer seguir a carreira de escritora.

Por outro lado, as escritoras sempre vinham à cena pública legitimadas, pelo próprio sobrenome de família ou do marido ou, então, vinham legitimadas por um texto ou carta de um crítico de renome da época, elogiando sua produção.

Após a morte do pai, Amélia Rodrigues para continuar nas letras, não podia usar de nenhuma dessas legitimações e por isso preferiu buscar o apoio da Igreja. Em 1893, no seu primeiro artigo para as revistas religiosas, ela escreve:

[...] ia eu em caminho de renunciar ao prazer da correspondência, quando achei para o problema uma solução arquimedal, e disse com os meus botões - vou bater à porta da "Leituras", esse mimo de imprensa religiosa e pedir-lhe um cantinho onde dirigir-me a Artêmia, [...] isto, sim senhora, nem mais nem menos: simplesmente um arrojo. E se as "Leituras" me mandarem plantar batatas?... Se me disserem que no salãozinho perfumado não tem ingresso quem deseja palrar por desfastio e que vá papaguear a outro ramo? Fico de asas cortadas! [...] Quem não arrisca nem perde nem ganha. Insuflei-me de ânimo e lá fui. A condescendência com que me acolheram prova e de sobra o fato de estar eu aqui, de te achares tu a destrinçar toda essa enfiadeira de frioleiras alinhadas pela minha penazinha, que não saiu precisamente da oficina onde se fabricou... a de Rui Barbosa.⁸⁹

Ora, era lógico que, ao abraçar a imprensa católica, que estava precisando de escritores para seu trabalho de doutrinação, Amélia Rodrigues, necessitada de validação para se poupar das críticas da sociedade, teve que optar. Essa opção foi gradativa e só se torna efetiva em 1900, quando deixa de lado quase toda a atividade intelectual que não estivesse diretamente relacionada com a didática (ensino e formação dos jovens e das senhoras) ou com a doutrinação. Mas, de qualquer maneira, foi inteligente o bastante para acompanhar veladamente os acontecimentos que repercutiam ou conturbavam a sociedade brasileira. Assim, engajou-se na luta pela igualdade da mulher e pelo direito ao voto, sem confrontos com a Igreja ou com a sociedade local.

⁸⁹ Dinorah (pseud. Amélia Rodrigues). Cartas a uma amiga. In *Leituras religiosas*.

III A OBRA

Na realidade, Amélia Rodrigues é o que se chamava de polígrafa, pois não só escreveu poemas, ficção (contos, narrativas e romances), peças de teatro, mas também biografias, artigos, crônicas, discursos. Foi também editora e tradutora. Uma vida intelectual completa que só poderia ser exercida por pessoas do século XIX, quando não havia ainda a divisão do conhecimento em especializações.

Como poeta, trabalhou com diversos temas, embora alguns sejam mais marcantes. Na fase secular, seus poemas tendem a ser confessionais, embora já acenem para um engajamento à questão escravagista. Pouco se utilizou das imagens e metáforas românticas, sem conceder uma conotação diferente ou da possibilidade de desconstruí-las.

No poema abaixo, um dos primeiros, escrito em 1879, Amélia Rodrigues se insere em uma parcela da sociedade que não tem (ou não vê) muito futuro, no sentido do binômio futuro e felicidade:

Sou pobre

Sou pobre, meu Deus, sou pobre!
Que triste, que infausta sina;
Vossa vontade divina
Na minha frente escreveu!
Pobre... idéia assustadora
Que a manhã de minha vida,
Que eu sonhava tão florida
Num momento escureceu!

Sou pobre! o presente é triste
- E o que será meu futuro?
- Pobre flor de aroma puro
Sem um reflexo de amor!
- Fantasma de brancas vestes,
Sem um diadema de glória!
Borboleta sem história,
Perdida em noite de horror.

Sou pobre! a aurora que brilha
Nos confins do firmamento

Vem esse atroz pensamento
De minha frente varrer.
O trinar dos passarinhos,
Da linfa clara o queixume,
Da flor o grato perfume,
Tudo m' o faz esquecer.

Mas logo, passado o encontro,
Ao despertar do delírio,
Vejo o espectro do martírio
No meu caminho passar;
Tem no lábio atroz sorriso,
Na frente - o selo da morte,
Na mão - o livro da sorte
Que me condena a chorar!

E diz-me: sabes meu nome?
Meu nome é dor, é pobreza!
Meu frio riso é tristeza;
Meu seio - túmulo de amor!
Jamais alento a esperança,
E se a meu pesar há glória,
De andrajos cubro essa história,
Cubro esses louros de horror!...

Sou pobre como a plantinha
Que, vegetando na sombra,
Só teve por berço a alfombra
Que a primavera lhe deu;
Como pássaro saudoso
Que só tem um ninho escuro,
Um amor, um canto puro,
N' um vergel que não é seu.

Sou pobre como a estrelinha
Que não recebe fulgores,
E em vez de cantar amores
Vai no infinito morrer:
Como a gotinha do orvalho
Que na verde folha expira
Tremula, palpita e morre
E vai no chão se perder.

Pobre... mas que importa? o mundo
É um chão com face d' ouro

Não invejo seu tesouro.
Nem seu falso resplendor;
A verdadeira riqueza
É a que existe em minh'alma:
Da crença a cheirosa palma.
O doce canto do amor.

De Santa Helena o rochedo
Inda lembra o moribundo
- Que pedra a todo mundo
Um louro - : Napoleão!...
De que valeu-lhe a riqueza,
O nome, o trono doirado,
Se expirou abandonado,
A pátria chamando em vão?!

Pobre... mas que importa? eu sinto
No seio brotar-lhe a vida;
Tenho uma c'roa florida,
N'alma um vulcão a queimar!
Talvez que um dia o destino
Me reserve uma esperança...
Vale mais uma bonança
Que um tesouro neste mar.

Pobre... mas que importa?
Um belo infinito eu tenho.
No peito um sagrado empenho,
Na frente uma senda só!
E se a sorte abandonar-me
Chorarei de ansiedade
pedindo ao Senhor piedade,
Como outrora chorou Jó.⁹⁰

A jovem escritora demonstrou também um manejo invejável da linguagem quando se apropria do discurso masculino que modela o papel da mulher nessa sociedade, para desconstruir a representação da mulher na sociedade burguesa. Para a ideologia dominante, uma mulher só poderia pensar em amor, impossível ela ter outro interesse ou outro objetivo. E se o tivesse, a mulher era considerada tola, fútil ou... caprichosa.

⁹⁰ *O Monitor*, 1º nov. 1879, p. 2

Observe-se como a autora coloca em um diálogo sério, pois desconstrutor de um estereótipo masculino, elementos eleitos pelo romantismo e que eram considerados relacionados ao universo feminino, como as flores, pássaros e céu. Elementos que foram eleitos como diáfanos ou delicados e que a mulher poderia operar/empregar como sua segunda pele:

*A pétala de rosa*⁹¹

Lá voa nas asas do Zéfiro brando,
Por entre a ramada,
De rosa uma pétala singela e cheirosa,
De cor encantada.

— “Qual é teu destino, gentil peregrina
Dos ermos da terra?
— “Que força te leva da sombra do vale
“P’ra o alto da serra? “

Assim lhe pergunta, num meigo suspiro
Gentil beija-flor;
Responde-lhe a pétala em doce transporte:
— “A força do amor!

“Amor é a força que as almas eleva
“Da terra p’ra os céus!
“Amor é o canto que os anjos entoam
“Diante de Deus!

“A brisa, prendendo-me terna em seus braços
“da flor me arrancou;
“Nas asas de gaze me leva às alturas
“D’onde ela baixou.

“E eu, pobre, que amei-lhe seus doces adejos
“me deixo levar

⁹¹ Publicado no jornal *Eco Santamarense*. Santo Amaro, 9 jan. 1884.

“Ao belo palácio que iremos nas nuvens
“Talvez habitar!

—”Louquinha! não sabes que o vento enganoso
“Te pode perder?
“E, em vez de levar-te do céu aos encantos,
“Na lama da terra deixar-te morrer?...

“Ah! fica!... não corras após a ventura
“Que é tão mentirosa!
“D’ amores não creias no voto ligeiro,
“Oh, pétala mimosa!..’
— “Não, não!... já é tarde! sonhava um adejo
Que erguesse-me aos céus,
E as asas sentindo-lhe, entrego-me à dita...
Meu pássaro, adeus!”

E o pobre coitado ficou suspirando
Por vê-la fugir;
Beijou-a de longe, - com ternas saudades,
E pôs-se a carpir.

Depois, - nos caniços dum lago onde fora
Sedento beber,
A mísera pétala achou desmaiada,
Vizinha a morrer.

— “Oh, ei-la!... em suspiros lhe disse o piedoso
Gentil beija-flor
“O vento matou-a...” Responde-lhe a mísera:
— “Oh! não!... foi a crença na força do amor!...”

O poema a seguir, escrito quase cinco anos antes de *Pétala de rosa*, evidencia que a autora ainda não estava de todo consciente da representação da mulher e de suas limitações. Por isso mesmo, maneja o campo semântico permitido ao sexo feminino no romantismo, descortinando uma possibilidade de alcançar seu objetivo:

Lágrimas⁹²

Com a fronte pendida no seio tremente
Que a onda dormente de amor comprimia,
Chorava em silêncio magoada donzela,
Pesares que ela
com o riso nos lábios ao mundo escondia.

Alguém, encontrando-a da turba afastada,
com a face molhada do pranto
Lhe disse, sorrindo de sua loucura
— Bonina tão pura
Se prantos derrama são rocios de mel!

— Oh não ! nunca vistes a rosa da aurora
Que às vezes enflora pendida a chorar?
O mel de seu seio verteu-se no solo,
“Seu rúbido colo
‘O mesmo destino só tem a esperar!
— Louquinha! deliras? de amor está cheio
Teu cândido seio, teu meigo porvir...
Levanta esta fronte - não és como a rosa
Sem mel, desditosa,
Já prestes na campa sem glória a sumir!

— Engano! como ela me ufano em ser pura,
Mas crença futura não temos jamais!
A rosa - os perfumes verteu na esperança
De eterna bonança,
Eu luto no enlevo de um sonho falaz!

O pássaro d’ouro que amante beijou-a
Na sombra deixou-a de amores sem luz;
O anjo encantado que eu vi um momento
Qual pétala ao vento
Voou das esferas aos mundos azuis!

⁹² Escrito em 1878 e publicado em *O Monitor*: 23 nov. 1879, p.1-2.

E o néctar doirado que o peito me enchia
De terna poesia verti já no chão...
— Criança! esse néctar de amor e ternura
Em ânfora pura
Existe escondido no teu coração!

“Existe escondido - bem como no fundo
“Do oceano profundo se esconde o coral!
“E, como as espumas das ondas que acordam,
“Teus prantos transbordam,
Vestindo de brilhos teu belo ideal !

Precisa de orvalhos a aurora da vida,
Derrama, querida, teus rocios de amor !
São pérolas meigas do belo diadema
Que adorna o poema
Que cantas, chorando, nas harpas da dor!

Vicejam os prantos a rosa mais pura,
E em grata doçura convertem-lhe o fel!
Carpindo, donzela, saudosos amores.

Tu és como as flores
Que vertem nos prados orvalhados de mel!

Mas essa vertente temática vai cada vez mais se estilizando, deixando de lado os elementos concretos, ao mesmo tempo que o poema vai desnudando o sentimento de angústia que envolve a escritora. Os poemas abaixo, embora modifiquem o formato, pois são sonetos, ganham em densidade emocional:

Coragem

Dorme em paz, coração, não tenhas medo
da tempestade que lá fora explode;
Ela quebrar-te em seu furor não pode,
Porque tu és forte, assim como um rochedo.

Tu tens em Deus o mágico segredo
De expulsar tudo quanto te incomode,

Ao seu aceno a calma presto acode,
E o sol, p'ra iluminar-te, sai mais cedo.

Deus vela enquanto dormes; Deus escuta
A voz de tua prece, vê teu pranto
E dá-te forças na contínua luta.

Seu olhar é uma túnica de amianto,
Que te envolve - claríssima, impoluta...
Dorme em paz, coração! não temos tanto!

La folle du logis

Basta, doida; interrompe a audaz corrida
Que levas pelo azul. Os olhos fecha,
Dobra as asas e morre, ave ferida,
Sem soltar nem um aí! Nem uma queixa !

Ontem dava-te eu oiro, seda, linho,
Para o estranho tecer de tuas teias,
Dava o infinito para teu caminho...
E tu... sonhos trazias-me, a mãos cheias,

Da viagem pelo Ideal. Ó mentirosa,
Nada mais te dou hoje! O teu bordado,
Rasguei-o! As tuas asas cor-de-rosa,

Desplumei-as! Agora... outro cuidado!
Eu vou te acorrentar, louca furiosa,
Num ergástulo sem portas: o passado.

Renuncia ao passado.
Não no faz, porém, tímida, fraca, vencida.
Antes, mais enérgica, mais intrépida, mais viva!

Entretanto, um dos poemas mais significativos dessa vertente, embora demonstre um sentimento por demais angustiante, mostra sua ambigüidade desde o título - *Rebeldias íntimas*:

Ruge, ruge, leão; levanta a inútil garra
Contra o ferro que o teu corpo num poste amarra
Ergue a juba irritada,
Relampeja do olhar a chama desvairada
Que a loucura traduz; morde os membros ardentes,
Range, furioso, os dentes,
Bate contra a parede.
Que te encerra a amargura; anda!...

Na poesia da autora, vislumbram-se ecos de erotismo, que não foram aprofundados em outros poemas posteriores. Dois desses poemas aqui estão documentados:

À beira-mar

Na hora do pôr-do-sol,
Quando a luz se decompõe
E, em variado arrebol,
Um painel soberbo expõe

No balcão azul do espaço,
- Painel que o mar copia
Com certo afã e embaraço
De aluno que principia,

É que eu gosto de ir cismar
Sentada na úmida areia
Da praia, escutando o arfar
Das ondas, na maré cheia,

Ouvindo o rumor do vento
Nas folhas dos arvoredos,
Como harpas em movimento
Por febris e ocultos dedos,

Vendo os laivos cor de sangue
Do Sol, marchetando o mar,
E entre os arbustos do mangue
As garças a mariscar,

Sentindo - tudo o que sente
Quem adora a natureza
E a vê gentil, resplendente
De luz, de sons, de beleza!

Então que largos poemas
Escrevo eu, sem papel!
Que maravilhosos temas,
Que poético aranzel

De inspirações deliciosas
Dentro da mente entesouro,
Como punhados de rosas
Em vaso de opala e ouro!...

Quantas lembranças suaves!
Quanta saudade serena...
Quantos pensamentos graves,
Quanta sensação amena,

N'alma, sedenta de gozo,
Vem-se-me a flux entornar!
No lábio ardente e arenoso
Da praia o beijo do mar

Com mais amor não se imprime,
Não vai a mais doce gemer...
- Eu me embriago sem crime
No ópio desse prazer!

Símiles

Já te falaram na flor do gelo

O edelweiss...?

É branca, branca como os corimbos

Que abrem nas ramas dos laranjais,

mas fria, fria como a geleira

onde o destino berço lhe deu;

Assim a crença

No peito meu!

Já leste acaso que lá nos pólos

Raia uma aurora

toda irisada de rosa e ouro,

Grinalda enorme que o céu enflora?

Mas, dura pouco... desaparece...

Morrem-lhe as cores... perde a pujança:

Assim se apaga

Minha esperança !

E ainda sabes, ó queridinha,

Que há uma ilha

vulcão por dentro, por fora neves?

Lavas e gelos!... que maravilha

Não é?... Parece que não na habitam

nem cresce nela nenhuma flor!

- Pois como ilha

É meu amor!...

Mas a poesia engajada também aparece como uma vertente muito forte na obra de Amélia. Seja um olhar sobre o sofrimento e limitações do negro, seja o sentimento de indiferença da sociedade pela criança pobre.

*Verso e reverso*⁹³

Faz anos hoje a filha do senhor;

Tudo é prazer nas salas do sobrado;

Das janelas través o cortinado,

Sai em jorros a luz, passa o calor.

⁹³ Escrito em 1885.

Recende fora do banquete o odor;
Soa em trilos o piano bem tocado;
E os gorjeios de um canto apaixonado
De rouxinol, nos lábios de uma flor.

Mas, enquanto lá dentro a festa, a dança,
Brindes, discursos, riso, intemperança,
Misturam-se ao fragor de urras e bravos,

Do engenho em negro e imundo calabouço,
Presos num tronco vil pelo pescoço,
Gemem, tintos de sangue, alguns escravos...

*Réu de amanhã*⁹⁴

O dia inteiro pelas ruas anda
Enxovalhado, roto, indiferente,
Mãos nos bolsos, olhar impertinente,
Um machucado chapeuzinho à banda,

Cigarro à boca, modos de quem manda,
Um *dandy* da miséria, alegremente
A procurar ocasiões somente
Em que as tendências bélicas expanda.
E tem doze anos só!... Flor do monturo,
Quem lhe arranca o veneno ao seio impuro
E os tentáculos do mal, que em torno avança?!

Quem vai fazer-lhe a peregrina esmola
De atirá-lo à oficina, ao templo, à escola,
Mudando esta ameaça numa esperança?!...

O tema da morte é outra constante temática. Penetrando o simbolismo no fim do século, no Brasil, a morte, a fé passam por questionamentos. O primeiro poema representa a falta de saída:

⁹⁴ Transcrição da *Nova Coletânea*; seleção de 200 sonetos, de Amélia R. de Sampaio Arruda, apud SILVA, Aloysio da. *Amélia Rodrigues: evocação*. Rio de Janeiro: S. José, 1963. p. 10.

*Devaneios*⁹⁵

Noite de lua, noite serena
Que me refresca a fronte agora,
Vem consolar-me... dilui a pena
Desta alma triste - que canta e chora.

Brilho suave - manto doirado
De anjo, que longe, longe... flutua,
Desce ao recanto desamparado
Desta alma triste - que não tem lua.

Perfumes doces de abertas flores,
Essências finas e capitosas,
Enchei de incensos embriagadores
Esta alma triste - que não tem rosas.

Vozes celestes, vozes divinas
De harpas tangendo na etérea plaga,
Modulai trenos e cavatinas
A esta alma triste - que a dor esmaga.

Noite suave, noite de lua,
Oh! dá-me um sonho que me conforte!
- Finge que levas na gaze tua
P'ra o céu, esta alma - que anela a morte!

O segundo, implica na impotência e na falta de escolha ou de saída para a autora:

Almas irmãs

Que são irmãs as nossas almas, dizes:
Têm o mesmo Ideal, sagrado, imenso,
E se equilibram pelo azul extenso
Do céu, ébrias de luz, ternas, felizes...

Tens razão! Nossas almas se parecem!
- Aves que só procuram nas alturas,
No cimo dos rochedos, águas puras
Pra matar-lhes a sede e nunca descem

⁹⁵ Publicado em *Jornal de Notícias*. Salvador, 12 out. 1900.

A beber sobre o lodo, elas, sonhando,
Vão pelo espaço intérmino cantando,
Em busca sempre da Incrriada Luz...

A diferença é só - que a tua goza
E a minha chora, pálida, saudosa...
Como um goivo pendido aos pés da cruz.⁹⁶

O poema seguinte reforça o mesmo sentimento, a mesma impotência:

Clamor inútil

Meu coração de há muito estava morto,
Mas a enterrá-lo eu não me decidia;
Meti-o no caixão fúnebre, um dia,
E disse-lhe: - Aí está, chegaste ao porto!..."

Armei-lhe um catafalco em negro horto
E um círio lhe acendi, donde corria
Uma lágrima longa, triste e fria:
- O círio da saudade sem conforto!

Por que o não enterrei de todo?... Agora
O velho preso a debater-se chora
Como um doido, entre as tábuas do caixão...

Desgraçado! não tens direito ao gozo
nem à vida! não chores mais teimoso!
Morre por uma vez, meu coração.

Embora esse pequeno passeio pela obra da autora não dê conta da variedade de sua temática, em 1900, ela se despede dos temas laicos com o poema:

⁹⁶ Transcrição do livro *Coletânea de Poetas baianos*, de Aloysio de Carvalho Filho, apud SILVA, Aloysio da. *Amélia Rodrigues: evocação*. Rio: S. José, 1963. p.9-10

Demissão

(A jovem poetisa A.D.L.)

Eu já não canto mais, e, quando canto,
Saem-me os versos a chorar, quebrados
Pelos soluços, pálidos de frio,
Como o estertor sombrio
Dos passarinhos espingardeados.

Porque? Não sei: Morreu em mim a idéia
Subjetiva, e, se numa hora calma
Procuro inspiração, procuro assuntos,
Olho prá tudo, até para os defuntos,
Porém não olho nunca pra minh' alma.
E tenho tal ou qual razão. Poetas
Ninguém os toma a sério. Exploradores
Do Ideal, correm pelo azul, às tontas,
Semeando estrelas e afinal de contas
Colhendo... sombras! Enfaixando... dores!

A poesia religiosa que vai aparecendo aos poucos, toma todo o espaço a partir de 1900.

*Queres saber o que é - uma boa morte?
Assim a definiu um poeta*

É chave d'oiro, início de ventura;
E flor que desabrocha à madrugada;
É termo de uma senda de tortura;
É sol, golfando após noite cerrada;
É brisa e aroma já do Paraíso;
É, pondo a choros fim, doce sorriso;
É volta ao pátrio lar, depois do adeus;
É triunfo final sobre a desgraça;
É gozo d'almas que um amor enlaça!
É passo para o Eterno... para Deus.

Como dramaturga, apenas a primeira peça, que não foi publicada, mas encenada, é destinada a uma platéia adulta. Todas as outras escritas por Amélia abordam temas da época mas são destinadas a orientar o comportamento das jovens, principalmente da menina e da mocinha brasileira.

São cerca de 34 peças entre monólogos, diálogos, comédias e dramas.

Não se pode deixar de fazer menção a duas considerações sobre o teatro no Brasil, na fase final do século. A produção teatral no Brasil sempre enfrentou a competição de peças francesas e inglesas. A parte que restou para o intelectual brasileiro, após o romantismo, foi o teatro burlesco, a comédia de curta duração, que serviam como uma espécie de esquentamento, um intróito alegre ou burlesco para o drama principal, sempre uma tradução de um texto estrangeiro. Portanto, o teatro no Brasil era considerado um gênero menor.

Sendo cada vez mais relegado e restrito o espaço teatral para peças brasileiras, a área foi colocada no limbo durante muitos anos. O espaço foi sendo tomado pelas mulheres, primeiro, porque ficavam a salvo da crítica ferrenha dos comentaristas e articulistas dos periódicos. Segundo, porque podiam ser criações curtas, com uma estrutura linear, para ser representadas por crianças ou adolescentes em casa, nos saraus ou no teatrinho da escola. A produção desse tipo de peça é imensa e está impressa em várias revistas da época.

As escritoras ficavam na fronteira entre o melodrama e a comédia de costumes onde não ecoavam os ressentimentos nem as competições da esfera pública, ainda dominada pelo homem, e pelos temas trabalhados, na maioria, na fronteira entre a esfera doméstica e a pública, destinada a um público leitor feminino ou adolescente.

É nesse seio, nesse útero, que as produções teatrais de Amélia Rodrigues se inserem. Destinadas às crianças para sua formação de caráter, sempre abordam temas que possam servir de exemplo de conduta e quando vão mais longe, exploram criticamente as mudanças morais e comportamentais da época.

A produção teatral de Amélia Rodrigues está nesse âmbito. No entanto, até agora, só localizamos para a nossa pesquisa onze delas, um terço da sua produção, fato que não nos dá condições para uma análise conclusiva, mas apenas para detectar certos traços da autora.

Em primeiro lugar, todas as peças foram editadas por editoras religiosas. Em outras palavras, isto significa que elas têm um compromisso com os parâmetros morais da Igreja.

Em segundo, como seriam encenadas para um público determinado, ainda não adulto, tanto os temas como a linguagem são para atingir este público infantil e juvenil, lidando com certos problemas afetos às

transformações do mundo e ao comportamento de um jovem bem formado, e orientam-se pela ética conservadora e religiosa. Alguns exemplos podem ser mostrados: a moça recatada e conduzida pela moral cristã e as moças levianas, voltadas para as festas, a moda e os salões, estas últimas criticadas fortemente.

Para as crianças, temas alegóricos sobre os valores morais ou lições. Trata da maldade, do desprezo pelos pobres ou pelos empregados. A rebeldia é rechaçada e, a partir da conscientização desse e de outros comportamentos e sentimentos negativos, o personagem retorna ao bom caminho. As peças terminam sempre em harmonia, com o perdão dos feridos e humilhados, ou perdoados e compreendidos pelos adultos. A exceção está na peça *Progresso feminino*.

Quanto à linguagem, ela é simples mas escurreita, reproduzindo, às vezes, o registro de fala da classe pobre, alijada da instrução. As classes sociais são bem demarcadas pelo registro lingüístico e o universo em que vivem, embora a autora nunca coloque um personagem néscio entre os personagens da classe baixa.

Iremos nos deter, rapidamente, em três peças da autora, apenas para evidenciar o caminho por ela seguido.

A *madrasta* (1917) aborda o tema muito conhecido da Gata Borralheira. No caso, a menina, enteada que era maltratada, vai ser levada por uma tia rica, irmã da sua mãe, que se encontrava fora do Brasil e, nas suas atribulações, não tinha ainda vindo ao País para revê-la. A idéia básica é de não se maltratar nem humilhar os necessitados nem desamparados. A religião ainda aparece como vetor central da peça.

Em *As vontades de Letícia* (1924), o trecho da peça focaliza uma garota de 12 anos, rebelde, matreira, que humilha a criada da casa e se faz acreditar que é boa menina perante a mãe. E manipula a mãe para que faça suas vontades. Porém, Letícia caminha para a maldade e hipocrisia. O ponto culminante da peça acontece no momento em que ela se corta com uma jarra quebrada por ela e informa à mãe que foi a criada que o fez. Letícia não sabe que a mãe vem sofrendo do coração e, ao tomar conhecimento do fato e ver sua filha banhada em sangue, sofre um abalo nervoso, desmaiando. Percebendo a gravidade da situação, Letícia desfaz todos os enganos e evidencia sua dupla personalidade.

Nesse texto, a autora já trabalha com a atitude de certas mães que, em geral, têm certa passividade em educar os filhos, podendo transformá-los em indivíduos sem ética ou moral (religiosa).

Finalmente, *Progresso feminino* acompanha o rastro de deformações sobre as feministas inglesas e norte-americanas, divulgadas pelos periódicos do País e de outros centros. A ideologia dominante do país infere que esse tipo de luta reverterá não só a natureza da mulher como os papéis que ela e o homem desempenham dentro da sociedade. Não sendo visto com bons olhos, as autoras brasileiras da época⁹⁷ tentaram sempre afastar-se desse tipo de militância.

Na peça, a mulher, advogada, exercendo sua profissão na rua, veste-se com roupas masculinas, fuma charuto e dá as ordens para o marido. Este é um poeta, que gerencia a casa, toma conta do filho de meses e controla o orçamento. A ação se inicia já pela crise. Em casa, a cozinheira pede às contas e está marcado um jantar para pessoas que são clientes da advogada. A mulher, chegando em casa, encontra uma confusão, pois o marido não dá conta da alimentação do filho nem da cozinha. Há uma personagem mais velha e ignorante, futura cliente da advogada que a espera e corresponde ao julgamento das atitudes encontradas naquela casa invertida.

O interesse da peça é evidenciar que nem um nem outro, por "suas naturezas", foram feitos para desempenhar os papéis da sociedade de maneira invertida. Interessante, também, como a autora inverte as falas dos dois personagens mostrando que as relações não podem, de maneira alguma, se modificar.

O preconceito e a obediência às normas sociais escrevem esta peça.

A prosa de Amélia Rodrigues é diversificada pois, ao lado de inúmeros contos, escreve narrativas longas. Dois romances se apresentam definindo seu lugar nas letras baianas: *A promessa* (1896) e *Mestra e mãe* (1898). O primeiro foi publicado em *Leituras religiosas* e, posteriormente, traduzido para o alemão; o segundo teve mais de uma edição. *Mestra e mãe* foi indicado como livro de leitura dos terceiro e quarto anos primários, para a disciplina de Educação Moral e cívica; também ganhou, em 1908, a Medalha de Ouro, conferida pela Exposição Internacional Brasileira.

⁹⁷ Até agora já lemos artigos com o mesmo conteúdo das escritoras Anna Ribeiro, Eneida de Moraes (Pará, 1929), crônica transcrita pelo jornal *Iara*, e também duas peças de autoras baianas: a da própria Amélia Rodrigues e o monólogo de Maria Luísa de Souza Alves.

O livro implode com as oficiais classificações do cânone literário como romance. O texto constrói-se utilizando-se das formas simples da narrativa, tais como ditados, casos, contos, conjugados com ensaios de reflexão, ético-morais ou didáticos. A linguagem narrativa mistura-se a uma dicção mais íntima, mais oral, de uma conversa entre mulheres amigas, integrando o saber da experiência com o conhecimento da ciência.

Permeando todo o livro, unindo as partes, como fio condutor encontra-se mais ou menos esboçado um romance de formação que opera com duas pontas: o recomeço de vida da mulher madura e experiente (D. Mercês, senhora rica que perde sua família e fortuna devido à seca do Ceará) e, na outra ponta, a fase da adolescência de Eufrosina e sua formação para ocupar o lugar de esposa, mãe e administradora do lar. Do encontro dessas duas personagens, que irão interagir como filha e discípula e mestra e mãe, nasce o livro, recheado de lições pedagógicas e sobre a instrução da jovem. Qual será a instrução adequada para uma futura esposa? É a pergunta que subjaz na narrativa. Assim, os personagens construídos ilustram lições de cunho didático. Através deles, a autora cria situações que servem de mediações a suas reflexões e ao aconselhamento. Em muitos momentos, a voz narrativa em terceira pessoa rompe o distanciamento, abrindo espaço para a fala direta da narradora com as suas leitoras, comentando, enfatizando, dando relevo a algum ponto.

Como ensaio reflexivo sob uma ética teológica, analisa comportamentos morais dos indivíduos na sociedade, explicando através de vários casos exemplares, referentes à hipocrisia, à inveja, à cobiça, à igualdade entre sexos e classes. Outros casos referem-se à posição ética a ser guardada ou resgatada pela sociedade, como a mentira, o preconceito étnico e o de classe.

O livro também se propõe a criar um esboço de um programa pedagógico, ressaltando a importância da instrução para a mulher. Dentro do programa, a narradora evidencia ser fundamental que a instrução na escola venha acompanhada de normas éticas que devem ser compatíveis com a educação e os exemplos vivenciados na família.

Como a educação da mulher é o tema central, sua necessidade é demonstrada tanto para as moças de posses (para que elas não se tornem fúteis e percebam sua função na sociedade, como mães), como também

para as moças pobres, a fim de que essas possam sair de sua situação subalterna de classe.

A autora procura evidenciar o lugar que as mulheres ocupam nesta sociedade, colocando em pauta seu desempenho na vida familiar e também sua colaboração na política, pois são elas que educam e formam o caráter daqueles que irão ser cidadãos da pátria e é através dessa formação familiar que as mulheres se tornam o esteio do seu país.

A visão religiosa pode ser surpreendida através da atuação da mulher como mãe e esposa, papéis que exigem sacrifício e deveres, procurando equiparar os deveres das mulheres a dos homens.

A atuação no lar exige da mulher uma atividade administrativa, para supervisionar a alimentação, através de noções de higiene, para dirigir a casa e os criados.

Distribuída por todo o livro está a visão de Amélia Rodrigues sobre a instrução e boa formação da mulher enquanto menina. O objetivo do texto é dotá-la de uma educação e de uma instrução adequadas à grandeza da sua missão - o dever de dar uma formação à família e contribuir para a ação civilizadora da pátria. Para isso, sua educação deveria formar a mulher dona de casa, trabalhadora, de conceitos morais alicerçadas na religião e forte como a das escrituras. Ela não acata de todo a educação "moderna", a qual, segundo ela, faz da mulher um manequim de salão. O diálogo retirado do livro, evidencia a ambigüidade de posições da autora - entre os princípios da Igreja e da República.

[Diz D. Mercês]: Se eu tivesse sido educada por um pai ou por um mestre ímpio e descrente, se me tivessem ensinado a duvidar, com certeza não estaria mais viva. O desespero faria a sua obra em mim... como a faz sempre em outros.

Os nossos tempos são de ceticismo. Sabem o que é ceticismo? É a desgraça, é a dúvida, que degenera sempre em negação formal. A palavra do homem pretende usurpar os direitos da palavra de Deus. Mas na palavra de Deus é que está a verdade. [...] os espíritos sensatos não se satisfazem com esse vacilar de opiniões inconstantes; carecem de princípios certos, invariáveis, seguros, e só os encontram na palavra imutável de Deus, ensinada pela religião.

Este conteúdo demonstra que a posição da autora não diferia muito da mentalidade burguesa que, além da divisão de tarefas, direcionava a

mulher para a família e a educação dos filhos. A finalidade desses objetivos estava diretamente ligada à civilização da pátria, imaginário assumido pelos ideais românticos.

Vale aqui um parêntese: não se pode invocar uma defasagem estilística e de idéias de Amélia Rodrigues e seu meio, pois ainda ecoavam, na década de 90, o romantismo e escritores, escreviam ainda com uma visão romântica tardia, talvez pelo refluxo da tensão cidade e campo.

Toda a reivindicação da autora está diretamente relacionada com a necessidade da instrução feminina. Esta é necessária, seja para a moça abastada, seja para a moça pobre. Para a primeira, além de ajudá-la na educação e acompanhamento da formação dos filhos, inclusive auxiliada pela leitura de manuais filosóficos, morais ou pedagógicos, que já começavam a existir, pode, com os revezes da fortuna, sustentá-la sem necessitar da proteção de algum parente rico. O exemplo é a própria personagem principal, D. Mercês, que, tendo sido rica, ao perder tudo, pôde assumir uma profissão (a de professora leiga) devido a sua instrução. Há, no texto, uma comparação entre esta última e a professora formada, moça da cidade, transferida para as cidades do interior, que abandona seu trabalho naquelas escolas. E a causa, segundo a escritora, provém da falta de patriotismo da professora primária, que não se empenha em “civilizar o país”.

D. Mercês tem as principais condições para ser a professora daquela cidadezinha do sertão pois, além de ter exercitado a atividade no lar por ser mãe, consegue ter a dedicação e o senso de dever, agora, pela sua profissão, em relação ao destino daquelas crianças que dependem dela para “sair das trevas”. Daí o título do livro - *Mestra e mãe*. Também comparando a jovem professora desertora de sua escola e D. Mercês, a autora ressalta imediatamente que esta última tinha uma postura madura, porque a profissão de professora pouco diferia do papel de mãe. Embora ainda não claramente explicitada nesta fase, nota-se na autora a aceitação do que se denominou de “profissões femininas”, pois essas estariam muito próximas daquele desempenho dentro do lar, e sua rejeição às profissões liberais por distorcerem a configuração psíquica da mulher, além de masculinizá-la.

A preferência por uma educação baseada na moral religiosa implica aceitar uma subalternidade da mulher ao marido e a autora se posiciona por uma educação mais tradicional, contrária à educação moderna que,

segundo ela, levava a jovem a ser frívola, voltada apenas para a aparência, para os salões.

A educação a que falta a base sólida, incorruptível e poderosa da religião, será uma educação manca, toda de aparências, somente mais ou menos como um bonito palacete de papelão doirado que um louco mandasse fabricar para se abrigar.

.....
Educação modelada pelas normas sublimes do Evangelho - normas que nenhum sistema filosófico pode jamais nem poderá nunca igualar nem substituir - sentimentos morais a nutrir-se com a seiva vigorosa da fé - eis aí as raízes inabaláveis do dever, eis aí a verdadeira educação moral, sem a qual a instrução será mais prejudicial do que útil, sem a qual o homem não pode ser senão desgraçado, quase sempre injusto e cruel.

Também preocupada com as camadas mais baixas da população, ela constrói uma personagem pobre, filha de índio e negro. Através desta moça, também é demonstrada a necessidade de estudo e de instrução para poder se sustentar. Pelas situações criadas, percebe-se que a autora reduz as reivindicações da sua época apenas à educação e à instrução da mulher. A instrução incluía geografia, história, higiene, economia doméstica, uma aula de curiosidades (um embrião de ciências), ao conjunto de matérias já tradicionalmente adotadas para a formação da mulher - (“Gramática, aritmética, línguas, música, desenho e pintura, costura e bordado”).

A pedagogia devia utilizar o ensino indutivo, que utilizasse a inteligência, a compreensão ao contrário da escola tradicional que procurava enfatizar a memorização. Percorrem todo o texto citações ou indicações de livros (franceses e alemães) que podem melhorar a formação pedagógica da professora.

O método de ensino de [D. Mercês] era uma mistura de tudo o que havia encontrado de melhor nos diversos pedagogistas que lera. O seu ensino era racional, adaptado ao meio em que se achava, todo intuitivo [= indutivo] e prático. Não exigia das alunas, sobretudo das menores, grandes esforços de aplicação fora das horas de aula [=memorização]; habituara-as desde logo a exercitarem a inteligência de preferência à memória, observando, compreendendo, julgando por si.

Evidentemente, que o “programa para a mulher” de Amélia Rodrigues não difere das propostas anteriores e integra a ideologia republicana. No entanto, note-se que a pessoa que fala, embora imbuída dos ideais burgueses, não é uma mulher de classe alta, mas uma mulher que se mantém através de seu trabalho, como professora ou como diretora de sua própria escola.

O conjunto de idéias sobre a emancipação da mulher está enredado com a ideologia da época de formar a mulher para casar-se, procriar e administrar o lar, fato que fica explicitado nos últimos capítulos do romance

No entanto, algumas idéias pedagógicas e a preocupação em oferecer uma instrução mais consistente para a mulher, independente de classe social, já apontam uma mentalidade projetada para a atuação que a mulher irá exercer na esfera pública. Amélia Rodrigues veiculava, assim, a visão de uma futura classe média, que via a instrução como instrumento de mobilidade de classe e de detenção de um poder.

Finalmente, os textos de militância de Amélia Rodrigues são a maior revelação da escritora.

A partir de sua produção, mais especificamente, de seus poemas da década de 80 até seu livro *Mestra e mãe*, de 1898, passando pela sua militância religiosa, seja através de discursos, seja através dos artigos das duas revistas por ela fundadas em Salvador, pode constatar-se que sua posição em relação à emancipação da mulher reduz-se, neste primeiro momento, à necessidade de uma instrução adequada para exercer a sua “missão”, o lar, a criação dos filhos.

No entanto, se não está explícita, nos seus primeiros textos, a idéia de uma profissionalização da mulher, encontra-se implícita, de alguma maneira, a importância da educação para aquelas mulheres que não têm fortuna.

A militância da autora insere-se entre o momento de luta pela igualdade de direitos (que se reduz a uma melhoria na educação da mulher) e seu refluxo na primeira década do século XX e, na outra ponta, o recrudescimento da campanha pelo voto feminino nos anos 20/30.

Das idéias expostas em *A Paladina*, é possível acompanhar as etapas da construção do seu feminismo, o qual, se, no início, reflete muito o pensamento conservador da Igreja e da sociedade local, vai sendo gradativamente ampliado pela autora em seus contatos com as notícias

do movimento no mundo ocidental, veiculadas pelos periódicos ou pelo embate com outras mulheres do Rio e de S. Paulo que publicavam suas próprias revistas. Assim é que, em seu último trabalho “O feminismo e o lar”, de 1922, a autora baiana já expõe um pensamento, que até então não ficava visível.

Durante longos séculos, ninguém o ignora, a filha de Eva não foi mais que uma flor, que o homem trazia à lapela por vaidade, ou encerrava na estufa, por zelo ou ciúme; flor que se vendia ou se dava, arrastada no enxurro ou nos salões doirados, mas sempre à vista do dono, para lhe perfumar a existência ou envenenar-lha, não raro.

A menos que se chamasse Semiramis da Babilônia, Catarina da Rússia, Maria Teresa da Áustria ou Vitória da Inglaterra, outra sorte não tinha senão a que os homens lhe queriam dar, a sorte de escrava mais ou menos brilhante.⁹⁸

Para quem está a ler, de maneira seqüenciada, a produção paraliterária da autora, este texto representa um grande avanço em suas reflexões.

A militância da escritora pode ser visualizada em três etapas: a primeira, que se inicia com poemas e culmina com a publicação do livro *Mestra e mãe*; a segunda, quando reforça a militância da mulher católica para uma ação fora do âmbito familiar, participando da atividade social no auxílio às crianças desamparadas, assim como uma interferência na sociedade, exigindo da imprensa, do cinema, um respeito aos princípios éticos e morais deliberadamente cristãos, documentado através dos seus artigos nas revistas de Salvador e Rio de Janeiro. Finalmente, a última etapa, quando a autora, já no Rio de Janeiro, entra em contato com o debate amplo das idéias, com os primeiros ganhos da mulher na área profissional e na luta pelo direito ao voto.

Depreende-se dos seus primeiros textos um posicionamento cauteloso, tomando por parâmetros os ideais da sociedade burguesa com seu discurso sobre o progresso e a divisão de tarefas entre o homem e a mulher, tudo isto visto sob a perspectiva ético-teológica católica. Esta cosmovisão, se não explicita a situação de opressão da mulher na

⁹⁸ *Ação social feminina. Leituras católicas*, 1923.

sociedade - pois sua identificação com a imagem idealizada da Virgem Maria estabelece, de alguma forma, o controle do corpo e do comportamento da mulher e constrói o papel de mãe, talvez, pela primeira vez uma identidade positiva para a mulher —, também não rompe com o *status quo*, que, precisando do trabalho da mulher na esfera doméstica, não a iguala ao homem em direitos, mas sim reafirma sua subordinação. Podemos observar que a encíclica de 1880, do Papa Leão XIII, esforça-se em realinhar a posição da mulher aos parâmetros da sociedade burguesa, que conferia a ela o papel de educadora e formadora dos filhos, dentro de um ideal de progresso individual e coletivo. Provavelmente, Amélia Rodrigues se movimentou seguindo as diretrizes do texto papal, que se posiciona:

O homem é o chefe da família e a cabeça da mulher; esta, todavia, por isso que é a carne de sua carne e osso dos seus ossos, deve submeter-se a obedecer a seu marido, não à maneira de uma escrava, mas na qualidade de companheira, para que não falte nem a honestidade, nem a dignidade na obediência que ela lhe prestar. ⁹⁹ (grifos nossos)

Na militância pela construção de um feminismo cristão, como ela mesma afirma, em 1910, no artigo de fundo que abre a revista *A Paladina*, a autora quer tocar a mulher cristã e transformar sua atitude porque, até então, ela se restringia a atuar apenas na esfera privada, ampliando seu campo de ação para a esfera pública.

Sempre sobre a égide da Igreja, procura modificar profundamente o comportamento da mulher de classe alta, inclusive fundando revistas femininas. *A Paladina*, cujo primeiro número sai em 1910, conta com um corpo de colaboradoras que se propõe a discutir a condição subalterna da mulher na sociedade, ao mesmo tempo que busca reverter os preconceitos científicos ainda vigentes na mentalidade local. Considerando-se uma 'feminista católica', a autora não ousa abraçar as propostas sufragistas — tão criticadas pela imprensa e malvistas pela sociedade — nem as propostas emancipadoras da 'mulher moderna', que assumia profissões iguais as dos homens e propugnava o amor livre.

⁹⁹ Stein, Ingrid. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 39.

Procurando manter-se no meio, utiliza-se dessa estratégia para não se ver renegada pela sociedade e poder penetrar nos lares baianos. Alguns trechos do artigo inaugural da revista mostram as ambigüidades da autora:

Em diversos países da velha Europa e da jovem América, na França, na Itália, na Espanha e no Uruguai, a mulher está agindo, dentro dos limites dos seus deveres de guarda do lar, contra as doutrinas maléficas dos desorganizadores sociais, contra os costumes e morais que depauperam, em todos os sentidos, os povos e as raça e mergulham as famílias em ondas de lágrimas.

.....
Ninguém o negará!... E, porque realmente é assim, urge que a mulher brasileira também se revista de força e coragem, imitando as mulheres educadas e cristãs de outros países, e deixe de ocupar-se unicamente de coisas frívolas, de enfeites e divertimentos, para preocupar-se de assuntos sérios e graves que entendem com a sua felicidade, com a felicidade de seus entes queridos e da Pátria adorada.

É isso que faz, é isso que quer o já numeroso grupo de senhoras baianas reunidas em torno d'*A Paladina*, - seu modesto porta-voz...

Elas se agitam agora, enfim!... E resolvem pôr-se à testa de um movimento novo; salutar, pacífico, - o primeiro dessa natureza que o sexo frágil e delicado ousa empreender de público entre nós, de viseira erguida, sem temor de empecilho algum...

.....
Não é muito portanto que nós outras trabalhadoras da paz, acostumadas às lidas do lar, da escola e da pena, peçamos um lugarzinho modesto à imprensa de nossa terra, - campo atual de combate, para esgrimir a seu lado, embora companheiras fraquíssimas, pelo nosso ideal tão bonito, pela defesa da moral - força diretriz da verdadeira grandeza dos povos.

Que Deus nos conduza!...

.....
Não levantamos a bandeira do feminismo sufragista, nem advogamos os pseudos-direitos da mulher moderna, que pretende astutamente invadir o terreno da ação masculina, deixando a erva crescer no seu.

Se feministas somos é no bom sentido, no sentido cristão, como tantas senhoras o tem sido no decorrer dos séculos e o são agora em alguns países europeus e americanos.

Nas sociedades bárbaras e selvagens, quando a mulher era simples "animal de carga", nada se lhe exigia se não isso, mas depois que ela passou a ser a companheira, a auxiliar, a irmã espiritual do homem, capaz de compreendê-lo, de ser-lhe muitas vezes conforto e guia, não pode, não deve a sua influência ser posta à margem do problema social, porque precisamente no seu papel de mãe e educadora representa ela um fator importante, que não convém desaproveitar.

Assim, saindo da alma da mulher baiana e cristã, não como facho de guerra mas como anjo da paz, A Paladina quer voar alegremente para o regaço das filhas do Brasil, entornando-lhes no coração uma onda de flores e perfumes saudáveis, depondo-lhes na frente um beijo de carinho fraternal, desejando-lhes um futuro feliz.

Cheia de confiança, ela conta desde já com o apoio dos homens de bem.¹⁰⁰

Após a consolidação da revista, Amélia Rodrigues funda *A Voz da Liga das Senhoras católicas baianas* (1912), para tentar reverter a inércia da família cristã ante a laicização e os problemas sociais, procurando ampliar o campo de ação da mulher para a esfera pública, para os trabalhos assistencialistas da Igreja com crianças e velhos, tomando como modelo o movimento religioso europeu, principalmente desenvolvido na Espanha e na Itália.

Apesar de todo o discurso ambíguo, de voltas e contramarchas, de claros e escuros que aparece na obra de Amélia Rodrigues não se pode deixar de perceber que ela, na Bahia, escritora do final e princípio do século XX, é aquela que em seu tempo mais avança quantos às questões da mulher.

¹⁰⁰A *Paladina*. Salvador: jan., 1910, n.1.

V
PRODUÇÃO de AMÉLIA RODRIGUES

- Produção em Verso:¹⁰¹

Filenila (poemeta) Bahia, 1883.*

Bem-me-querês. Bahia:Esc. Tip. Salesianas, 1906.

Catecismo em cânticos. Niterói: Escolas Prof. Salesianas, 1925; 2 ed., 1941.

Flores da Bíblia.(poesia) v. I Niterói: Escolas Prof. Salesianas, 1923; v. II. Niterói: Escolas Prof. Salesianas,1933. (Póstumo)

- Contos:

Do meu arquivo; contos e fantasias.[?], 1913; 2 ed., Bahia: Livraria N. S. Auxiliadora, 1929.¹⁰²

- Romances:

O mameluco
A promessa. Niterói: Esc. Prof.. Salesianas, 1896 (Leituras Católicas); 2 ed., Niterói: Escolas Prof.Salesianas,1914. (Leituras Católicas. N.83 Ano II, nov. Fasc.XI) *

Mestra e Mãe. 1898; 3 ed., Petrópolis: Ed. Centro da Boa Imprensa, 1925; 4 ed. Bahia: Liv. Ed. N. S. Auxiliadora, 1929.

Das Verfpreden = "A promessa" (Versão de Lehnmann, ilustrada por Gustav Olms) (1903) *

Um casamento à moderna; romance. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1924.*

* Obra não localizada

¹⁰¹Material localizado nas seguintes bibliotecas:

Fundação Instituto Feminino da Bahia (encontra-se o acervo da autora, inclusive manuscritos)

Biblioteca do Mosteiro de São Bento. Salvador.(Periódicos)

Biblioteca do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia - Salvador. (Livros)

Biblioteca Central do Estado da Bahia - Salvador (Livros e periódicos baianos)

Biblioteca da Fundação Clemente Mariani. Salvador (Livros)

Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro (Coleção Leituras Católicas)

¹⁰²Vários outros contos foram encontrados em periódicos.

Prosa literária:
Cartas a uma amiga [1902?] *

Biografias:
A flor do Desterro; biografia de Madre Vitória da Encarnação. Niterói: Escolas Prof. Salesianas, [?]

Teatro:
Justa (drama em 4 atos) 1886. (manuscrito)
Atividade. (drama sacro). 1889 Música R. Domeneck. Cenários: Lopes Rodrigues.
Caridade. A porfia das flores. Bahia: Tip. Salesianas, 1901. (Leituras recreativas, 5)
Arieta das Flores. O Bilhete de Loteria. Poesias. Bahia: Escola Tip. Salesianas, 1901. (Leituras recreativas)
Charlatão. 1901. *
Madrasta; drama em 1 ato. In: *Almanaque do Mensageiro da Fé*. Bahia: Tip. São Francisco, 1917. n.3
Orboleta e abelha (drama) Niterói: Esc. Prof. Salesianas, 1921; 4 ed. Petrópolis: Ed. "Vozes", (Palco Juvenil)
Filho adotivo.* [?]
No campo da imprensa.(farsa). 1916. (manuscrito)
Antes do leilão das flores 1921.*
Receitas infantis. Niterói: Escolas Prof. Salesianas. 1922
Remedios de grande tom. Recife: Publicações dramáticas, 8.*
Educação. O afoito e o teimoso. A loteria de Madri ou a ocasião é que faz o ladrão. Recife: Publicações dramáticas, 10.*
Teatro infantil (1 fasc.), inclui: *Hoje, amanhã; Santos amores; O meu dever; Se dependesse de mim; As duas colegiais; O ramo de flores*. Niterói: Esc. Prof. Salesianas. (Leituras Católicas, 232); 2 ed., 1922.
Teatro Infantil (2 fasc.), inclui *Pedindo desculpas no começo de uma festa de férias; O anjo dos pobres; O pintor malogrado; A ralhadeira*. Niterói: Esc. Prof. Salesianas. (Leituras dramáticas, 236)*
Almas sertanejas. (drama nordestino em 3 atos). Lavrinhas/S. Paulo: Tip. Salesianas S. José, 1923. Leituras dramáticas de Lavrinhas; 2 ed. Niterói: Esc. Industrial D. Bosco, 1961. Revista *Leituras Católicas*, n. 835.*

Teatro Infantil (3 fasc) *O meu presente; As vontades de Letícia*. Niterói: Leituras Católicas, 1909; 2 ed., 1924.
Dois gênios opostos. Niterói: Esc. Prof. Salesianas, 1924. Leituras Católicas *
O vagabundo (cômico-dramático). Recife: Publicações Dramáticas, 121)*
As férias; Lembrança de uma festa colegial. Recife. (Publicações Dramáticas). (manuscrito)
A leitora de romances. Recife: Colégio Salesiano do Recife. (Publicações dramáticas).*
Progresso feminino (comédia). Niterói: Escolas Prof. Salesianas, 1924 (Leituras Católicas) n. 506
O leilão da rosa; diálogo. Bahia: Instituto Feminino. 1926. Santa conspiração (manuscrito)
O mar (manuscrito)

- Livros não literários:
O ódio sem fim; a propósito da perseguição religiosa. Bahia: Esc. Tip. Salesianas, 1901
Ação social feminina. Niterói: Escolas Prof. Salesianas, 1923.
Verdadeira Missão Social da Mulher (discurso inaugural da Associação das Damas de Maria Auxiliadora, em 4 de agosto de 1907). Bahia: Esc. Tip. Salesianas, 1907.
O feminismo e o lar; conferência pronunciada em 27.out. 1921, na Ass. dos Empregados do Comércio da Bahia. Niterói: Esc. Profissionais Salesianas, 1923. Leituras Católicas.

- Traduções identificadas:
O Filho do Homem (de Ana Baronesa de Vom Krane).*
O presépio de São Francisco de Assis (de Frei Mateus Achneiderwerth)
O bufarinheiro. de Y D'Isné. Bahia. Escola Tip. Salesianas, 1902. (Leituras recreativas)
A Porteira Celeste; lenda da antiga Viena. Tradução do alemão pela autora.*

Responso de Santo Antônio. (versão de Amélia Rodrigues) Orbe
seráfico. Bahia, 1.6.1932(?). Ano IV, n. 12. *

Além de colaborações em vários periódicos de Salvador, Niterói, Rio de
Janeiro, S. Paulo, Minas Gerais e Recife

SUMÁRIO

Apresentação	05
Fausta (peça dramática)	07
Itinerário intelectual	79
Bibliografia	121